

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de História, Direito e Serviço Social

ROBERTO SALVADOR

**A ÉTICA NA EDUCAÇÃO:
UM COMPONENTE DE MUDANÇA DE CONDUTA**

**Franca- SP
2007**

ROBERTO SALVADOR

**A ÉTICA NA EDUCAÇÃO:
UM COMPONENTE DE MUDANÇA DE CONDUTA**

**Dissertação de Mestrado apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Serviço Social,
área de concentração: Serviço Social: trabalho
e sociedade, linha de pesquisa: Serviço Social:
mundo do trabalho.**

Orientação do Prof. Dr. Ubaldo Silveira.

Franca-SP

2007

Salvador, Roberto

A ética na educação : um componente de mudança de conduta / Roberto Salvador. –Franca: UNESP, 2007

Dissertação – Mestrado – Serviço Social – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP.

1. Ética – Aspectos históricos e filosóficos. 2. Ética e educação. 3. Educação para a paz. 4. Formação moral – Cidadania.

CDD – 370.1

***Dedico a meus queridos filhos Aline e Lucas
e à minha querida esposa Cidinha***

AGRADECIMENTOS

Expresso meus sinceros agradecimentos às pessoas que estiveram presentes no percurso da realização deste trabalho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Ubaldo Silveira, pelas orientações que ultrapassam a realização deste trabalho e atingem a minha vida profissional e pessoal.

Aos Professores Antonio Carlos de Andrade , Edna Tallarico e Adriana Guimarães C. J. Reis pelo apoio que me deram na superação das minhas dificuldades.

Aos meus pais – Redentor Salvador Furlan (in Memoriam) e Julieta Tuassa Furlan pelos ensinamentos morais, pelas orações e pelo exemplo de vida que me transmitem.

Preciso agradecer com tamanha exaltação a minha querida esposa – Maria Aparecida Tondini Salvador – e meus queridos filhos – Aline Tondini Salvador e Lucas Tondini Salvador – pela valiosa ajuda e pela compreensão por parte desse esposo e pai atarefado nos finais de semana e feriados em razão da dissertação de mestrado.

O AMOR

A inteligência sem amor, te faz perverso

A justiça sem amor, te faz implacável

A diplomacia sem amor, te faz hipócrita

O êxito sem amor, te faz arrogante

A riqueza sem amor, te faz avaro

A docilidade sem amor te faz servil

A pobreza sem amor, te faz orgulhoso

A beleza sem amor, te faz ridículo

A autoridade sem amor, te faz tirano

O trabalho sem amor, te faz escravo

A simplicidade sem amor, te deprecia

A oração sem amor, te faz introvertido

A lei sem amor, te escraviza

A política sem amor, te deixa egoísta

A fé sem amor te deixa fanático

A cruz sem amor se converte em tortura

A vida sem amor... não tem sentido

Desconhecido

RESUMO

O tema da Ética vem sendo constantemente apresentado sob óticas diferentes demonstrando a sua importância para o período histórico em que vivemos. A educação, objeto de tantos estudos e críticas, ocupa um papel fundamental na formação intelectual e moral do ser humano. Assim, Ética e Educação tornam possível a formação do ser humano comprometido com o entendimento, a compreensão, a solidariedade, o respeito, possibilitando o desenvolvimento de pessoas com claras noções de humanidade e de justiça. A presente dissertação de Mestrado tem como objetivo analisar e compreender como o corpo docente e discente da Escola Maria Amália Volpon de Figueiredo, do município de Morro Agudo, Estado de São Paulo, desenvolve a dimensão ética no cotidiano escolar e quais as mudanças ocorridas no comportamento dos envolvidos neste processo. No desenvolvimento da pesquisa investigamos a Ética e a Educação em diferentes períodos históricos e em suas várias dimensões e direcionamos as discussões para o caso particular da escola Maria Amália Volpon de Figueiredo em Morro Agudo-SP

Palavras-chave: ética e educação; educação e compromisso; formação moral; educando para a paz: construindo cidadania.

RÉSUMÉ

The subject of Ethics has been constantly presented under different perspectives demonstrating its importance to the historical period in which we live. Education, the subject of many studies and criticism, plays a key role in the intellectual and moral formation of the human being. Thus, Ethics and Education make possible the formation of the human being committed to the understanding, solidarity, respect, enabling the development of people with clear notions of humanity and justice. This dissertation of Master aims to analyze and understand how the faculty and students of School Maria Amalia Volpon de Figueiredo from the city of Morro Agudo, State of Sao Paulo, develops the ethical dimension in the daily school and what changes occurred in the behavior of those involved in this process. In developing of the search we investigated the Ethics and Education in different historical periods and in its various dimensions and focused discussions in the particular case of the School Maria Amália Volpon de Figueiredo in Morro Agudo-SP.

Keywords: Ethics and Education; education and commitment; moral formation; education for peace; building citizenship

LISTA DE SIGLAS

CEE	Conselho Estadual de Educação
CET	Centro Estadual de Tecnologia
CNBB	Conferência nacional dos Bispos do Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
ONU	Organização das Nações Unidas

LISTA DE FOTO

Foto 1 - Prof. Maria Amália Volpon de Figueiredo.....	124
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 ÉTICA: ASPECTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS.....	22
1.1 A ética na antiguidade	22
1.2 A ética na Idade Média	32
1.3 Ética nos períodos moderno e contemporâneo	34
1.4 Uma ética par o século XX.....	50
CAPÍTULO 2 A EDUCAÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES.....	61
2.1 Educação: o despertar da consciência	61
2.1.1 O sentido da educação	65
2.1.2 Educação: um processo de libertação	73
2.2 Educação: formando integralmente o ser humano	75
2.2.1 Aspectos da escola no Brasil	84
2.3 Educação e ética: compromisso com o ser humano	90
2.4 Educação e distribuição de renda: fatores básicos de inclusão social	100
CAPÍTULO 3 ÉTICA NA EDUCAÇÃO: UM COMPONENTE DE MUDANÇA DE CONDUTA	108
3.1 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional	108
3.2 A questão ética vista pelos profissionais e estudantes da escola Maria Amália Volpon de Figueiredo	122
3.2.1 Histórico da Escola Maria Amália Volpon de Figueiredo	122
3.2.2 Análise do Projeto Pedagógico.....	124
3.2.3 Análise dos planos de ensino de ética e cidadania dos anos de 2005 – 2007.....	128
3.2.4 Análise das entrevistas.....	129
3.3 Educação para a paz, a não violência, a tolerância, a compaixão, a solidariedade, a cidadania, a justiça e o amor	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
REFERÊNCIAS	171

INTRODUÇÃO

A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, gênero e classe. É por esta ética inseparável da prática educativa que devemos lutar, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos. A melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles.

(Eduardo C. B. Bittar)

Este trabalho é resultado de nossa trajetória de pesquisa no curso de mestrado de Serviço Social, pois todo trabalho científico é constituído pelo recurso histórico e pelo desenvolvimento intelectual do seu autor. Durante a elaboração do projeto de pesquisa delineamos os primeiros passos nas investigações sobre a importância da Ética na educação e da relação intrínseca entre elas. Ao ingressarmos no programa de pós-graduação aprofundamos nossos estudos que resultou no que apresentamos em seguida.

A Ética na Educação: Um Componente de Mudança de Conduta é resultado da pesquisa em nível de mestrado, que teve como principal objetivo analisar os estudos de Ética na escola Maria Amália Volpon de Figueiredo em Morro Agudo-SP, e verificar até que ponto eles contribuem para a formação de seres humanos autênticos, solidários e comprometidos com os outros. Para atender tal objetivo, percorremos as questões referentes à Ética e à educação desde a Grécia Antiga até os dias atuais, o que possibilitou o entendimento do quanto elas são complementares, sem perder de vista a dimensão individual de cada uma delas.

Durante as leituras que embasaram esta pesquisa, notamos que a Ética tornou-se uma preocupação constante dos filósofos e dos estudiosos desde a Antiguidade, visto que o homem diuturnamente está em busca da felicidade e esta por sua vez depende das escolhas que se faz. Uma vida feliz não se constrói com coisas suntuosas e festas constantes, mas com o raciocínio sóbrio que busca as causas de todas as escolhas, sendo a prudência a maior virtude, de onde nascem todas as outras, é ela que ensina aos homens que não se pode ter uma vida feliz sem sabedoria, beleza, justiça, doçura. A vida feliz é inseparável às virtudes.

Para Epicuro (1988, p. 19): “A justiça não tem existência por si própria, mas sempre se encontra nas relações recíprocas, em qualquer tempo e lugar em que exista um pacto de não produzir nem sofrer dano.”

Constatamos que para os filósofos gregos é importante ser vigilante e controlar seus desejos e suas paixões em relação ao comportamento ético. Segundo Epicuro (1988, p. 20): “O homem que tenha alcançado o fim da espécie humana será honesto mesmo que ninguém se encontre presente. O sábio e ético é aquele que sabe viver com sensatez e independência dos desejos que em si possui”.

O que esses pensadores pretendiam era tornar os homens seres conscientes e responsáveis pelas suas próprias escolhas, eliminando qualquer possibilidade de influência mitológica ou divina em relação às atitudes humanas. O homem consciente é um ser preocupado, no sentido crítico da palavra, voltado à reflexividade, ao amadurecimento individual e coletivo. O centro do viver para este homem é a busca incansável do desenvolvimento das virtudes, de todas as virtudes que se opõem à ignorância, virtudes para as quais o homem propriamente nasceu, por isso, para Sócrates, a virtude pode ensinar-se, desde que cada um busque o conhecimento de si mesmo e o conhecimento causal de cada coisa. Para isso, é importante que os homens tomem consciência de si mesmos, sejam livres por meio do saber, busquem conhecer sua essência.

Ao contrário do relativismo dos sofistas é importante que se desenvolva um conjunto de virtudes como a solidariedade, a justiça, a temperança, a abnegação, a doçura, a honestidade, a prudência, a gratidão, a coragem, o altruísmo, necessário para a prática da Ética em todos os momentos, circunstâncias e com todas as pessoas, inclusive consigo mesmo. Embora houve uma grande mudança de valores da Antiguidade até os tempos atuais, as virtudes apontadas pelos pensadores antigos como sendo importantes para uma convivência saudável entre as pessoas continuam tão importante hoje quanto naquele período.

Nesse contexto percebemos que o homem, sendo por natureza um ser racional, realiza pela razão, tanto a sua humanidade, quanto tem possibilidade de realizar o bem, entendido como felicidade e virtude. Entretanto, para a realização do bem é necessário que se tenham as virtudes naturais que, segundo Platão, é a sabedoria, a temperança, a fortaleza e a justiça. “Estas são as quatro virtudes que passaram a ser consideradas como as virtudes cardeais, inclusive pelo próprio cristianismo.” (MARIAS, 1982, p. 72)

Registra-se também que nenhuma virtude moral surge no homem espontaneamente, ou seja, por natureza, as virtudes morais são adquiridas através do exercício, do empenho, da determinação.

Diante disso, constatamos a importância de proporcionar educação ética para todos os educandos para que eles possam incorporar valores em seu processo educacional a fim de se tornarem seres humanos justos e solidários em todos os ambientes de convivência. A

Ética prevê ações construtivas que possam contribuir para que os homens estabeleçam entre si relações de respeito e ajuda mútua. Isto para Aristóteles constrói a felicidade. “A felicidade é a plenitude da realização ativa do homem, no que tem de propriamente humano.” (MARIAS, 1982, p. 96)

É aqui que percebemos mais uma vez a importância da Ética como uma ciência ou até mesmo uma sabedoria capaz de despertar os valores e sentimento de justiça, solidariedade e co-responsabilidade na construção de uma sociedade onde todos possam viver com dignidade e alegria. A Ética entra nesse contexto como um estudo que visa contribuir para que o homem pratique o bem, para que ele tenha ações virtuosas, desde que essas ações visem o bem, a felicidade de todos e se tenha um acordo entre elas. A questão central é a felicidade, pois quem é feliz vive bem e age bem, procurando ter atividades virtuosas. Assim, para Aristóteles (1987, p. 17):

Porque pode existir o estado de ânimo sem produzir nenhum bom resultado, como no homem que dorme ou que permanece inativo; mas a atividade virtuosa, não: essa deve necessariamente agir, e agir bem. Também as coisas nobres e boas da vida só são alcançadas pelos que agem retamente.

É a partir da concepção clássica de Ética e de virtudes, que embasamos nosso trabalho e construímos nossas concepções sobre a importância da Ética no processo de educação de todo ser humano.

Na sequência de nossa pesquisa, analisamos a Ética na perspectiva da Idade Média e notamos que o amor torna-se o ponto central da Ética cristã, onde a caridade passa a ser a virtude primordial e a consciência determina que o objetivo final do ser humano não é terreno, mas descobrir Deus que reside no próprio homem.

Na medida em que Deus passa a ser o centro de todas as coisas e de todas as decisões humanas, a moral passa a ser um movimento do ser humano para Deus e este fim é alcançado através do conhecimento e da contemplação. Acreditamos que vários fatores são determinantes em relação a ela, contudo, nos parece certo que para que o ser humano tenha uma conduta ética, seja necessário uma educação calcada em valores também éticos.

Esses valores na Idade Média são valores adquiridos com a contemplação de Deus. Na perspectiva da Idade Média, os valores são transcendentais, pois, eles resultam da benevolência divina. Justamente porque, nesse período histórico o que predomina é a idéia teocêntrica, ou seja, Deus é o centro de tudo. A pessoa moralmente correta é identificada como um ser temente a Deus, ou seja, a moral é baseada em valores religiosos.

É importante ressaltar que o comportamento ético pode ser influenciado por doutrinas e idéias, mas, sobretudo, por modelos pessoais de vida que servem para o conjunto da sociedade. Na Idade Média este grande modelo foi sem dúvida São Francisco de Assis, que, após sua conversão, passou a viver de forma autêntica e justa. É importante ressaltar que alguns de nossos entrevistados frisaram a importância do exemplo prático como meio de formação de caráter como se pode constatar no item dois do capítulo três.

Durante o período Moderno e Contemporâneo, percebe-se um racionalismo maior nos estudos sobre Ética e comportamento humano. O homem que não ultrapassa o que a razão determina tem grandes facilidades de administrar a si próprio, viver com serenidade e bom senso em relação à causa que seja útil a si e aos outros. As paixões podem nos dominar por completo, provocando um descontrole e, por conseguinte, um grave dano.

Montaigne (1988, p. 181) nos alerta:

[...] quem não sabe fechar a porta às paixões, não as pode expulsar depois de entrarem; quem não as liquida de início não as domina ao fim; quem não prevê o abalo do prédio não lhe evita a queda: 'pois desde que nos afastemos da razão, brotam sozinhas as paixões; a fraqueza humana compraz-se em não lhes resistir, e insensivelmente vemo-nos, em virtude de nossa imprudência, arrastados para o alto-mar, sem abrigo a nosso alcance.

Daí a necessidade do homem ser crítico e consciente de suas ações, pois sabemos que o homem, por natureza, é um ser suscetível ao bem, porém, por acidente, pode ser suscetível ao mal. De tudo que sabemos até agora, o homem nasce bom, portanto, a natureza humana é, na essência, boa, contudo, através do processo de sociabilidade e de socialização, os homens que não conseguem governar as afecções podem se tornar maldosos.

A razão se esforça constantemente para conhecer, por entender que sua maior utilidade seja aquela que leva ao conhecimento, pois o conhecimento nos possibilita uma maior compreensão da realidade, podendo inclusive, contribuir com uma maior conservação da natureza. Os impulsos, as paixões não estão de acordo com a nossa natureza. Na medida em que nos deixarmos dominar pelas paixões pode gerar conflitos porque as paixões são muito diferentes de um homem para outro. A razão nos leva à concordância, enquanto as paixões nos levam a ser contrários uns aos outros. A coisa mais importante para o homem é viver sob a direção da razão.

Aquele que age por virtude age de acordo com a razão, nesse sentido, todos que agem assim buscam um bem que é comum a todos, sendo que, por virtude, o bem que cada um busca para si, busca para todos. Por conseguinte, essa prática constante da virtude e da razão,

aproxima o homem de Deus que é o bem supremo, que por sua vez, contribui diretamente para que o homem seja virtuoso e aja pela razão.

Este homem que se deixa conduzir pela razão e, por isso, é livre, tem consciência de que o amor precisa ser forte para vencer a maldade, o ódio e todo tipo de sentimento ou paixão que possa provocar algum dano a si ou a outro ser humano, ele entende que o bem que quer para si deve ser estendido para os outros também. Há homens que possuem grandes valores morais que mesmo quando tentados por objetos exteriores não se deixam levar por eles, pelo contrário, renovam seu empenho com bastante alegria e se fortalecem nos princípios, contribuindo imensamente para a realização da felicidade.

De acordo com Hume (1989, p. 164), é possível promover alteração do caráter através da educação:

Os prodigiosos efeitos da educação são de molde a convencer-nos de que o espírito não é completamente inflexível e obstinado, e é capaz de admitir muitas alterações em sua natureza e estrutura original. Quando se está firmemente convencido de que na vida o melhor caminho é o da virtude, e se tem força de ânimo suficiente para durante algum tempo impor restrições a si mesmo, não há motivos para desesperar da reforma do espírito.

A educação dos sentimentos se insere dentro de um trabalho pedagógico mais amplo, que tem como objetivo tornar o educando um cidadão crítico, para que saiba discernir e julgar com autonomia, sem a aceitação passiva da autoridade alheia. É importante preparar o indivíduo para que ele possa agir politicamente como um cidadão e não como um súdito. A contribuição dos períodos Moderno e Contemporâneo foi muito importante para percebermos que a educação quando consegue a formação do caráter contribui sobremaneira para a construção de comportamento justo.

A transição do século XX para o século XXI nos impõe uma difícil tarefa a enfrentar, da qual ninguém pode se eximir, pois, nem os comportamentos comuns, nem o trabalho dos pensadores sobre a Ética dão conta de enfrentar os deslocamentos provocados por ela. Daí a busca da Ética tornar-se peculiar. Não a Ética como estudos filosóficos e acadêmicos apenas, o que também é muito importante, mas acima de tudo, como presença indispensável no mundo.

O ético é visto como uma qualidade, como uma forma de ser que se opõe ao mundo instituído, sem deixar de ser uma forma de mundaneidade. Ser ético é travar uma luta permanente na tentativa de impedir a formação de maus hábitos como mentir, explorar os outros ou ser violento. Entretanto, um segundo fator é também muito importante para

exigência do ser ético: o dia a dia renova constantemente as tentações. Isto exige do ser humano um esforço crítico e atitudes constantemente construtivas para enfrentar as situações impostas pelo mundo. Ora o movimento do mundo nos aproxima do ético, ora ele nos afasta na direção contrária. Daí a necessidade de grandes virtudes para suportar as propostas indecentes e absurdas que o mundo nos impõe.

Precisamos promover a transição da Ética de princípios, aquela que nos faz indignar com o sofrimento alheio, para a Ética de atitudes, aquela que nos leva a desenvolver ações concretas, capaz de influenciar positivamente a sociedade. A virtude indispensável para o desenvolvimento dessa ética é a solidariedade, já que esta virtude permite aos seres humanos desenvolver experiências de olhar o mundo e a realidade na perspectiva do outro, sobretudo dos mais fracos e excluídos. Cada ato solidário, cada movimento de solidariedade para com os mais fracos e necessitados pode colaborar diretamente para o desenvolvimento da cultura solidária.

Presenciamos, no início desse milênio, uma profunda desigualdade social e grandes riscos ecológicos promovidos pela produção de armas químicas e atômicas, pela engenharia genética com fins apenas econômicos. O enfrentamento dessa contraditória realidade exige coragem cristã, conhecimento profundo de suas causas e um ousado projeto Ético-Político de libertação, numa consciente tentativa de negar a negação da vida das vítimas de um sistema que em nome da “liberdade” impõe a fome, a miséria e a violência a toda a periferia do mundo, seja em nível nacional ou em nível internacional. Diante disso, a ação ética representa a luta consciente através de movimentos de libertação.

Enrique Dussel já nos alertou (2002, p. 574):

Assim a ética torna-se o último recurso de uma humanidade em perigo de extinção. Só a co-responsabilidade solidária, com validade intersubjetiva, partindo do critério de verdade vida-morte, talvez possa nos ajudar a sair com dignidade no tortuoso caminho sempre fronteiro, como quem caminha qual equilibrista sobre a corda bamba, entre os abismos da cínica insensibilidade ética irresponsável para com as vítimas ou a paranóia fundamentalista necrofílica que leva a humanidade a um suicídio coletivo.

Os riscos impostos pelas mutações de nossa época exigem um novo despertar axiológico, uma gravidez de novas esperanças, um novo renascimento ético, a fim de reavivar a humanidade do ser humano.

Para que ocorra esse processo de transformação da realidade, acreditamos que é fundamental uma formação integral do ser humano e isso pode acontecer através da educação como propomos no segundo capítulo de nosso trabalho. Reconhecemos que a educação é um

bem que deve existir em função do homem, tendo como princípio básico, promover sua realização como um todo, dentro do seu meio e do seu tempo histórico, para que ele possa ser capaz de enfrentar, de maneira equilibrada, os desafios que a realidade lhe exigir.

Acreditamos firmemente que educar é promover o crescimento da originalidade, da espontaneidade do ser humano, é cultivar suas origens, é permitir que ele seja o que ele é e não o que os outros querem que ele seja, é organizar seu próprio desenvolvimento. A educação que precisamos não é a do servilismo, mas a da liberdade, da autonomia, não é a que dobra o educando, mas a que mostra o caminho, a que aponta soluções, a que torna o homem um ser criativo e atuante, um ser consciente e construtor da sua própria existência, uma educação que seja capaz de torná-lo competente para resolver as dificuldades reais do seu dia-a-dia, não para que ele seja apenas um dublê ou um narrador da história, mas para que todos os homens sejam sujeitos ativos e construtores do universo.

A verdadeira educação constrói consciência e capacita o ser humano para acompanhar o movimento do mundo em busca da libertação. Precisamos de uma pedagogia libertadora que nos ajude a ser verdadeiramente independentes tanto individual quanto nacionalmente, uma pedagogia que valorize e promova o ser humano, que o ajude a encontrar o verdadeiro significado da vida, que possa torná-lo forte e consciente para construir-se e construir o mundo, que não cala o ser humano, mas torna-o testemunho autêntico da verdade, que se pronuncia diante da realidade, que seja responsável, que não explore os outros, que não se acomode, que não abandone os outros, que não anule a vida, mas que seja capaz de abrir a mão, a mente, o coração, a alma do homem, para que ele possa exigir crítica e conscientemente seus direitos e colaborar solidariamente na construção do mundo.

Assim, acreditamos que seja hora de agir, de buscar novas formas de cooperação, de procurar compreender a condição do outro, de pensar e repensar seu conhecimento, sua maneira de agir, é hora de construir ações responsáveis e comprometidas com a liberdade humana, é hora de muita prudência, de muita sabedoria, mas de muita atitude a favor da dignidade humana. Portanto, é hora de educar para o comportamento ético. Educar para a compreensão, tanto a compreensão da realidade, sem máscaras, maquiagens ou ideologias, como a compreensão do humano propriamente, compreensão do outro, para que possamos viver harmoniosamente, apesar da adversidade da vida.

Toda educação que se pretende integral não pode descuidar da formação moral do indivíduo, afinal, formar uma pessoa total, além de outras coisas, também é formar uma boa pessoa. Nesse sentido, educação é, antes de tudo, educação moral. Não que haja um tipo de comportamento moral pré-estabelecido que possa garantir uma boa formação moral, o que

existem são condições para que ela se desenvolva. Ora, acreditamos ser obrigação do indivíduo se comportar humanamente.

É fundamental educar o aluno para a sensibilidade da vida, para que ele saiba que tem um mundo a ser dominado, porém que o faça com inteligência, responsabilidade e sensibilidade. Educá-lo para que ele tenha um posicionamento crítico no mundo, a fim de que ele possa denunciar as injustiças e anunciar toda forma de promoção da vida. Assim, para Thums (2003, p. 403):

O princípio fundamental da ética nas escolas reside na formação de um coletivo forte, onde a ênfase deve residir no princípio do amor, dos sentimentos afetivos, das relações de amizade, de respeito mútuo, de entendimento, de sólidos compromissos com o conhecimento, com a verdade e com todos os princípios éticos da vida humana. A escola deve ser um berçário na formação de novos compromissos com a humanidade e com a vida.

Através da boa educação, o homem se torna um ser mais íntegro mais definido, mais crítico e mais humano. Assim, passa a se assumir muito mais pela essência do que pela aparência, assumindo, por conseguinte, os outros como companheiros na construção de uma sociedade justa e equilibrada.

Neste sentido, a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de se trabalhar a Ética como um tema transversal nas escolas está colocada como uma possibilidade de análise dos diversos valores presentes na sociedade e dos vários princípios que organizam as condutas dos sujeitos sociais. No ambiente escolar a Ética se encontra nas relações entre todos, pais, alunos, professores, funcionários, e também nos conteúdos estudados, já que o conhecimento não é neutro, por isso, está sujeito a valores de todo tipo.

Os PCNs propõem que a Ética possa refletir as diversas atuações humanas e que o convívio escolar sirva como base de aprendizagem da justiça, de respeito mútuo e da solidariedade. A escola pode desenvolver experiências onde o aluno aprenda a ser solidário ao ajudar e ser ajudado, a ser democrático ao dizer o que pensa e ao ouvir o que os outros têm a dizer.

A educação, em todos os tempos, tem sua dimensão moral. De acordo com os PCNs: temas transversais (1998, p. 53-54):

A ética é um eterno pensar, refletir, construir. E, na escola, sua presença deve contribuir para que os alunos possam tomar parte nessa construção, serem livres e autônomos para pensar e julgar, para problematizar constantemente o viver pessoal e coletivo, fazendo o exercício da cidadania.

A Ética tem como objetivo o desenvolvimento da autonomia moral dos adolescentes, para que atuem de maneira crítica nos meios onde convivem e conviverem, inclusive na escola, conhecendo os princípios morais, contribuindo para a realização do bem comum, utilizando os conhecimentos para a construção de uma sociedade justa, respeitando-se e respeitando os outros, desenvolvendo ações solidárias, condenando as injustiças e preconceitos e valorizando o diálogo nas relações com os outros e nas decisões coletivas.

Torna-se urgente a contribuição da escola no sentido de ser crítica ao predomínio da racionalidade instrumental e, desenvolver a idéia de uma formação integral e de caráter solidário, da Paidéia grega, recuperando a dimensão humanista da educação, de acordo com as necessidades atuais. O segundo item do capítulo 3 de nosso trabalho expressa com muita clareza a importância desse papel da educação, tanto no Projeto Pedagógico, quanto nos Planos de Curso, assim como também na fala de nossos colaboradores.

A compreensão, a cooperação e a paz como valores supremos da humanidade deve ser o objetivo principal da Educação, a fim de se construir uma sociedade que tenha como base a solidariedade, a justiça e o respeito mútuo entre todos os povos.

A educação em valores humanos, diretamente relacionada à educação para o desenvolvimento tem como principal objetivo proporcionar uma mudança de atitudes e comportamentos nos educandos e educadores em relação à problemática sócio-econômico-cultural e suas graves conseqüências, ou seja, promover a conscientização dos indivíduos para o processo de transformação social.

Como disse Bittar (2004, p. 106):

Aí se vê como objetivo educacional aprimorar a consciência ética e a formação do estudante como pessoa humana, livre de paradigmas socializadores e capazes de provocar-lhe o adestramento mental. A educação libertadora, aquela que se deseja para o Brasil, é a educação capaz de provocar a libertação do povo de sua condição de, sob imperativos de baixa-estima e dominação, ser considerado apaziguado para servir às grandes potências econômicas. A educação, portanto, tem um papel fundamental na afirmação da cidadania brasileira, na medida em que se encontra submersa nesse compromisso ético-social com as condições históricas da brasilidade.

Daí a necessidade de formar o ser humano para entender a importância do bom senso, para que o bem seja buscado por todos, para que todos entendam que acima dos caprichos individuais está o ser humano que precisa ser respeitado na sua dignidade e na sua integridade. Por isso, torna-se urgente educar para a hospitalidade, a generosidade, a abertura sem preconceitos. Precisamos ainda da tolerância, como forma de não permitir a exclusão e

da solidariedade para que possamos juntos celebrar a vida e os bens que generosamente a natureza nos oferece.

A Educação pode contribuir para a construção da democracia verdadeira, na medida em que for capaz de instituir um processo pedagógico contra o individualismo, o comodismo, a omissão de todos os que se instalaram na cultura do consumismo, com a intenção de possibilitar as condições para um novo ser humano, responsável, participativo e solidário.

Portanto, essas foram as contribuições teórico-metodológicas que direcionaram a investigação e tivemos como suporte empírico as fontes documentais e as entrevistas gravadas e transcritas literalmente conforme a fala de nossos colaboradores.

A dissertação está constituída em três capítulos, que são: “Capítulo I – Ética: aspectos históricos e filosóficos” – onde analisamos a Ética desde a Antiguidade até os dias atuais; “Capítulo II - A educação e suas possibilidades” – aqui, focamos a educação como um despertar da consciência e como possibilidade de formação integral do ser humano, comprometido com o bem-estar de todos; “Capítulo III - Ética na educação: um componente de mudança de conduta” – estudamos os Parâmetros Curriculares e a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, enfocando particularmente a importância da Ética na educação, a questão Ética vista pelos profissionais e estudantes da Escola Maria Amália Volpon de Figueiredo e a educação para a paz, a não-violência, a tolerância, a compaixão, a cidadania, a justiça e o amor. Enfim, concluímos o nosso trabalho com as Considerações Finais acreditando que é possível agregar valores éticos à educação, a fim de formar cidadãos conscientes e comprometidos com a qualidade de vida para todos.

CAPÍTULO 1 ÉTICA: ASPÉCTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS

1.1 A ética na antiguidade

A busca cotidiana e incansável do ser humano é para ser feliz, a felicidade é o bem inato e em nome dela derivam as escolhas ou recusas. A felicidade não é produzida por um cargo importante, pela posse das riquezas, mas é produzida pela ausência de dores e sofrimentos do corpo, do espírito e da alma, por isso, é importante escolher apenas os prazeres que nos trazem conseqüências agradáveis, devemos pôr de lado os prazeres que nos trazem conseqüências desagradáveis, portanto, é melhor valorizar as coisas de acordo com os benefícios ou prejuízos que elas nos trazem.

Antes de qualquer atitude ou de realizar qualquer desejo talvez seja interessante perguntar o que me sucederá se eu fizer o que desejo. Pois, os desejos que não nos trazem dores quando não são satisfeitos podem ser descartados.

O desejo de bastar-se a si mesmo pode ser considerado um grande bem, não no sentido de contentar-se com a miséria, mas no sentido de que as necessidades humanas são poucas e fáceis conforme a natureza e muitas difíceis de acordo com a vaidade. A verdadeira felicidade está em aumentar as riquezas ou em diminuir os desejos? Os desejos daquilo que não tens não deve corromper a felicidade presente. Segundo Epicuro: “Quem menos sente a necessidade do amanhã mais alegremente se prepara para o amanhã” (1988, p. 18.)

Dirigir a vida sempre para o futuro torna o ser humano insensato, com uma vida ingrata e agitada por demais. É importante lembrar que o futuro não é de todo nosso, portanto, não é necessário nos desesperar para que ele chegue logo e tampouco porque ele nunca irá chegar.

Uma vida feliz não se constrói com coisas suntuosas e festas constantes, mas com o raciocínio sóbrio que busca as causas de todas as escolhas, sendo a prudência a maior virtude, de onde nascem todas as outras, é ela que ensina aos homens que não se pode ter uma vida feliz sem sabedoria, beleza, justiça, doçura. A vida feliz é inseparável às virtudes.

“A justiça não tem existência por si própria, mas sempre se encontra nas relações recíprocas, em qualquer tempo e lugar em que exista um pacto de não produzir nem sofrer dano.” (EPICURO, 1988 p. 19)

O homem justo é aquele que realiza coisas que são conhecidas de todos e não lhe provoca temor, pelo contrário, produz uma grande serenidade espiritual. Essa é a condição do ser ético, é ser honesto mesmo que não tenha ninguém por perto.

Por isso, a amizade é muito importante para o ser humano ser feliz, não tanto pela necessidade, mas pela segurança e confiança que os amigos nos dão. Contudo, a amizade verdadeira não é a que está sempre disposta, nem a que se recusa sempre, mas aquela com disposição de espírito. É fundamental ter um ser humano bom e vivermos como se ele nos visse constantemente, fazendo tudo que agrada aos seus olhos, pois o sábio e ético é aquele que sabe viver com sensatez e independência dos desejos que em si possui.

O homem consciente é um ser preocupado, no sentido crítico da palavra, voltado à reflexividade, ao amadurecimento individual e coletivo. O centro do viver para este homem é a busca incansável do desenvolvimento das virtudes, de todas as virtudes que se opõem à ignorância, virtudes para as quais o homem propriamente nasceu, por isso, para Sócrates, a virtude pode ensinar-se, desde que cada um busque o conhecimento de si mesmo e o conhecimento causal de cada coisa. Para isso, é importante que os homens tomem consciência de si mesmos, sejam livres por meio do saber, busquem conhecer sua essência.

Ao contrário do relativismo dos sofistas é importante que se desenvolva um conjunto de virtudes como a solidariedade, a justiça, a temperança, a abnegação, a doçura, a honestidade, a prudência, a gratidão, a coragem, o altruísmo, necessário para a prática da Ética em todos os momentos, circunstâncias e com todas as pessoas, inclusive consigo mesmo. Devemos ser diuturnamente vigilantes em relação ao comportamento ético, pois estamos constantemente sujeitos às propostas indecentes e inescrupulosas, como as de corrupção, de infidelidade no casamento, por exemplo. O mundo, sobretudo nos últimos tempos, está mediado por atitudes e relações egoístas, materialistas, imediatistas, de prazeres fáceis e irresponsáveis, daí a necessidade de firmeza, coragem e, acima de tudo, muito equilíbrio, para fazermos, com sabedoria e prudência, um enfrentamento a esses contravalores, para que possamos construir convivências e relações amistosas, harmoniosas e justas, ou seja, relações que valorizam o ser humano acima de qualquer outro interesse.

Com Sócrates inicia propriamente a Filosofia racional da Ética. “Aos jovens, disse Sócrates, deve se ensinar sempre a verdade, sem nenhuma mescla de erro consciente, ou falsidade” (COMPARATO, 2006, p. 91)

Dessa forma, Sócrates pretendia eliminar a possibilidade de atribuir aos deuses, cuja natureza é moralmente boa, a produção do mal no mundo. Sócrates queria mostrar ainda o princípio ético básico de que os homens são sempre pessoalmente responsáveis por seus atos ou omissões intencionais. Ou seja, ele se opôs frontalmente à mitologia como a base da educação escolar durante séculos na Grécia Antiga, se opondo também ao relativismo dos

sofistas, como por exemplo, ao pensamento de Protágoras, de que “o homem é a medida de todas as coisas” (COMPARATO, 2006, p. 93)

Se partirmos desse princípio, cada ser humano decide, soberanamente, conforme seu critério pessoal; as questões de conhecimento e de comportamento, o que implicaria na impossibilidade de se estabelecer conceitos universais, com validade para todas as pessoas, em todos os tempos e lugares.

O homem, sendo por natureza um ser racional, realiza pela razão, tanto a sua humanidade, quanto tem possibilidade de realizar o bem, entendido como felicidade e virtude. Entretanto, para a realização do bem é necessário que se tenham as virtudes naturais que, segundo Platão, é a sabedoria, a temperança, a fortaleza e a justiça. “Estas são as quatro virtudes que passaram a ser consideradas como as virtudes cardeais, inclusive pelo próprio cristianismo” (MARIAS, 1982, p. 72)

Para Aristóteles: “Toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer: e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo que as coisas tendem”. (1987, p. 9)

Não obstante, ser verdadeira a afirmação de Aristóteles, em função de que as ações sempre produzem uma consequência, um produto, a grande questão é compreender qual o fim das ações, a que elas se destinam, já que há no mínimo duas possibilidades, uma ação que gere um bem individual e coletivo ao mesmo tempo, ou seja, uma ação altruísta, que não provoca nenhum prejuízo para ninguém, e, outra, que intencionalmente ou não, produz uma consequência ruim para alguém. Ora, nesse sentido, todo ser humano e todas as ciências podem gerar um bem humano, todavia, para Aristóteles:

[...] a política mostra ser dessa natureza. Como a política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger a das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano. (1987, p. 9 e 10).

A Ética prevê ações construtivas, que possam contribuir para que os homens estabeleçam entre si relações de respeito e ajuda mútua. Isto para Aristóteles constrói a felicidade. “A felicidade é a plenitude da realização ativa do homem, no que tem de propriamente humano” (MARIAS, 1982, p. 96).

Diante dessas questões colocadas por Aristóteles, podemos nos perguntar qual a função do homem. A função do homem além de produzir coisas, objetos materiais, de posse

do seu estado racional, condição da própria natureza humana, ele estaria capaz do bem, teria ainda a condição e a responsabilidade, diante de uma vida contemplativa e reflexiva, a capacidade de edificar a felicidade humana, tanto para si próprio como para a humanidade toda, se, diante de todas as coisas que o homem pode escolher, a vida fosse a mais significativa, a mais importante.

Voltemos à discussão sobre a felicidade, pois, em tese os homens concordam que o maior fim das ações humanas é a felicidade, que viver bem é viver feliz. Tanto os mais cultos como os mais vulgos concordam que o homem vive para ser feliz, entretanto, diferem em relação aos fatores que os tornam felizes. Enquanto para os primeiros é a vida contemplativa e o encontro consigo mesmo, entre os segundos as opiniões são bastante diversificadas, apontando desde o prazer, a riqueza, a honra, a saúde, e outros fatores de acordo com suas paixões e necessidades mais imediatas. Seria talvez infrutífero analisar as muitas opiniões a respeito dessa questão, porque elas ganham um caráter pessoal, levando em consideração que os seres humanos têm objetivos e fins diferentes, necessidades e projeções diferentes, conhecimentos e valores diferentes. Com efeito, embora o conjunto de seres humanos e suas necessidades devam ser considerados, nosso foco é em relação ao homem justo e nobre de espírito, ou seja, aquele que no cotidiano da vida se empenha pela realização da dignidade humana.

Para o justo e sábio, embora lhe custe caro seria melhor considerar a verdade acima de todas as coisas, inclusive dos amigos que por ventura quiserem atrapalhar o encontro com ela. De acordo com Chauí (2004, p.54): “verdadeiro confere às coisas, aos seres humanos, ao mundo um sentido que não teriam se fossem considerados indiferentes à verdade e à falsidade.” A verdade seria considerada o bem maior, sem, contudo desconsiderar o bem que cada coisa representa. Cada coisa tem um bem representado em si mesma e representa um bem em função de outra. Ora, segundo Aristóteles:

[...] a felicidade é procurada sempre em si mesma e nunca com vistas em outra coisa, ao passo que a honra, ao prazer, à razão e a todas as virtudes nós de fato escolhemos por si mesmos, mas também os escolhemos no interesse da felicidade, pensando que a posse deles nos tornará felizes. A felicidade, todavia, ninguém a escolhe tendo em vista algum destes, nem, em geral, qualquer coisa que não seja ela própria. (1987, p. 15)

A felicidade é um bem em si mesmo, o maior bem que o homem pode conquistar, porém esse bem, por ser tão precioso e importante assim, não pode ser um bem de um homem

só, é bom que o seja um bem para todos, afinal o ser humano nasceu para a cidadania. Pensemos aqui utopicamente, mas não seria o ideal ver todas as pessoas felizes? A questão, no entanto, é o que fazer para tornar a vida de todos totalmente desejada e sem nenhuma carência.

É aqui que percebemos mais uma vez a importância da Ética como uma ciência ou até mesmo uma sabedoria capaz de despertar os valores e sentimento de justiça, solidariedade e co-responsabilidade na construção de uma sociedade onde todos possam viver com dignidade e alegria. Em função da divisão de classes e, por conseguinte, do egoísmo, do individualismo, do materialismo que norteiam as relações entre os homens, sobretudo com o capitalismo e, sobremaneira, a partir do início do século XIX, com as imposições do capitalismo neoliberal, existe um número expressivo de pessoas que tem dificuldade para entender que existe um bem comum a defender e do qual, todos dependem para o bem-estar da coletividade. Entre os homens há uma inequívoca relação que os egoístas e os ignorantes não entendem.

Isto é a prova de que o individualismo e o materialismo impostos pelo capitalismo, a densidade demográfica e a complexidade da vida moderna enfraqueceram o ideal do todo, do coletivismo. O egoísmo vigora, e até mesmo é incentivado pelo sistema capitalista, para facilitar a reprodução do seu *status quo*.

Em função disso, é importante uma disciplina de conduta que possa proteger a todos, evitando que a sociedade se transforme em um caos, quando o indivíduo se acha no direito de fazer qualquer coisa, mesmo que prejudique outras pessoas. Cada ser humano precisa aprender a ceder em algum ponto para ganhar em outros, esse princípio virtuoso é basilar na sustentação da comunidade, da coletividade, como afirma Sá (2001, p. 116);

“O homem não deve construir seu bem a custa de destruir o de outros, nem admitir que só existe a sua vida em todo o universo”

Contudo, os egoístas, em geral, não possuem a visão do todo, do grupo, do coletivo, são míope em relação aos outros, quando querem conseguir alguma coisa não se importam com as consequências provocadas pelas suas atitudes.

Nesse ponto, torna-se importante estudar a formação da conduta ética, já que esta contribui sobremaneira para que nas relações entre as pessoas, todos possam levar os outros em consideração. Sá nos fornece o conceito de conduta: “A conduta do ser é sua resposta a um estímulo mental, ou seja, é uma ação que se segue ao comando do cérebro e que, manifestando-se variável, também pode ser observada e avaliada” (2001, p. 24).

Com isso queremos mostrar que a conduta do ser humano pode mudar conforme o meio ambiente onde se vive, às experiências que ele realiza e a educação/conhecimento que

ele vai adquirindo ao longo da sua existência. O que importa não é exatamente a coisa que se consegue, mas o como se consegue esta coisa, quais os meios, os caminhos utilizados para se conquistar o que se deseja, quais as conseqüências para a pessoa que conquistou e para as outras que direta ou indiretamente foram atingidas com aquela coisa. O bem passa a ser uma decorrência da conduta, ou seja, o que se consegue seguindo esta ou aquela direção. O homem pode ter a sua conduta observada perante cada aspecto de sua convivência, como os amigos, a sociedade, Deus, a família, cada um exigindo uma conduta peculiar.

A Ética entra nesse contexto como um estudo que visa contribuir para que o homem pratique o bem, para que ele tenha ações virtuosas, desde que essas ações visem o bem, a felicidade de todos e se tenha um acordo entre elas. A questão central é a felicidade, pois quem é feliz vive bem e age bem, procurando ter atividades virtuosas.

Porque pode existir o estado de ânimo sem produzir nenhum bom resultado, como no homem que dorme ou que permanece inativo; mas a atividade virtuosa, não: essa deve necessariamente agir, e agir bem. Também as coisas nobres e boas da vida só são alcançadas pelos que agem retamente” (ARISTÓTELES, 1987, p. 17)

Não temos condição de afirmar de forma definitiva se as virtudes são inatas, se é uma dádiva de Deus, mas uma coisa é certa, quem quer que não esteja impedido em sua capacidade para a virtude pode, através de algum meio, como estudos e esforços racionais para eliminar as paixões, conquistá-las. Como a virtude, é por si mesma, muito nobre, seria muita leviandade confiá-la ao acaso.

O ser humano está sujeito ao sucesso ou ao fracasso, sendo que um leva à felicidade e outro à infelicidade, contudo, são as atividades virtuosas ou viciosas que conduzem o homem à felicidade ou não. O homem feliz e virtuoso se empenha constante e responsavelmente nas ações corretas e suporta as propostas indecentes e as vicissitudes da vida, se é verdadeiramente bom, encara com nobreza e coragem as adversidades. A nobreza de um homem correto está em aceitar com resignação os muitos infortúnios que a vida lhe prega. Como disse Aristóteles (1987, p. 21):

Com efeito, o homem verdadeiramente bom e sábio suporta com dignidade, pensamos nós, todas as contingências da vida, e sempre tira o maior proveito das circunstâncias [...] E tampouco será ele versátil e mutável, pois nem se deixará desviar facilmente do seu venturoso estado por quaisquer desventuras comuns...

Registra-se também que nenhuma virtude moral surge no homem espontaneamente, ou seja, por natureza, as virtudes morais são adquiridas através de exercício, do empenho, da

determinação. Os homens só se tornam justos praticando atos justos, pelos atos que praticam em suas relações com os outros homens são considerados justos ou injustos. Daí, a necessidade de estarmos atentos para a qualidade dos atos que praticamos, a partir de sua conduta é que se define o caráter e a bondade de um homem. Para que um homem se torne bom é necessário que aja conforme a regra justa, embora não temos nenhuma pretensão de definir o que é bom de forma fixa, contudo, entendemos que o justo é aquele que age de forma a não provocar dano nem a si próprio e nem aos outros.

O prazer e a dor são fatores indicativos do caráter, pois, alguém que é capaz de se abster dos prazeres corporais sem aborrecimentos é de equilíbrio e bondade maior do que aquele que não consegue; o prazer contribui para levar os homens a praticarem más ações, assim como em função da dor nos recusamos às ações nobres. Parece fora de dúvida que para os homens é mais fácil aceitar o prazer do que a dor, entretanto, a virtude se orienta para o mais difícil, tornando melhores as coisas boas. O homem se torna bom pela prática de atos bons. Ninguém é considerado bom somente por teorizar sobre a bondade, embora um bom número de pessoas proceda dessa forma.

Ninguém nos chama de bons ou maus pelo fato de termos capacidade de sentir as paixões, isto é parte da nossa natureza e a bondade ou a maldade não acontece pela natureza, mas por disposição de caráter, da educação e das virtudes morais que adquirimos. As virtudes morais são capazes de buscar o meio-termo entre o excesso e a carência, isto é, ela está atenta à necessidade do equilíbrio entre dois vícios, isto porque sua natureza se inclina para a mediania dos atos e das paixões. De tudo isso, concluímos que é difícil ser bom, visto que não é fácil encontrar o equilíbrio. A bondade, portanto, é louvável, nobre e rara.

O homem bom está sempre se esforçando para fazer as coisas com acerto, buscando a verdade em cada uma delas, nisto consiste a grande diferença entre ele e os outros. Na maioria das vezes o prazer pode levar ao engano, considerando o que parece bom sem verdadeiramente sê-lo, por isso, os homens escolhem o agradável como um bem e se furtam a dor como um mal.

Os homens, de posse de sua racionalidade, têm sempre um fim, porém deliberam sobre os meios para realizá-lo. Ora, aí entra o exercício da virtude. Portanto, a virtude, assim como o vício está em seu poder, pois, tanto o agir como o não agir, o agir de um modo como o de outro depende dele, é voluntário o ato de agir, quando o ato é vil ou quando é nobre, ou seja, depende de nós, praticarmos atos vis ou nobres, logo ser virtuosos ou viciosos depende de nós. Um homem pode ser involuntariamente feliz, mas não involuntariamente maldoso.

Com isso, torna-se difícil ignorar que é pelo exercício de atividades sobre coisas

particulares que se forma o caráter de um homem, é insensatez pensar o contrário, assim como quando um homem, sem ser ignorante, comete atos injustos, não ser considerado injusto voluntariamente. Como já frisamos, as virtudes em geral são meios, e são disposições de caráter, são voluntárias e agem de acordo com o que é justo. Logo, há necessidade de que as ações humanas sejam mediadas pela razão, a fim de evitar as injustiças e os vícios.

Em nome disso é que se faz a discussão sobre a bondade e a maldade. O homem nasce bom ou mau? A crença de que alguém já nasce bom ou mau, ou seja, que há algo de genético na bondade ou maldade está vencida no campo da ciência; o que hoje é aceito como correto, é que o ser humano torna-se bom ou mau, através das experiências sócio-afetivas desenvolvidas ao longo da sua vida, especialmente na infância e adolescência.

Tudo faz crer, até agora, que a consciência seja algo produzido através de percepções, de orientações e motivações de um processo educacional e de convivência. É a educação a principal responsável pela estrutura da consciência, logo, da vontade e, em decorrência, da conduta humana. (SÁ, 2001, p. 48)

Não dá para aceitar, de forma absoluta, que haja um determinismo genético, em relação à bondade ou a maldade humana, embora sem poder negar que há grandes diferenças na vida dos seres humanos, por exemplo, os superdotados, os gênios, contudo, isso não nos autoriza afirmar a predestinação para o bem ou para o mal. A educação e os diferentes ambientes de convivência vão construir paulatinamente as consciências. Entendo que as oportunidades obtidas ao longo da vida e a inteligência de cada ser humano vão lapidando as mesmas.

Daí o homem chegar a ser um magnânimo é um processo muito difícil e demorado, pois a bondade, se por um lado, é uma das virtudes mais difíceis de ser conquistada, por outro, é talvez, a mais sublime de todas, é a que vem coroar o conjunto das virtudes. Para que um homem seja tido como magnânimo é preciso que ele tenha um caráter bom, nobre e que sua conduta esteja sempre voltada à promoção da justiça.

Em relação à justiça e a injustiça, o interessante é considerar com que tipo de ações elas se relacionam e quando a atitude é justa ou não.

De modo geral, justiça é a disposição de caráter que possibilita a pessoa fazer o que é justo. O ato justo é aquele que colabora para construir ou preservar a felicidade do coletivo da sociedade, por isso, o homem justo é virtuoso e a justiça considerada uma virtude completa, porque aquele que é justo é justo para consigo mesmo e justo com os outros também, seus atos estão sempre voltados para o bem comum.

O ato verdadeiramente justo é proporcional às partes envolvidas, enquanto o injusto não respeita a proporção, por isso, torna-se além de injusto, egoísta. Um homem só é considerado justo quando pratica um ato por escolha própria, daí também poder dizer que a justiça é fruto do conhecimento e da consciência.

É o caráter voluntário ou involuntário do ato que determina se ele é justo ou injusto, pois, quando é voluntário, é censurado, e pela mesma razão se torna um ato de injustiça; de forma que existem coisas que são injustas, sem que, no entanto sejam atos de injustiça, se não estiver presente também a voluntariedade. (ARISTÓTELES, 1987, p. 92).

Quando um homem age por ignorância ou forçado a agir por vontade de terceiros, contra alguém, seu ato é um ato de injustiça, mas não um ato injusto, no entanto, se um homem age por escolha e causa um prejuízo a outro, é ele sim um homem injusto.

Um homem justo, bondoso e sábio sabe escolher o que é bom para ele, do ponto de vista geral, e também, que seja bom para todos. O homem sábio além de conhecer os princípios, conhece também as verdades dos princípios pelos quais age, em busca da edificação da justiça. Sobretudo, o homem de sabedoria prática se preocupa sobre coisas humanas e escolhe bem, para atingir as suas finalidades, que é alcançar a melhor coisa através de sua ação.

Os homens bons buscam a equidade em relação aos outros homens, suas obras estão de acordo com a sabedoria prática e as virtudes morais. Possuem sabedoria prática os homens que são capazes de observar com profundidade as diversas coisas que lhes dizem respeito, aqueles que possuem uma aguçada sensibilidade para consigo próprio e para com os outros, aqueles que deliberam bem. Os homens de sabedoria prática são também de bom caráter, porque ela não é constituída apenas de conhecimento, mas também de ações coerentes e autênticas.

Estes homens buscam também ser amigos, visto que a amizade verdadeira é uma virtude ou exige virtude e é muito importante para a vida de todos. A amizade é talvez a mais genuína forma de justiça, uma atitude nobre, louvável, amorosa. Contudo, a amizade, para que seja de fato verdadeira, não pode ser acidental, útil, mas precisa ser aquela que deseja o bem para o outro despretensiosamente. Estes homens, além de amigos, são homens bons, tudo que fazem é em função de sua própria bondade e não com segundas intenções. São ainda muito agradáveis, visto que fazem as coisas para agradar os seus amigos e a si próprios. De fato, só os homens bons podem ser amigos de verdade, já que possuem na sua essência a virtude da bondade, pois os homens maus se relacionam por interesse, apenas se tiverem vantagens.

A mais verdadeira amizade é aquela que existe entre os homens bons, visto que um se torna estimável e desejável ao outro, e, cada um, ainda se torna um bem para o outro. Além do que, o homem bom, torna-se amigo de si mesmo, sendo obediente à razão e abandonando as paixões mais levianas, ele escolhe a prática de atos nobres que favorecem a si mesmo e aos outros.

O homem bom se alegra com as ações virtuosas e se entristece com as más, daí a convivência com os bons ser uma grande oportunidade para melhorar a virtude, e, então, essa companhia torna-se desejável porque faz bem.

O excesso de amizades úteis, aquelas que convivem com segundas intenções, não é necessário nem tão importante, contudo, com relação aos bons amigos, estes, devemos tê-los o máximo possível, desde que consigamos conviver bem com todos eles de forma que a convivência nos acrescente algo de bom, de virtuoso.

Verifica-se, portanto, que para ser feliz, o ser humano deve viver segundo sua razão, que é de fato sua essência, e, conforme sua consciência reflexiva, que orienta seus atos para uma conduta ética e para a prática da virtude.

Para Aristóteles, a virtude representa o meio-termo, a justa medida de equilíbrio entre o excesso e a falta de um equilíbrio qualquer. Exemplos: a virtude da prudência é o meio-termo entre a precipitação e a negligência; a virtude da coragem é o meio-termo entre a covardia e a valentia insana; a perseverança é o meio-termo entre a fraqueza de vontade e a vontade obsessiva. (COTRIM, 2006, p. 95)

Por isso, é preciso ficar muito atento aos atos que praticamos para que eles não produzam um mal para nós mesmos e nem para ninguém, daí decorre que a prática do bem demanda o exercício da virtude e esta só é possível com a consciência ética.

Cícero (106 – 43 a.C.) divulgou os princípios da Ética em Roma, sendo que o primeiro é o de que todos devem viver em conformidade com a natureza, que significa trabalhar para o interesse geral da coletividade.

Cada qual deve, em todas as matérias, ter um só objetivo: conformar o seu próprio interesse com o interesse geral; pois se cada um chamar tudo a si, dissolve-se a comunidade humana. Se a natureza determina que devemos respeitar um homem apenas pelo fato de sua condição humana, é inegável que, sempre segundo a natureza, há algo que é de interesse comum a todos os homens; se assim é, somos todos sujeitos a uma só e mesma lei natural, que proíbe atentar contra os direitos alheios. (COMPARATO, 2006, p. 111 – 112)

É evidente que o que é de interesse da coletividade não deve eliminar o interesse individual, este precisa ser preservado e respeitado, desde que o interesse do indivíduo não se sobreponha ao interesse geral de toda sociedade.

1.2 A ética na Idade Média

No contexto da Idade Média, a moral ganha características cristãs e, sobretudo, com Santo Agostinho e Tomás de Aquino, ela é vista como uma atitude prática, uma ação voluntária. Entretanto, segundo Santo Agostinho: “A vontade não é determinada pelo intelecto, mas precede-o. A virtude não é uma ordem da razão, habita conforme a razão, como dizia Aristóteles, mas uma ordem do amor” (PADOVANI; CASTANHOLA, 1977, p. 212).

Como a vontade é livre, ela pode querer o mal, agindo contrariamente aos princípios cristãos, ou seja, contra a vontade de Deus. Desta forma, a vontade humana é má em função dos vícios a que os homens estão sujeitos, porquanto, devemos estar atentos e punir atitudes não cristãs, já que elas podem despertar os desejos de fazer o mal a alguém ou despertar o sentimento de inveja.

O amor torna-se o ponto central da Ética cristã, onde a caridade passa a ser a virtude primordial e a consciência determina que o objetivo final do ser humano não é terreno, mas descobrir Deus que reside no próprio homem.

Na medida em que Deus passa a ser o centro de todas as coisas e de todas as decisões humanas, a moral passa a ser um movimento do ser humano para Deus e este fim é alcançado através do conhecimento e da contemplação. Isto demonstra que: “A ética de S. Tomás tem uma clara matiz intelectualista.” (MARIAS, 1982, p. 179)

Portanto, agir de forma moral quer dizer agir conforme a razão humana. A vontade determina a ordem moral, já que a vontade tem tendência para o bem. Fazer o bem a todos é o princípio ético-moral determinante.

A partir da formação da consciência ético-moral, há uma tendência de a vontade humana querer praticar atos que colaborem para o bem-estar de todos. A conduta ética surge a partir da educação que se dá inicialmente na família, quando os pais já possuem uma formação moral equilibrada e dão exemplos no dia a dia, servindo como uma espécie de modelo. Embora os ambientes sociais, políticos, culturais se modifiquem constantemente, a formação moral tende a ser mais conservadora, seguindo os princípios que proporcionam a formação do caráter.

Depois da incorporação dos princípios morais pelos indivíduos, a postura correta torna-se espontânea, pois eles já possuem o comportamento ético dentro deles, ora, o fundamento para tudo isso está na educação que receberam da família e dos ambientes saudáveis que tiveram na infância, na adolescência e em outros momentos de suas vidas.

A polêmica em torno dessa questão é grande, portanto, também não queremos defender uma idéia absoluta sobre a conduta ética. Acreditamos que vários fatores são determinantes em relação a ela, contudo, nos parece certo que para que o ser humano tenha uma conduta ética, seja necessário uma educação calcada em valores também éticos.

Esses valores na Idade Média são valores adquiridos com a contemplação de Deus. Na perspectiva da Idade Média, os valores são transcendentais, pois, eles resultam da benevolência divina. Justamente porque, nesse período histórico o que predomina é a idéia teocêntrica, ou seja, Deus é o centro de tudo. A pessoa moralmente correta é identificada como um ser temente a Deus, ou seja, a moral é baseada em valores religiosos.

É importante ressaltar que o comportamento ético pode ser influenciado por doutrinas e idéias, mas, sobretudo, por modelos pessoais de vida que servem para o conjunto da sociedade. Na Idade Média este grande modelo foi sem dúvida São Francisco de Assis, que, após sua conversão, passou a viver de forma autêntica e justa. Durante todo restante de sua vida deu exemplos concretos de justiça e soube tratar a todos como irmãos, vivendo com total humildade e simplicidade, não aceitando nenhuma recompensa em dinheiro em troca de qualquer serviço prestado à comunidade.

A fraternidade era o marco de suas pregações, onde defendia uma convivência próxima dos pobres e mais necessitados. São Francisco recomendava aos irmãos: “devem se julgar felizes de se encontrarem entre os de condição modesta e desprezados, entre os pobres e fracos, os doentes, os leprosos e os que mendigam ao longo dos caminhos” (COMPARATO, 2006, p.132)

Em São Tomás de Aquino a Ética tem uma relação direta com a Teologia quando ele afirma que: “o homem foi dotado pelo Criador da capacidade de separar a verdade do erro, mediante o uso da razão... O juízo ético é, portanto, puramente intelectual, sem a menor mescla de sentimentos ou emoções.” (COMPARATO, 2006, p. 143)

Segundo São Tomás existem três espécies de leis: a eterna ou divina, a natural e a humana, esta, de acordo com ele, visa sempre o bem comum e não ao bem particular. O objetivo da lei humana é tornar os homens bons: “(a intenção principal da lei humana é procurar a amizade dos homens entre si.)” (COMPARATO, 2006, p. 146)

Para o teólogo a lei é como a virtude, seu efeito é tornar bom quem a tem, por isso, a lei injusta é considerada por ele muito mais uma violência do que uma lei propriamente dita. As leis podem ser injustas quando contrariam o bem divino.

1.3 Ética nos períodos moderno e contemporâneo

Para entender a questão do bem e a conduta do ser humano, portanto, a questão ética, os filósofos modernos enveredaram-se por diversos aspectos como veremos a seguir, alguns até com certa dose de radicalismo.

Embora ocorressem evoluções tecnológicas e muitas mudanças de valores sócio-político-culturais durante a Idade Moderna, muitos fatores não foram modificados em relação aos clássicos, em função de sua imensa sabedoria.

Os pensadores modernos continuam os estudos sobre Ética debatendo a questão da consciência, sobretudo da consciência moral, e a relação dessa com a vida. Segundo o dicionário Oxford de Filosofia, consciência moral é:

A consciência que os seres humanos possuem de que uma ação é moralmente prescrita ou proibida... A solução é distinguir os erros de consciência que são voluntários ou condenáveis dos que são involuntários: no primeiro caso somos responsáveis, no segundo, só agimos mal sem o saber. (BLACKBURN, 1997, p. 72)

A consciência para os filósofos é, sobretudo, a consciência de si mesmo e de seus atos. Para Montaigne: “Quem encara com sensatez a vitória e a derrota, permanece senhor de si. Quem menos se irrita ou se apaixona é quem melhor dirige o jogo, e com maiores probabilidades de êxito” (MONTAIGNE, 1988, p. 177)

A natureza só faz indigente aquele que provoca desordem na sua imaginação e cria desejos muito além dos desejos naturais. A natureza é pouco exigente em relação à nossa conservação, contudo os hábitos e costumes que nos impomos criam exigências maiores que as naturais. As coisas das quais não posso usufruir tem alguma serventia para mim? Será que não inventamos necessidades muito além daquelas essenciais, por isso, nos expomos mais ao acaso, à sorte e à adversidade?

As atitudes daqueles que não se orientam segundo as necessidades essenciais, via de regra são atitudes atormentadas, inquietas, prejudiciais, como as do avarento que tem esganção pelo dinheiro e lhe falta a generosidade. Os homens que não conseguem ou não podem seguir a sua razão abandonam-se às suas paixões e, normalmente o fazem não por defender causas coletivas, públicas, mas por causa própria, o que representa limites em relação à justiça.

O homem que não ultrapassa o que a razão determina tem grandes facilidades de administrar a si próprio, viver com serenidade e bom senso em relação à causa que seja útil a

si e aos outros. As paixões podem nos dominar por completo, provocando um descontrole e, por conseguinte, um grave dano. Antes mesmo de sermos tentados devemos conhecer nossos limites e nos prepararmos para não sermos surpreendidos por tentações ou propostas indecentes capazes de inquietar nossa alma e intranquilizar nossa consciência.

Montaigne nos alerta (1988, p. 181):

...quem não sabe fechar a porta às paixões, não as pode expulsar depois de entrarem; quem não as liquida de início não as domina ao fim; quem não prevê o abalo do prédio não lhe evita a queda: 'pois desde que nos afastemos da razão, brotam sozinhas as paixões; a fraqueza humana compraz-se em não lhes resistir, e insensivelmente vemo-nos, em virtude de nossa imprudência, arrastados para o alto-mar, sem abrigo a nosso alcance.

A conduta virtuosa é aquela que se baseia em viver a vida sem prejuízo para o ser e para os seus semelhantes. O homem não nasce com essa conduta, adquire-a através da convivência, das observações, da educação que recebe na relação com o meio ambiente.

Para Hobbes (1988, p. 45 e 46):

As virtudes são de duas espécies: naturais e adquiridas. Por naturais não entendo as que um homem possui por nascença... refiro-me àquele talento que se adquire apenas através da prática e da experiência, sem método, cultura ou instrução. Quanto ao talento adquirido o único que existe é a razão, que assenta no uso correto da linguagem, e da qual derivam as ciências. As causas destas diferenças de talento residem nas paixões, e a diferença das paixões deriva em parte da diferente constituição do corpo e em parte das diferenças de educação.

Hobbes, na primeira parte do Leviatã, deixa bem claro sua concepção relativista sobre a moralidade das ações humanas. Segundo ele, nada é objetivamente bom ou mal, pois tudo depende dos desejos ou apetites pessoais de cada um. Se uma coisa for de desejo ou apetite do sujeito é normalmente considerada boa, e a que é de ódio ou aversão é considerada um mal.

Segundo Hobbes (1988, Vol.1, p.33):

Pois as palavras “bom”, “mau” e “desprezível” são sempre usadas em relação à pessoa que as usa. Não há nada que o seja simples e absolutamente, nem há qualquer regra comum do bem e do mal, que possa ser extraída da natureza dos próprios objetos.

Sendo assim, não há nenhuma norma ou princípio ético objetivo, alicerçado na natureza das ações humanas. Tudo depende, em última instância, do juízo de cada indivíduo isoladamente.

Um dos traços marcantes do pensamento de Hobbes é que ele foi o primeiro filósofo político moderno a rejeitar completamente a tradição medieval da sociedade dividida em três estamentos: o clero, a nobreza e os plebeus. Para Hobbes, o povo é uma massa uniforme, reunida em determinado território pela força do poder soberano. A sociedade política não é, portanto, um dado da natureza, nem o homem, em si mesmo, um “animal político”, como pensou Aristóteles. O Estado é algo construído intencionalmente, e o cidadão, um produto artificial dessa construção política (COMPARATO, 2006, p. 197).

Com essa visão moderna Hobbes rejeitava a sociedade estamental da Idade Média e defendia a civilização burguesa, tal como a conhecemos hoje em seu apogeu, ou seja, ele defendia o Capitalismo propriamente.

Em outro momento, quando Hobbes afirma que a noção de justiça é meramente convencional e que toda lei é justa quando feita pelo Poder Soberano, ele lança mão dos princípios do utilitarismo moral, o que impõe um grande perigo, segundo Comparato (2006, p.204):

Se todo o poder político se concentra na cabeça do organismo social, os governados ficam permanentemente sujeitos às crises de loucura dos governantes, ou, o que é muito pior, à institucionalização da falta de todo critério ético como forma de governo.

Daí a necessidade do homem ser crítico e consciente de suas ações, pois sabemos que o homem, por natureza, é um ser suscetível ao bem, porém, por acidente, pode ser suscetível ao mal. De tudo que sabemos até agora, o homem nasce bom, portanto, a natureza humana é, na essência, boa, contudo, através do processo de sociabilidade e de socialização, os homens que não conseguem governar as afecções podem se tornar maldosos. Espinosa afirma (1989, p. 6):

Por bem, entenderei, por conseguinte, no que vai seguir-se, o que sabemos com certeza ser meio para nos aproximarmos cada vez mais do modelo da natureza humana que nos propomos. Por mal, entenderei aquilo que sabemos ao certo que nos impede de reproduzir o mesmo modelo.

Acontece que a natureza humana não pode ser concebida exclusivamente por ela mesma, o que implica dizer que ela é limitada, podendo ser superada pelas causas externas. O homem vive constantemente uma luta para perseverar na existência ou ceder à força de uma causa externa. Ora, se a potência de uma causa externa for maior que a potência humana para preservar-se de acordo com a natureza, as paixões podem aderir ao homem.

A aderência das paixões dependerá dos motivos que os homens têm para não levarem em consideração a própria razão. As coisas presentemente agradáveis podem frear os desejos que nascem do conhecimento do bem e do mal, caso este conhecimento diz respeito ao futuro. Isto implica mostrar o risco que os homens correm de ser mais influenciados pelas opiniões e pelas paixões do que pela razão.

A razão por estar sempre de acordo com a natureza humana se esforça para que cada ser humano se ame a si próprio, seja virtuoso e, conservando o seu próprio ser seja feliz.

Daqui se segue que os homens, que se governam pela razão, isto é, os homens que procuram o que lhes é útil sob a direção da razão, não desejam nada para si que não desejem para os outros homens e, por conseguinte, eles são justos, fiéis e honestos. (ESPINOSA, 1989, p. 173)

O ser humano que se esforça para conservar o seu ser de acordo com a natureza tem mais possibilidade da conquista da virtude, já que a virtude é o resultado da potência humana para a construção do bem, do útil. Conservar o seu ser de acordo com a razão, nada mais é do que a tentativa que o homem faz de preservação da sua essência, esta pode ser considerada a primeira grande virtude humana, o que só pode ser feito mediante o conhecimento, já com ignorância e idéias estapafúrdias não é possível ao homem agir por virtude.

A razão se esforça constantemente para conhecer, por entender que sua maior utilidade seja aquela que leva ao conhecimento, pois o conhecimento nos possibilita uma maior compreensão da realidade, podendo inclusive, contribuir com uma maior conservação da natureza. Os impulsos, as paixões não estão de acordo com a nossa natureza. Na medida em que nos deixarmos dominar pelas paixões pode gerar conflitos porque as paixões são muito diferentes de um homem para outro. A razão nos leva à concordância, enquanto as paixões nos levam a ser contrários uns aos outros. A coisa mais importante para o homem é viver sob a direção da razão.

O homem quando age conforme sua natureza torna-se muito útil para o outro homem, já que da socialização resultam muito mais fatores positivos do que negativos.

Aquele que age por virtude age de acordo com a razão, nesse sentido, todos que agem assim buscam um bem que é comum a todos, sendo que, por virtude, o bem que cada um busca para si, busca para todos. Por conseguinte, essa prática constante da virtude e da razão, aproxima o homem de Deus que é o bem supremo, que por sua vez, contribui diretamente para que o homem seja virtuoso e aja pela razão.

Segundo Espinosa (1989, p. 182):

[...]o que se esforça por conduzir os outros segundo a razão não age impulsivamente, mas com humanidade e doçura, e está plenamente de acordo com ele mesmo. Quanto ao desejo de fazer o bem, que nasce do fato de vivermos sob a direção da razão, chamo-lhe piedade.

O homem é um ser que necessita da sociabilidade, da socialização, por isso, tudo que contribui para a sociedade comum dos homens é útil, devendo ele se empenhar contra tudo aquilo que traz injustiça e discórdia a todos.

A prática virtuosa do bem traz alegria e faz bem a todos os homens, portanto, é bom, enquanto tudo que provoca a discórdia, a desunião, a tristeza, é mau.

O ser humano que ao agir o faz pelo poder da razão evita que seus atos provoquem tristeza e danos para si e para os outros, ou seja, age de forma generosa, inclusive para compensar o desprezo e o desamor dos outros para consigo. É um ser com equilíbrio, sem medo, com amor, com alegria, com segurança, capaz de enfrentar os desafios da vida sem desespero, mas com firmeza, com prudência, com solidariedade, portanto, com Ética.

O homem quando está de posse de sua razão tem o poder de escolha e procura sempre escolher o bem. Entre um bem maior e um bem menor escolhe o maior e entre um mal maior e um mal menor, escolhe o menor. Aquele que se dirige pela razão é capaz de renunciar a um bem menor no presente para conquistar um bem maior no futuro, ainda que isto lhe custe um sacrifício momentâneo.

Podemos considerar um homem livre quando age pela razão, pois suas ações são conseqüências de uma profunda reflexão sobre si mesmo e sobre os outros, buscando o significado da vida íntegra e integral e procurando compreendê-la de maneira profunda e rigorosa em todos os seus âmbitos.

As atitudes do homem verdadeiramente livre se voltam para a construção da vida, pelo desejo do bem, enquanto ele continua livre, suas idéias são adequadas e são usadas para evitar o mal, o perigo ou qualquer coisa que possa minorá-lo ou minorar os outros da sua condição natural, do seu estado de natureza, isto é, enquanto um ser de razão.

O homem livre é corajoso para enfrentar as injustiças e combatê-las com altivez e eficiência, mas é igualmente prudente para saber quando é preciso recuar do combate, porque corre perigo de algum mal, de alguma tristeza; ele é sábio o bastante para saber a hora de avançar e a hora de recuar, sem perder de vista que seu objetivo principal é gerar um bem que

traga alegria para si e para os outros. O homem livre é consciente e age sempre com sabedoria e justiça, nunca com má fé ou voluntariamente com a intenção de provocar um prejuízo.

Este homem que se deixa conduzir pela razão e, por isso, é livre, tem consciência de que o amor precisa ser forte para vencer a maldade, o ódio e todo tipo de sentimento ou paixão que possa provocar algum dano a si ou a outro ser humano, ele entende que o bem que quer para si deve ser estendido para os outros também.

Contudo, embora haja dificuldade para que o homem se guie pela razão e consiga controlar as paixões, os impulsos, em função potência, da força dos fatores externos a ele, Espinosa nos lembra: “[...] não há nenhuma alma tão fraca que não possa, quando é bem dirigida, adquirir um domínio absoluto sobre as suas paixões.” (1989, p. 214)

Isso demonstra que as paixões que os homens adquirem têm suas causas exteriores a eles, porem, na medida em que eles são educados para se administrarem de acordo com a razão, terão dentro de si, a potência necessária para atacar as causas das paixões e evitar os deslizos e os perigos para si e para os outros, decorrentes dessas paixões.

O homem que tem consciência das coisas necessárias, embora tenha pensamentos e imaginações sobre outras, controla melhor suas paixões, logo, sofre menos em função delas. Quanto menos tempo o homem for dominado pelas paixões contrárias a natureza, tanto mais ele conseguirá ordenar-se de maneira inteligente.

Muito embora haja provocações e tentações adversas, os homens razoáveis compreenderão a importância da honestidade. Pois ninguém suporta com tranquilidade ser odiado e desprezado pelos outros. Os homens de espírito reto são honestos pelo próprio gosto da virtude. Os sentimentos de bondade e honestidade dependem de ambientes equilibrados para que possam permanecer com os homens. Segundo Voltaire (1988, p. 87) “Uma educação sadia perpetua esses sentimentos em todos os homens, vindo com ela o sentimento universal que chamamos honra do qual mesmo os mais corrompidos não podem desfazer-se, e que é o eixo da sociedade”.

Não obstante as tentações materialistas, consumistas, pragmáticas e imagéticas serem muito fortes e exercerem um grande poder de influência no mundo atual, existe sempre uma esperança de que os homens formados conforme os princípios éticos e que tenham um bom equilíbrio intelectual-emocional, possam suportar as pressões e propostas imorais e antiéticas e seguirem em frente com atitudes coerentes, autênticas e solidárias, contribuindo exemplarmente com a construção da justiça.

Ora, conquistar consciência não é um caminho muito fácil, mas como seria se ela estivesse à disposição mesmo negligenciada pelos homens? As grandes e importantes coisas são raras e difíceis aos homens.

Assim também não seria em relação à felicidade? Ser feliz demanda contentamento, temperança, prazer, ausência de desgosto, tensões, preocupações. Busquemos a felicidade para qual fomos criados, tanto a felicidade individual, quanto a coletiva, no sentido de que todos, na medida em que tenham compromisso e solidariedade para com os outros, possam colaborar, ainda que seja indiretamente, com a felicidade da coletividade.

Todo empenho humano não estaria voltado para alcançar a felicidade? Em função dela os homens elaboram leis, organizam a sociedade, inventam artes e desenvolvem as ciências. Todos gozam das vantagens programadas, seja o homem ignorante, o letrado, o civilizado, o homem virtuoso, este porém, pode estar superior aos outros, apenas no sentido de que pela razão ele consegue administrar seus desejos, submeter suas paixões e produzir bens/valores permanentes que lhe tragam a verdadeira felicidade. Todavia, isto não acontece sem um grande esforço, sem dedicação, sem abandonar a indolência, sem um exercício permanente de moderação das paixões, sem o cuidado correto do espírito. Para Hume (1989, p.154 e 155):

O espírito, por falta de exercício, passa a achar insípida e detestável toda delícia, e já também o corpo, cheio de humores nocivos, sente os tormentos de suas múltiplas doenças, tua parte mais nobre tem consciência do veneno que a invade e em vão procura aliviar sua ansiedade com novos prazeres, o que agrava ainda mais a fatal enfermidade.

O homem sábio, com serenidade e virtude busca o caminho certo da felicidade, que por vez não está na honra, no poder, na riqueza, mas na própria ação virtuosa, nos sentimentos humanitários capazes de produzir um bem permanente para si e para os outros.

A beleza moral não seria capaz de produzir um bem maior do que a beleza física, ou mesmo a beleza inanimada das coisas? Não é ela que tranqüiliza o espírito depois de verificar os resultados do seu esforço? O homem virtuoso, o homem de moral, sente-se satisfeito, sente-se feliz com a recompensa de suas ações, agradecendo a bondade de Deus por lhe proporcionar tão grande bem. No entanto, o homem de prazeres fúteis, quando tem consciência de sua culpa e de suas ações voluptuosas torna-se angustiado e atormentado.

Não obstante considerar a ação virtuosa como um meio capaz de conduzir o homem à conquista da verdadeira felicidade, os caminhos que levam a ela são diversos e não seria sensato considerar que uma forma de vida fosse a única com possibilidades para conquistá-la. Pensar assim pode ser preconceituoso e ingênuo diante da imensa variedade de orientações e

tendências da espécie humana e diante das mudanças de preferências. Embora muitos homens se inclinam a seguir o mesmo caminho, os meios empregados por eles, num geral, são bastante diferentes, o que não lhes garante o mesmo sucesso. Cada um tem suas qualidades e limitações e são elas que atribuem valores aos objetos.

Quanto mais crítico e mais virtuoso o ser humano for, mais ele terá condições de argumentar e valorizar o seu lado interior em relação ao seu lado exterior. O lado espiritual do homem está mais próximo dos princípios, sendo assim, os críticos argumentam melhor a favor do interior do que os ignorantes e insensatos, por compreenderem que a felicidade está mais relacionada aos valores interiores do que aos objetos exteriores que não possuem valores em si mesmos, seu valor depende diretamente da paixão que o indivíduo tem por eles.

Segundo Hume (1989, p. 163):

[...] as paixões que visam a objetos exteriores não contribuem tanto para nossa felicidade como as que dependem de nós mesmos, pois no primeiro caso não estamos tão certos de conseguir os objetos nem tão seguros da permanência de sua posse. No que diz respeito à felicidade, é preferível a paixão pelo saber à paixão pela riqueza.

Há homens que possuem grandes valores morais que mesmo quando tentados por objetos exteriores não se deixam levar por eles, pelo contrário, renovam seu empenho com bastante alegria e se fortalecem nos princípios, contribuindo imensamente para a realização da felicidade.

Esse processo é sem dúvida, dispendioso exigindo do homem um grande esforço para controlar suas paixões, o que nem sempre ele está competente para fazê-lo. Pode ocorrer do homem até ter consciência do valor moral para si mesmo e para os outros, mas não conseguir controlar seus impulsos, seus desejos.

Daí a importância de se dedicar ao saber, através dele os homens tem a oportunidade de humanizar o caráter. Um homem que tem gosto pelo saber, sobretudo pelo saber humanizado, apesar de suas fraquezas, tem em si um poder maior de controle das emoções, ao mesmo tempo em que uma sensibilidade maior por uma vida autêntica e correta.

Os estudos, a educação, a vida aplicada, tem grandes possibilidades de alterar o caráter.

Os prodigiosos efeitos da educação são de molde a convencer-nos de que o espírito não é completamente inflexível e obstinado, e é capaz de admitir muitas alterações em sua natureza e estrutura original. Quando se está firmemente convencido de que na vida o melhor caminho é o da virtude, e se tem força de ânimo suficiente para

durante algum tempo impor restrições a si mesmo, não há motivos para desesperar da reforma do espírito. (HUME, 1989, p. 164).

Quando o ser humano tem, concomitantemente, oportunidade de conviver em ambientes moralmente saudáveis e a capacidade interior de, através de um grande empenho, vigiar a si mesmo, ele consegue, ao longo de um processo, uma mudança positiva em seu caráter. O importante é que o homem tenha uma direção, que ele tenha parâmetros morais para balizar suas ações, a fim de que não se perda em meio ao “mar” de contra-valores que possam arrastá-lo para uma vida fútil, que não seja boa nem para si e nem para os outros.

Para Rousseau a corrupção moral sempre pareceu a principal causa de ruína da civilização moderna. Para superá-la seria preciso encontrar um critério de moralidade que consistiria no restabelecimento da bondade original do homem.

É preciso estudar a sociedade pelos homens e os homens pela sociedade: aqueles que querem tratar separadamente a política da moral não compreenderão nunca nada de ambas. O que significa como é óbvio, que a verdadeira educação é de cunho moral e não técnico. (COMPARATO, 2006, p. 241)

Contudo, a educação, só terá êxito se conformar com a natureza humana. “A criança sente, antes de refletir. E, na idade adulta, o juízo ético procede, ao mesmo tempo, de uma intuição sentimental e da avaliação racional das ações humanas.” (Comparato, 2006, p. 243)

Rousseau antecipou, até certo ponto, o desenvolvimento da filosofia ética, com a descoberta do mundo dos valores. O justo, o moralmente digno, o bom não se apreende apenas pela razão, pelo raciocínio, mas, acima de tudo, por uma empatia do ser que julga com as ações por ele julgadas. Pois, a educação dos sentimentos se insere dentro de um trabalho pedagógico mais amplo, que tem como objetivo tornar o educando mais crítico, para que saiba discernir e julgar com autonomia, sem a aceitação passiva da autoridade alheia. É importante preparar o indivíduo para que ele possa agir politicamente como um cidadão e não como um súdito.

Rousseau ainda defende que a liberdade do cidadão depende de uma condição de geral igualdade econômica, o que o coloca, nesse ponto, contrário ao Capitalismo e ao ideário burguês.

Através do esforço comum de boas vontades internas e externas e atitudes concretas de educação, o homem caminha em direção à consciência, uma consciência capaz da auto-reflexão, da auto-análise e capaz de exigir uma postura autêntica e coerente de acordo com

sua própria natureza. Este processo leva o homem a escolher e a lembrá-lo nas consequências vantajosas ou prejudiciais para si e para o meio em geral.

Os homens são afetados por muitas coisas e é normal que sejam afetados, mas é importante que muitas delas não os dominem, especialmente aquelas que possam aborrecê-los por demais como o ódio, a dor. Cumpre cuidar bem da liberdade de nossa alma, sem permitir que se comprometa a não ser apenas em ocasiões excepcionais, o que são muito poucas. A empolgação impulsionada pela emoção torna as pessoas presas das grandes e das pequenas coisas, das que tem relação direta com elas e das que não tem relação alguma.

Quando os homens, ordenados pelas paixões, passam a amar uma porção de coisas muito mais do que a si mesmos, perdem de vista o dever primeiro para o qual estão no mundo, que é o de guiar a si próprios para a conquista da paz interior e da felicidade.

O espírito humano precisa de muita serenidade, para que possa agir com sensatez, com equilíbrio, sem paixão. A paixão não é um bom guia para as decisões dos homens. A razão, sim contribui para o equilíbrio, pois, mesmo quando malogram, os homens guiados pela razão, não ficam atormentados, são capazes de recomeçar, de se reerguerem e seguirem em frente, são sempre senhores de si, não cometem imprudências ou violências.

Kant, logo no início da exposição de sua grande obra Fundamentos Para a Metafísica dos Costumes, assegura que só a virtude, isto é, a vontade moralmente boa, torna o ser humano digno de ser feliz. Existem vários caminhos para se alcançar a felicidade, porém o caminho da virtude é o único moralmente digno.

Enquanto Aristóteles compreendia o conceito de virtude tanto como disposições morais quanto intelectuais, para Kant, virtude é apenas um conceito moral e não intelectual.

Segundo Kant, a vontade moralmente boa não existe como simples meio parra a satisfação de nossas necessidades naturais, pois para isto basta o instinto, como nos animais. Ela é uma finalidade em si mesma, ou seja, é o bem supremo, condição da qual dependem todos os outros bens, inclusive a aspiração à felicidade. (COMPARATO, 2006, p. 291).

No seu livro A crítica da razão prática, Kant escreveu que o amor ao próximo,

essa lei de todas as leis”, “apresenta, como todo preceito moral do Evangelho, a intenção moral em toda a sua perfeição; ela é da mesma sorte, um ideal de santidade, do qual devemos nos esforçar para nos aproximarmos, num progresso ininterrupto, mas infinito”. (COMPARATO, 2006, p. 292)

Por aí se vê que, para Kant, toda vontade dirige-se a um fim, daí ser importante tratar a si próprio e também aos outros sempre como uma finalidade e não como um meio, o que possibilita agir com consciência para não prejudicar nem a si e nem aos seus semelhantes.

Os homens prudentes iniciam todo processo devagar e cautelosamente para não serem surpreendidos no momento mais necessário. Nem sempre temos certeza das coisas depois que elas se colocam em movimento, sendo assim, agir de forma moderada e racional pode evitar o erro ou o dano a si próprio e aos outros, o que representa agir com justiça.

Com isso, não queremos dizer que devemos ser poupados de todos os aborrecimentos ou, muito menos que devemos ser omissos em relação às coisas. Pelo contrário, queremos mostrar a necessidade do homem ser constantemente atuante, tanto naquilo que lhe traz vantagens individuais, quanto naquilo que provoca ganhos e alegrias alheias.

O homem que não é prudente é tentado a desanimar quando encontra obstáculos, daí a importância da ponderação para que se possam prosseguir as atividades e até a vida de forma autêntica e conforme as necessidades essenciais da natureza, sem ofender nem provocar ódio em ninguém.

O que permite que um homem possa resistir às provocações e às propostas indecentes não é apenas sua constituição física, ou sua inteligência ou mesmo seu condicionamento social, mas seu estado espiritual. Daí a importância das virtudes, sobretudo, da paciência, da tolerância, da calma, da tranquilidade para conferir serenidade diante da adversidade. Estas virtudes não deixam os pensamentos negativos tomarem conta de nós, preservando a paz de espírito diante das diferenças, o que torna nossa conduta eticamente correta e íntegra. Esta conduta nos torna mais agradáveis no convívio com os outros e mais fortes mental, espiritual e fisicamente. As mentes com poder de autocontrole desfrutam de uma melhor saúde integral, colaborando, conseqüentemente, na conquista da felicidade.

Contrário a tudo isso são os vícios que empurram os homens aos caminhos do perigo, arrebatam-os pelo excitante, leva-os a agirem sem reflexão, tanto para consigo mesmo quanto para com os outros. Não seriam os vícios capazes de minorar o ser humano da sua condição de natureza, do seu estado propriamente humano, e por isso, capazes de torná-lo perverso consigo mesmo e com os outros?

“E quantas vezes, por outro lado, a perversidade do coração impede o homem de reconhecer verdades perfeitamente acessíveis a seu entendimento”. (SCHPENHAUER, 1988, p. 194)

Entretanto, um homem moralmente perverso, é impossível que não seja reconhecido e, tão logo seja identificado como tal, passa a ser desprezado pelos outros.

Henri Bergson enfocou a necessidade da consciência para a prática comportamental. Ele mesmo questiona sobre o que seria a consciência e nos oferece uma definição. Para ele: “consciência significa primeiramente memória... Toda consciência é, pois, memória – conservação e acumulação do passado no presente.” (Bergson, 1989, p. 191)

A consciência é adquirida através de um processo longo e dialético que se dá pela interação entre o ser e o fato ou objeto exterior a ele, porém que lhe desperta interesse, ou seja, é o traço de união entre o que foi e o que será. Durante esse processo, a consciência é convidada a escolher, e aí entra em cena a educação, os valores; para que a escolha possa produzir um bem para todos, o indivíduo precisa pensar nas conseqüências de sua escolha, se elas são vantajosas ou prejudiciais para todos os que forem atingidos por ela.

O homem consciente é um ser de ação, de atitude, que constantemente se enriquece e se lapida, na medida em que exercita sua capacidade de absorção do mundo exterior, na medida em que o mundo oferece a ele oportunidades saudáveis, ou seja, a ambiência quando possui valores morais e o indivíduo é flexível no processo de interação com o meio, torna-se possível o enriquecimento da consciência.

[...] a consciência resulta da relação íntima do homem consigo mesmo, ou seja, é fruto da conexão entre as capacidades do “ego” (eu) e aquelas das energias espirituais, responsáveis pela nossa vida”. “A consciência ética, portanto, é esse estado decorrente de mente e espírito, através do qual não só aceitamos modelos para a conduta, como efetivamos julgamentos próprios...” (SÁ, 2001, p. 57 e 58)

O processo de formação da consciência ocorre através dos ensinamentos, das influências dos ambientes, das informações, da capacidade de percepção e observação que cada ser humano tem. A ação ética só vai acontecer caso o homem tenha a consciência ética formada.

Se alguma coisa foi produzida com o prejuízo de alguém não pode ser considerada ética. Uma ação ética é aquela que produz harmonia entre o ser que pratica e a comunidade para a qual ela é dirigida. A consciência ética se volta para as condutas virtuosas, está preocupada com o bem comum.

Essa consciência não determina a renúncia de si mesmo, mas compreende a necessidade do amor como condição fundamental da existência, um amor com uma tripla dimensão, isto é, o amor próprio, o amor ao próximo e um amor cósmico.

A consciência ética pode estar em discrepância com a consciência subjetiva, pois nem sempre os atos que praticamos em nossa vida social estão de acordo com o nosso conhecimento.

Como cada um tem seu universo próprio e tem tendência a se comportar de acordo com esse universo, o comportamento gerado a partir daí pode não ser julgado como bom para os outros. Contudo, a consciência ética submete a sua conduta a julgamentos de terceiros, já que seu intuito voluntário é o de estar gerando o bem comum.

Quando os membros de um grupo, de uma organização, de uma categoria não possuem formação humana, com vistas ao bem geral, podem gerar conflitos em função de seus interesses divergentes. Contudo, se esses membros possuem consciência ética, embora possam existir diferenças de opiniões, de visões, todos saberão se respeitar, sobrepondo os interesses coletivos, às necessidades individuais.

É necessário que a consciência ética esteja vigilante em relação às manifestações mentais, em relação aos possíveis vícios, assim como também às influências das circunstâncias ambientais.

A ignorância pode enfraquecer as virtudes e ampliar os vícios, onde o erro passa a ser aceitável perante o grupo ou a sociedade, daí a necessidade de educar permanentemente a consciência ética, a fim de não permitir o desvio da conduta ética para uma conduta individualista e egoísta.

“Virtuoso não é apenas o que se comporta louvavelmente, mas o que também recebendo louvores os tem provenientes de qualidades transcendentais, fundadas no respeito a si e a seus semelhantes.” (SÁ, 2001, p. 69)

As paixões que os homens adquirem contribuem diretamente para moldar sua conduta. Os homens que sentem paixão pelo poder são levados ao orgulho, portanto, estão mais sujeitos à cólera. Se as paixões tendem para o mal, será possível prever que as conseqüências serão ruins para todos os quais ele conseguir atingir.

Muito embora as paixões façam parte da natureza do homem, é fundamental que ele desenvolva constantemente sua capacidade racional, já que somente ela é capaz de torná-lo prudente no momento de suas ações. O homem com sua razão desenvolvida é capaz de reflexão, é capaz de um pensamento mais elaborado, de pensar a priori sobre as conseqüências de suas ações, não se deixa levar pelos impulsos e pelos vícios. As paixões quando não são guiadas pela razão podem levar o homem à loucura, ou no mínimo, a atitudes egocêntricas e até mesmo egoístas em relação aos outros.

A história da humanidade está cheia de fatos que são contrários à Ética, praticados por emoções que encobrem a razão, dominam o ego e influenciam comportamentos irresponsáveis provocando uma série de problemas como a fome, a miséria, as guerras, a

violência, a corrupção. Na medida em que os atos humanos forem realizados à luz da razão, guiada por valores éticos, tudo isso poderá ser evitado e a humanidade terá paz e harmonia.

Se olharmos para o mundo e, mesmo ao nosso redor, constatamos atitudes contrárias à Ética, praticadas por preconceitos, fanatismos ou ignorância, no fundo por emoções que se sobrepõem à razão. Até mesmo a consciência ética está sujeita a ceder espaço para as mais diversas paixões.

A força do mundo exterior, ou seja, das circunstâncias ambientais, pode interferir no mundo interior do homem a qualquer tempo e lugar, tudo vai depender da estrutura da consciência ética de cada um e do poder do ambiente exterior. Na medida em que o homem estiver administrado pela razão e com uma sólida consciência ética, tanto menos sofrerá influências dos ambientes exteriores, entretanto, se o homem estiver movido pelas emoções e vazios de valores éticos, então estará mais suscetível às influências ambientais.

Quanto mais insegura, ignorante, inexperiente e carente de afeto e amor se encontra uma pessoa, maior é a debilidade do seu ego, por conseguinte, maior é a probabilidade de sofrer influências dos ambientes exteriores.

Um homem quando é intelectual e moralmente bem educado, bem formado, torna-se mais crítico em relação às possíveis influências dos ambientes externos. Quanto menos conhecimento cultural e moral um homem possui, mais facilmente se deixa levar por atitudes enganosas dos fanáticos e dos que detém algum poder.

A ignorância é um elemento dificultador da virtude e o homem não virtuoso pode considerar o erro como conduta aceitável para si mesmo e até perante a sociedade, daí a necessidade de oferecer ao ser humano elementos culturais e educação ética para que possa estar seguro e consciente, a fim de não se deixar influenciar pelas emoções e ambientes contrários à conduta ética.

A grande diferença entre o sábio e o ignorante é porque o sábio tem o poder de evitar que as emoções dominem o seu ser, sua sabedoria lhe garante uma administração racional e equilibrada, enquanto o ignorante se deixa levar pelas emoções e, impulsionado por causas externas, sem conhecimento de si mesmo e das coisas, deixa de ser ele mesmo para ser aquilo que o ambiente exige que ele seja.

Um grande sábio que deu uma grande contribuição à Ética, sobretudo em relação ao comportamento ético, no século XX, é Gandhi, que com seu testemunho e sua postura claramente na defesa dos mais fracos, revoluciona e dá exemplos práticos de como colaborar na construção da cidadania e da justiça. Ele descobre que muito mais digno do que aceitar a

injustiça é defender a dignidade humana e reagir contra a violência tão só com a arma da verdade.

Algumas iniciativas de Gandhi demonstram sua genialidade e sua corajosa luta pela justiça. Na África do Sul ele faz uma campanha contrária ao Projeto de lei que proibia o direito de voto aos indianos. Outras campanhas foram realizadas por Gandhi, sendo as mais expressivas as duas Marchas do Sal, empreendidas na Índia em 1930. Como a venda de sal na Índia era monopólio do poder imperial, ou seja, ninguém podia recolher o sal das salinas naturais, mas todos eram obrigados a comprá-lo do governo, o que significava um gasto muito alto para a população mais pobre.

Outros episódios cercaram a vida de Gandhi, sempre na luta pela justiça, pela paz e pela não-violência, até que no dia 30 de janeiro de 1948, depois de um longo jejum, acabou morto por um jovem, “que depois se soube ser o redator chefe de um jornal extremista hindu, aproximou-se de Gandhi, fez menção de se prosternar diante dele e desfechou-lhe três tiros mortais.” (COMPARATO, 2006, p. 394)

Para Gandhi, a verdade é a arma a ser utilizada contra as injustiças. A verdade demonstra toda sua força espiritual para as pessoas íntegras, aquelas em que pensamento, palavra e ações formam um todo indissociável. A fim de realizar a integridade, Gandhi buscou uma vida de ascese e continência, segundo ele a purificação interior nos torna livre, de corpo e alma para servir a verdade.

Conforme Comparato (2006, p.396):

As suas experiências de vida lhe pareciam “acima de tudo, de natureza espiritual e também moral, pois a essência da religião é a moralidade”. Dogmas, rituais e tradições litúrgicas têm valor universal, quando exprimem ou desenvolvem os grandes princípios éticos. Fora disso, não passam de particularismos culturais. “Deus não está nem no céu nem no inferno, mas em cada um de nós. É, portanto, pela minha consagração ao serviço da humanidade que poderei, um dia, ver a Deus.”

Na visão de Gandhi, a verdade, a justiça e o amor, são as qualidades próprias do homem e a fonte de onde emanam todos esses valores é o próprio Deus. Por isso, segundo ele um ser não violento não é o que ama quem lhe ama, mas é o que ama quem lhe odeia. A coisa mais difícil de todas é amar nossos inimigos.

A doutrina Gandhiana não admite que o Satyagrahi vire as costas ao mal e se refugie dentro de si. Ela exige, ao contrário, uma ação incessante contra a injustiça, em qualquer de suas modalidades, levada avante com o respeito integral à dignidade humana, não só da vítima, como também do vilão. (COMPARATO, 2006, p. 398-399)

Embora ele sempre defendesse a não-violência, esse conceito nunca teve qualquer conotação de passividade:

A não-violência supõe, antes de tudo, a capacidade de lutar. Mas é indispensável reprimir, de modo consciente e deliberado, todo o desejo de vingança. Não há como negar, porém, que, em qualquer hipótese, a vingança tem mais valor que a pura submissão, totalmente inútil e efeminada. Na verdade, o perdão é superior a tudo. A vingança não passa de fraqueza, nascida do temor real ou imaginário de sofrer um mal. O homem que não teme ninguém sobre a terra achará até mesmo inútil querer suprimir a raiva daquele que tem a intenção de feri-lo. (COMPARATO, 2006, p. 399).

Nessa perspectiva cósmica da união sagrada do amor e da justiça na verdade que Gandhi compreendia os grandes princípios de proteção da dignidade humana, que são a igualdade, a segurança, a liberdade e a solidariedade.

Sua crença inarredável na dignidade das pessoas levou-o a lutar contra a imoralidade do sistema capitalista. A crítica de Gandhi ao capitalismo é que, esse sistema se aperfeiçoa não em benefício de todos, mas apenas de alguns que ficam com o lucro. É contra todo esse estado de coisas, ou seja, as injustiças, que ele lutou com todas as suas forças. Para ele a igualdade é a chave da independência não violenta. Enquanto perdurar a injusta diferença que separa os ricos dos milhões de pobres e famintos, um governo não violento é totalmente impossível, segundo ele.

Gandhi mandou, certa vez, inscrever essa advertência nas paredes do monastério de Ahmedabad: “Nada tenho a ensinar ao mundo. A verdade e a não-violência são tão velhas quanto às montanhas.” (COMPARATO, 2006, p. 404)

Ele foi um apaixonado pela igualdade e batalhou de todas as formas pela superação da violência, o que lhe garante a qualidade de profeta, pregando a toda humanidade a importância do amor, da justiça e da verdade. Nesta filosofia pode estar a saída para a superação das injustiças sociais e a construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária.

Depois de algumas reflexões sobre a Ética e suas possibilidades, vamos refletir no próximo capítulo a importância da Educação como meio de construção da consciência solidária, da igualdade e da justiça.

1. 4 Uma ética para o século XXI

A Ética era importante para os gregos do século V a.C. em função das contradições que eles viviam naquele período histórico. As questões éticas ocupavam lugar especial no pensamento grego. Para Sócrates, o saber só era fundamental enquanto saber sobre o ser humano. E esse saber era universal, moral e prático. A partir daí elaborou uma ética na tentativa de definir o bem, o bom, a virtude como conhecimento e o vício como ignorância. Sócrates acreditava que a virtude devia ser transmitida de pessoa para pessoa através da educação. (cf. Ahlert, 2003, p. 41). Platão, no entanto, desenvolve seu conceito sobre ética como um grande conjunto de virtudes, sendo que as principais eram a prudência, a justiça, a temperança e a fortaleza. Também para Aristóteles as virtudes tornam o homem bom, contudo, segundo ele: “nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza: adquirimo-las pelo exercício”. (ARISTÓTELES, 1987, p. 27).

Na Idade Média, pensadores como Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino continuaram estudando e se preocupando com a ética, por causa da problemática moral e do sectarismo religioso e cultural desse novo momento. A ética também preocupou os estudiosos do período moderno que perceberam a imoralidade e o comportamento antiético por parte, sobretudo, daqueles que controlavam o Absolutismo, esses estudos também foram muito importante nos séculos XIX e XX, período em que as relações humanas tornaram-se mais técnicas, mais materialistas, portanto, com menos humanidade e humanismo.

Entretanto, com o progresso tecnológico conquistado durante o século XX, a desmedida concentração de renda e poderes e a destruição do meio ambiente, provocada pelo capital, após a Segunda Guerra Mundial, tornaram-se indispensável intensificar os estudos e as discussões sobre a Ética e a Bioética, com o objetivo de buscar o equilíbrio do ser humano e do meio ambiente e, ainda que pareça desesperador, salvar a vida no planeta e construir alternativas para que ela possa continuar melhorando gradativamente sua qualidade.

Com as possibilidades de destruição da natureza, de muitas espécies de animais e até da espécie humana, torna-se necessária uma reavaliação de como se encara a conduta humana. Não é por acaso que nossa época nos impõe uma grande preocupação com as questões da Ética.

A transição do século XX para o século XXI nos impõe uma difícil tarefa a enfrentar, da qual ninguém pode se eximir, pois, nem os comportamentos comuns, nem o trabalho dos pensadores sobre a Ética dão conta de enfrentar os deslocamentos provocados por ela. Daí a busca da Ética tornar-se peculiar. Não a Ética como estudos filosóficos e acadêmicos apenas,

o que também é muito importante, mas acima de tudo, como presença indispensável no mundo.

Os projetos científicos e políticos dos últimos tempos parecem estar abandonando os princípios éticos, orientando suas ações apenas para resultados pragmáticos, materialistas e tecnológicos sem se preocuparem com o ser humano propriamente.

A cultura tecnológica tem como princípio básico facilitar a vida, oferecer conforto e aumentar o poder de controle sobre a natureza. A grande exigência dessa cultura é a eficiência e a funcionalidade, impulsionada pelos meios de comunicação que focaliza incessantemente a necessidade do sucesso. O capitalismo e a mídia incutem no homem a idéia de que uma vida com esses ingredientes não tem rival, parece estar completa, não tem necessidade de mais nada, nem mesmo a questão ética é sentida como totalmente ausente.

A cultura ética, vista como um sistema de vida, se contrapõe à cultura tecnológica, pois suas perspectivas são outras. Enquanto a cultura tecnológica enfoca temas como produtividade, eficiência, lucro, sucesso, a cultura ética trata de temas como a justiça, os deveres, o respeito mútuo, a felicidade e a responsabilidade; em resumo, a dignidade da vida humana.

Ao longo do capitalismo, no qual o indivíduo tornou-se um sujeito econômico, passando a maximizar suas ações em função do ter e não do ser, no qual se desenvolveu a idéia do utilitarismo, do individualismo, das paixões consumistas, foi possível perceber que as discussões sobre as questões éticas foram diminuindo, já que não interessa propriamente ao sistema capitalista a valorização da pessoa humana e sim do capital.

Todo esse processo provocou a cisão da ética com a religião e fortaleceu a política do poder, do individualismo, da ciência, da tecnologia, afinal, valores tão antagônicos não podem conviver juntos, ou se valoriza o ser humano de forma total ou se valoriza o capital; o capitalismo, como o próprio nome diz, optou pelo segundo.

O capitalismo impulsiona as pessoas a viverem como se estivessem no meio de um naufrágio em que as “ondas” sufocam a todos e, cada uma delas tenta salvar a própria vida, indiferente ao “destino” da vida das outras, provocando o desaparecimento da consideração humana, do compromisso, da responsabilidade e da fidelidade para com os outros seres humanos.

A consequência máxima do processo ao longo dos séculos XVIII, XIX XX é a indiferença. O capitalismo tornou o ser humano indiferente à sua humanidade, A máxima da indiferença é a possibilidade de extinção de sua própria espécie.

É um sistema perverso, capaz de provocar a exclusão da maioria, ao mesmo tempo em que é capaz de concentrar o capital e o poder nas mãos de poucos, de uma minoria inescrupulosa que impõe uma situação de injustiça e desigualdade extremas, sem que ela mesma seja responsabilizada pelo dano causado a tantas vidas, muitas delas inocentemente ceifadas sem nem mesmo entender o porquê de tudo isso.

Não é falta de ética da parte dos déspotas que inventaram a favela, a miséria, a sub-condição de vida, o desemprego para milhões e milhões de pessoas? Não é falta de ética anular os destinos, abolir o futuro das crianças e da juventude?

Em meio a essa desesperança que precisamos urgentemente pensar uma alternativa que possa responsabilizar a todos para que possamos juntos e sensibilizados pela humanidade, superar o vazio de sentido e de valores. De acordo com Forrester (1997,P. 60):

É aí, nesse vazio, nessa vacância sem fim que destinos são aprisionados e desagregados, é aí que se afogam energias, que se anulam trajetórias. Aqueles cuja juventude, impotente, caiu nessa armadilha têm consciência disso e preferem não demorar a enfrentar a seqüência de suas vidas. À pergunta: ‘Como você se vê daqui a dez anos?’, um deles respondeu: ‘não me vejo nem até o fim da semana’

Embora vivamos diante do caos programado (é a fome, a miséria, a guerra, a violência, as doenças, a ignorância) pelo sistema capitalismo em nome do lucro fácil e aviltante e do domínio do mercado que impõe o consumo como base de satisfação, precisamos encontrar meios para construir condutas adequadas do ponto de vista da Ética, a fim de construirmos uma outra realidade, onde as pessoas possam ter oportunidades e ambientes saudáveis tanto para uma boa formação deontológica, como para a prática do bem e da solidariedade.

O comportamento ético toma a forma da benevolência, isto é, é um saber que age em direção ao bem. A Ética é a ciência que estuda o bem e faz parte de um processo de construção dele próprio.

O ato de benevolência significa fazer efetivamente o bem, o que exige agir de modo correto segundo princípios humanistas, fazer o bem aos outros e se preocupar com a felicidade, ou seja, desejar uma vida boa. Para tanto, é condição indispensável utilizar-se da verdade e da justiça, pois quando se utiliza desses dois valores, estabelece-se o equilíbrio e a harmonia nas relações, evitando danos a si mesmo e aos outros.

O ético é visto como uma qualidade, como uma forma de ser que se opõe ao mundo instituído, sem deixar de ser uma forma de mundaneidade. Ser ético é travar uma luta permanente na tentativa de impedir a formação de maus hábitos como mentir, explorar os

outros ou ser violento. Entretanto, um segundo fator, é também muito importante para exigência do ser ético: o dia-a-dia renova constantemente as tentações. Isto exige do ser humano um esforço crítico e atitudes constantemente construtivas para enfrentar as situações impostas pelo mundo. Ora o movimento do mundo nos aproxima do ético, ora ele nos afasta na direção contrária. Daí a necessidade de grandes virtudes para suportar as propostas indecentes e absurdas que o mundo nos impõe.

Virtudes como as indicadas por Platão: a prudência, a justiça, a temperança e a fortaleza, quando se voltam para a construção do bem e da boa vida para todos, são condições fundamentais para o exercício da Ética. Além dessas virtudes, há outra muito importante que é a veracidade, ou seja, uma apresentação verdadeira de si perante os outros. O ser ético é também um ser autêntico, sem máscaras e sem sofismas. Não obstante as virtudes sejam elas teóricas ou práticas, serem todas importantes para o ser ético, há uma que precisa ser destacada como indispensável, até mesmo para a prática de outras virtudes, esta é a sabedoria. É ela que nos leva a pensar sobre os fins últimos de nossas ações, ou seja, ela auxilia as ações ao mesmo tempo em que é auxiliada por elas.

A sabedoria não é o saber em si, aquele dominado apenas pela razão instrumental, este pode se apresentar indiferente à ação, sem compromisso com o ser humano, o que seria uma sabedoria invertida. O conhecimento tem muitas pretensões nos tempos atuais, muitas delas se afastando da Ética, se preocupando apenas com resultados imediatos e materiais. A sabedoria que invocamos aqui é a sabedoria da compreensão, da justiça, do amor, da solidariedade; é a sabedoria que decorre do reconhecimento igualitário, que se preocupa com um tratamento igual, que coloca a dignidade da vida humana sempre em primeiro lugar.

A modernidade nos impôs uma moral individualista, onde cada um legisla em causa própria, cria as normas e regras de conduta pessoal e as aplica conforme seus objetivos e interesses particulares. A moral passou a ser tratada como um assunto privado, sem nenhuma responsabilidade com o social, a vida pública.

Cada indivíduo passou a julgar o que é melhor para si, assim como cada segmento da vida construiu sua autonomia e suas regras próprias. A ciência, por exemplo, conseguiu grandes avanços, contudo, alguns trouxeram resultados perversos, como os mísseis usados nas guerras e especialmente as armas nucleares com enorme poder de destruição.

A moral individualista, própria do espírito do capitalismo, provocou uma grande fragmentação nos vários segmentos da vida social, por conseguinte, uma desarmonia entre estes segmentos e o todo da sociedade. O mundo já possui tecnologia e conhecimentos científicos o bastante para produzir e satisfazer as necessidades vitais de toda a população,

entretanto, um terço da população vive na miséria e vai dormir toda noite com fome. Outra grave consequência da industrialização e do progresso tecnológico é a destruição do meio ambiente. Como afirmam Sung e Silva (1995, p.111): “Alguma coisa deu errado no percurso da locomotiva do progresso. Parece que o progresso técnico gerado pela racionalização capitalista não funciona bem para os pobres e para o meio ambiente”.

Em função de tantas contradições provocadas pelos progressos técnicos da modernidade, a Ética voltou a ocupar o centro das discussões nos setores da Política, da Economia, da Genética, da Sociologia, da Filosofia, da Educação, da Ecologia, podendo ajudar a humanidade a compreender as causas da crise e a encontrar soluções para elas.

O capitalismo, com sua moral individualista, impulsiona o progresso tecnológico e provoca injustiças sociais para os pobres e consequências desastrosas para o meio ambiente, contrapondo-se à Ética das virtudes, da responsabilidade, do compromisso com o ser humano.

Precisamos promover a transição da Ética de princípios, aquela que nos faz indignar com o sofrimento alheio, para a Ética de atitudes, aquela que nos leva a desenvolver ações concretas, capaz de influenciar positivamente a sociedade. A virtude indispensável para o desenvolvimento dessa ética é a solidariedade, já que esta virtude permite aos seres humanos desenvolver experiências de olhar o mundo e a realidade na perspectiva do outro, sobretudo dos mais fracos e excluídos. Para Sung e Silva.

Ser solidário significa se colocar no lugar do outro, daqueles que são as maiores vítimas dos processos sociais de exclusão, as minorias étnicas, as mulheres, os pobres, as gerações futuras e a natureza, que também é vítima da ação humana. Colocando-se no lugar dos mais fracos e lutando pela garantia dos seus direitos estamos, ao mesmo tempo, denunciando a moral do sistema capitalista percebida como sendo ‘a’ realidade e demonstrando na prática que é possível construir sociedades melhores que esta. (1995, p. 114)

A modernidade impulsionou o progresso da técnica em todos os setores da vida, contudo, esse progresso se deu à custa apenas da razão instrumental, de forma fria, fragmentada, preocupada apenas como progresso tecnológico e material, desprezando o desenvolvimento humano e a preservação do meio ambiente. Com esse progresso, o homem tornou-se um ser mecânico, robotizado, insensível, descaracterizado como tal. Na medida em que o homem se solidariza com os outros, se torna mais humano e liberta-se dos limites da razão instrumental, ou seja, da inteligência que se preocupa exclusivamente com o progresso científico, tecnológico e material e passa a desenvolver-se mais com a razão crítica, que o leva

a se preocupar primordialmente com o ser humano e com o equilíbrio ambiental, ele contribui enormemente para tornar o mundo justo e equilibrado também.

Na medida da convivência e da organização solidária pode ocorrer o processo de superação da moral individualista do sistema capitalista e a conquista da Ética da libertação, da responsabilidade e da solidariedade.

Cada ato solidário, cada movimento de solidariedade para com os mais fracos e necessitados pode colaborar diretamente para o desenvolvimento da cultura solidária. Pode parecer uma simples utopia ou um idealismo desmedido. Vale lembrar que já tivemos muitos outros períodos da história da humanidade onde predominou a insensatez, a escravidão, o imperialismo, a ditadura, o Fascismo, o Nazismo, o Patriarcalismo, o Absolutismo, a crueldade enfim, e todos eles foram superados. Quem sabe num futuro não muito distante as crianças ficarão chocadas ao saber que no passado outras crianças morriam de fome, que os adultos eram corruptos, que os políticos promoviam guerras por causa do petróleo ou para dominar outros territórios ou países.

Os problemas sociais e políticos são enormes e de difíceis soluções, em virtude do poder do capital e da ignorância espiritual por parte daqueles que o controlam, contudo, não podemos deixar de sonhar e batalhar diariamente para conseguirmos superar as injustas contradições e diferenças entre as classes sociais. Afinal, sem sonhos e utopias a vida humana se resumiria apenas a uma vazia caminhada para a morte.

Presenciamos, no início desse milênio, uma profunda desigualdade social e grandes riscos ecológicos promovidos pela produção de armas químicas e atômicas, pela engenharia genética com fins apenas econômicos.

Se, por um lado a modernidade nos legou brilhantes invenções tecnológicas e um enorme aumento de produção e de mercado, por outro, concentrou o poder econômico em nome do neoliberalismo e produziu a centralização dos lucros e, concomitantemente, um nível de exclusão e marginalização sem precedente na história.

O século XXI inicia-se com tantos recursos tecnológicos, industriais e científicos capazes de oferecer ao homem conforto e facilidade como nunca. Entretanto, na mesma proporção que os séculos XIX e XX nos legaram tantas oportunidades, em função dos avanços técnico-científicos, nos impuseram também doenças, misérias e um mundo totalmente estratificado tanto em termos de países dominadores e países pobres ou empobrecidos, em função de injustas relações comerciais ou de dominação através de guerras, quanto em termos de classes sociais inescrupulosamente dominantes e classes sociais injustamente dominadas.

O enfrentamento dessa contraditória realidade exige coragem cristã, conhecimento profundo de suas causas e um ousado projeto Ético-Político de libertação, numa consciente tentativa de negar a negação da vida das vítimas de um sistema que em nome da “liberdade” impõe a fome, a miséria, e a violência a toda a periferia do mundo, seja em nível nacional ou em nível internacional. Diante disso, a ação ética representa a luta consciente através de movimentos de libertação.

Ser ético diante dessa difícil realidade exige acima de tudo empreender um movimento a favor do desenvolvimento da vida humana. A grande obra do ser ético é mediar o processo de libertação.

A ação boa, a prática ou a práxis boa é aquela que produz com criatividade o bem, um bem que represente qualidade de vida, uma vida que se encontra plenamente realizada segundo as necessidades da própria realidade humana. Ser ético hoje compreende a crítica e consciente construção de uma nova realidade, onde o oprimido possa se libertar, o analfabeto escrever, o faminto comer, o sem-teto habitar, o sofredor se alegrar, enfim, onde todos possam ser plenamente humanos segundo as necessidades materiais e espirituais, ou seja, onde todos possam ser felizes.

O bem exposto aqui não é um bem perfeito, é muito mais um bem histórico, daí a necessidade de sermos vigilantes do ponto de vista da Ética, pois ela mesma nos ensina a estarmos atentos, críticos e numa luta permanente contra todas as forças e poderes contrários ao bem.

Esta práxis exige constante “alimentação” das virtudes, especialmente as chamadas cardeais, como a fortaleza, a temperança, a prudência e a justiça, para que se possa travar uma luta a favor das vítimas indefesas e conquistar a libertação de todas.

Esta conduta consciente é o que Dussel chama de Ética da Libertação:

A ética da libertação é uma ética da responsabilidade radical, já que se defronta com a conseqüência inevitável de toda ordem injusta: as vítimas. Mas não é uma responsabilidade apenas sistêmica (Weber) ou ontológica (Jonas), é também préontológica e transontológica (Levinas), porque o é a partir do outro, a partir das vítimas. (2002, p. 571)

O ser ético desse ponto de vista desenvolve ações responsáveis e solidárias a favor da dignidade e da qualidade de vida humana, sobretudo das vítimas oprimidas e excluídas. Para tanto, é indispensável organizar um trabalho de libertação de todos os seres humanos que não têm suas necessidades fundamentais supridas, a fim de que todos possam viver de forma digna, participativa, autônoma e livre.

O processo de globalização do capitalismo atual, na medida em que valoriza apenas o aspecto material, deixa a maioria da humanidade em pânico, insegura, com fome, doente. É o dinheiro produzindo dinheiro, ao mesmo tempo em que despreza a dignidade de muitos seres humanos, que destrói a vida humana, provocando um desespero em massa. Não seria isso, o início de um suicídio coletivo?

Contra um sistema que exclui toda atitude, todo comportamento ético e apenas inclui o dinheiro como valor de troca, torna-se um imperativo a luta pela produção da vida humana na sua totalidade.

Todo esse processo de exclusão da maioria das pessoas em relação a quase tudo que foi produzido pelo capitalismo no período da modernidade, reforça a idéia de que a Ética é um excelente recurso contra tudo que é contrário ao desenvolvimento da vida humana. Enrique Dussel já nos alertou:

Assim a ética torna-se o último recurso de uma humanidade em perigo de extinção. Só a co-responsabilidade solidária, com validade intersubjetiva, partindo do critério de verdade vida-morte, talvez possa nos ajudar a sair com dignidade no tortuoso caminho sempre fronteiro, como quem caminha qual equilibrista sobre a corda bamba, entre os abismos da cínica insensibilidade ética irresponsável para com as vítimas ou a paranóia fundamentalista necrofílica que leva a humanidade a um suicídio coletivo. (2002, p. 574)

Diante do mais alto grau de desenvolvimento da tecnologia, pois, por meio da ciência e da técnica o ser humano pode conseguir praticamente quase tudo que ele deseja. Manipulação genética, clonagem, eugenia, alimentos transgênicos, internet, sociedade da informação, tudo isso representa a “civilização tecnológica”, fase em que o homem tem domínio completo da natureza, ao mesmo tempo em que vive profundas incertezas e perplexidades em relação ao futuro.

Com tanta tecnologia, torna-se indispensável refletir sobre os limites da ação do homem e das ciências. A questão que se coloca agora se volta para o campo do dever-ser, como agir, com que interesse, pensando nas conseqüências imediatas, mas também nas conseqüências em longo prazo, já que nossas ações, especialmente aquelas impulsionadas pela tecnologia, podem comprometer não apenas a qualidade de vida hoje, como também a possibilidade da vida humana no futuro.

Frente a esta nova realidade e ao novo agir humano é importante que as ações do homem tomem como base o princípio da responsabilidade. Princípio este que não se contenta com o aqui e agora, mas que se preocupa com o futuro da humanidade. Jaqueline Russ (1999, p. 45) esclarece:

Em suma, não temos só que assumir o encargo das conseqüências imediatas previsíveis de nossos atos. É-nos preciso levar e muito longe nosso olhar, de maneira a manter na existência a humanidade futura; a sobrevivência da humanidade constitui o fruto desse olhar longínquo, seu autêntico objetivo.

Contudo, a responsabilidade em relação ao futuro não tem aqui nenhuma conotação transcendental, mas sim temporal, já que o objetivo primeiro é o de preservação da espécie humana com dignidade e qualidade de vida. Essa responsabilidade consciente leva sempre em consideração a relação direta entre interesses e valores.

Os riscos impostos pelas mutações de nossa época exigem um novo despertar axiológico, uma gravidez de novas esperanças, um novo renascimento ético, a fim de reavivar a humanidade do ser humano.

Nesse sentido é urgente educar as pessoas para o comportamento ético, pois, assim, terão um maior comprometimento consigo mesmas, com as outras e com o meio ambiente em sua totalidade. Para isso é importante desenvolver a virtude da compreensão, para que se possa ao agir, agir corretamente, conforme os princípios da justiça e da solidariedade, a fim de que os homens possam viver harmoniosamente. É fundamental educar as pessoas para que tenham comportamentos equilibrados, esperados, de acordo com os princípios citados acima, não para ter comportamentos que inquietam a vida comunitária e social.

O domínio da verdade e da moralidade é a essência de uma educação que pretende formar seres humanos íntegros, com comportamentos equilibrados, com noções claras de humanidade e de solidariedade.

A família, os educadores, os meios de comunicação e as instituições, no desenvolvimento do seu papel social devem envolver os princípios da verdade, da bondade e da justiça, pois assim, estarão colaborando para a formação de homens conscientes e humanistas.

É fundamental que tanto a educação escolar quanto a educação oferecida pela família e por outros meios, possam efetivamente ser um processo de reflexão sobre comportamentos válidos em nossa cultura e em nossa sociedade. Na verdade, esse é o grande campo de discussão e de entendimento sobre como viver bem em sociedade.

A educação e o educador, precisam se comprometer com atitudes morais e éticas de compreender a vida. Necessitam desenvolver o princípio do bem e do bom, porque isto envolve o respeito à natureza, aos seres humanos e à vida.

Tanto a educação quanto a ética envolve o respeito pela condição humana, pela condição do outro, apesar de todas as diferenças, afinal, a essência do viver humano consiste no respeito e no compromisso consigo mesmo e com o outro.

Em função da realidade fabricada durante o século XX, onde a tecnologia, o consumo e o capital tornaram-se os grandes valores ou, os não-valores, promovendo o distanciamento entre os homens e a destruição do meio ambiente, é fundamental a formação de seres humanos responsáveis, que possam assumir de forma consciente seus atos, que possam se apegar ao bem viver e ser construtores do bem ser, do bem fazer e do bem-estar.

Ser ético é se preocupar em viver bem a vida humana. Fazer o bem, viver alegre e feliz não permite ao homem trilhar o caminho do mal. Despertar a alegria de viver, o entusiasmo pela vida, a busca constante pela felicidade de todos é o caminho para distanciar o homem da maldade humana. Aquele que consegue se colocar no lugar do outro e se esforça para compreendê-lo, consegue tratar bem os seus semelhantes.

É fundamental despertar nos homens o prazer pela vida, em todos os sentidos, já que o prazer, a alegria de viver, aumenta a condição humana, a esperança, a condição espiritual, a bondade, a forma de ver os outros e a nós mesmos. Tudo isso contribui para humanizar as relações e orientá-las para a busca do verdadeiro e do bem.

É momento de educar para a ética, para o gosto pela vida, para a sabedoria do bem-viver, do viver com equilíbrio, buscando permanentemente a paz interior e a paz entre todos.

Educar para a Ética é promover uma educação em valores humanos, valores capazes de formar o caráter. Atualmente são poucos os que desejam falar em caráter, mas o caráter de uma pessoa ainda é seu grande valor. Vivemos numa época confusa, cheia de contradições. O homem justo paga pelo injusto e sofre na pele o desprezo de uma sociedade vazia de valores éticos e humanos.

Precisamos despertar nos seres humanos os valores da verdade, do amor, da paz, da ação correta, da não-violência e de um grande conjunto de valores relativos a estes. A incorporação desses valores significa a descaracterização da lógica do mercado: tudo por dinheiro, e a gradativa lógica do humano, uma lógica capaz de entender melhor a dimensão do outro. Precisamos, é claro, conhecer a nós mesmos, gostar de nós mesmos, mas também é importante que ampliemos o conhecimento sobre o outro, que tenhamos interesse no sucesso e na felicidade dos outros.

Vivemos um período de muitas dificuldades nos relacionamentos, um período com falta de clareza na forma de viver e de ser. Perdeu-se na escola, na família, na sociedade a condição de humanidade. O descaso com o humano propriamente está exigindo uma autêntica

atuação ética. Criamos uma cultura que ignora a condição essencial, que é a aceitação do outro de forma incondicional. Perdeu-se a responsabilidade e o compromisso com o fazer e com o ser. Diante de tudo isso Thums pergunta.

Onde reside a biologia do amor? Onde estão os fundamentos emocionais de uma vida orientada para o bem, para a paz, para a convivência harmônica? Recuperar a condição emocional do ser humano, a raiz de toda convivência harmoniosa e pacífica vai justificar um compromisso ético com o ser do outro. (2003, p. 395 e 396)

É fundamental superar o individualismo exagerado da sociedade, é preciso superar a miséria, a fome e a ignorância, porque elas são promotoras de outros males. É mister superar a lógica do capital que exclui e marginaliza a maioria e privilegia a minoria. Na condição de miserável a pessoa perde o fundamento do ser humano e se aproxima da condição animal.

Para superar o poder desumano do capital e do individualismo, é preciso humanizar a educação através de uma visão crítica e comprometida com o verdadeiro humanismo. Assim há espaço de valorização da dimensão individual, da liberdade e da responsabilidade, e o ser humano passa a ser a centro de nossas preocupações. O século XXI clama por compromisso, responsabilidade, paz e amor entre todos os seres vivos do planeta.

Dentro desse contexto a educação exerce um papel fundamental, pois a educação só se legitima se for ética.

Tanto a Educação, quanto a Ética são temas relevantes, pois tratam, prioritariamente, da vida humana, que é sem dúvida o bem mais precioso e que todos precisam cuidar com uma visão cosmológica, entretanto, a Ética é o tema do momento, está no centro das discussões. É um tema de fundamental importância para a formação das novas gerações, considerando que não é possível gerar cidadãos críticos e conscientes, sem uma sólida formação moral.

Discorrer sobre este tema é instigante e difícil ao mesmo tempo, pois sobre ele pairam diversas opiniões, algumas delas relativamente arraigadas.

Depois de algumas reflexões sobre a Ética e suas possibilidades, vamos refletir no próximo capítulo a importância da Educação como meio de construção da consciência solidária, da igualdade e da justiça.

CAPÍTULO 2 A EDUCAÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES

2.1 Educação: o despertar da consciência

Antes de mais nada é preciso entender o sentido de:

Educação (Do latim. Educatione) 1. Ato ou efeito de educar (-se). 2. Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando sua melhor integração individual e social... 6. Aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas. (FERREIRA, 1986, p. 619).

Partindo da própria origem da palavra educação, percebe-se que esse processo acontece no momento da integração entre um indivíduo e outro e entre um indivíduo e os meio ambientes com os quais ele se relaciona.

Ninguém está excluído totalmente da educação. Seja do ponto de vista teórico, pensando, pesquisando, seja do ponto de vista prático, fazendo, convivendo, todos os dias, a vida de todo mundo está relacionada com educação. Com a educação da família, da igreja, da escola, dos meios de comunicação, da comunidade, da sociedade como um todo.

As pessoas não crescem a “esmo” e também não aprendem ao acaso, elas se envolvem em processos de aprender-e-ensinar, trocando costumes, valores, interagindo num longo caminho de socialização. Tanto para um grupo indígena, como para o homem moderno, o processo de socialização supõe o desenvolvimento de experiências que possam educar as pessoas em cada fase da sua vida para que consigam desenvolver-se integralmente.

Entretanto, quando todo esse processo ganha forma, método, controle, surge a pedagogia, a teoria da educação. É aí que aparece a escola, a instituição com tempo, regras e especialistas.

Na escola, o saber pode ser distribuído desigualmente e reforçar as diferenças ou ser distribuído igualmente e reforçar o espírito de comunidade. Enfim, aqui aparece com mais evidência o caráter político-ideológico da educação.

Desde o momento em que a educação deixa de ser livre e comunitária e passa a servir aos donos do poder, ela se transforma num mecanismo de dominação e de reprodução da desigualdade.

Com o surgimento da escola iniciam-se tipos e graus de saber diferentes para cada categoria diferente de pessoas, como afirma Brandão:

“A diferença que o grupo reconhece neles por vocação ou por origem, a diferença do que espera de cada um deles como trabalho social qualificado por um saber, gera o começo da desigualdade da educação de “homem comum” ou de “iniciado”, que cada um deles diferentemente começa a receber”. (1989, p. 28)

Dessa forma, a educação, sobretudo escolar, passa a ser utilizada, ao longo da história, como um mecanismo ideológico que reforça as diferenças sociais. Além de existirem muitas idéias opostas ou diferentes a respeito da educação, há também interesses políticos e econômicos que norteiam seus fins, sua essência.

Pode haver uma diferença muito grande de fins e objetivos entre aqueles que controlam a educação e aqueles que trabalham com educação. Os primeiros podem ter interesses subliminares, justamente para empreender um processo de alienação da massa e lucrar com isso; os segundos têm como parte do seu trabalho a tentativa de desvelamento dos interesses escusos dos primeiros para que a educação cumpra de fato o seu papel que é o de formar integralmente o ser humano.

Explicar o ensino, a escola, a educação, não é algo tão simples como alguns imaginam, já que ao tentar explicar pode-se pender para um dos lados da discussão. Educar é partir da realidade social onde se está inserido, identificando a sociedade como um corpo coletivo misto, composto por vários segmentos, embora, como idéia, a educação deve ser pensada na perspectiva de desenvolvimento da pessoa, como um serviço coletivo que se presta a todas, há sempre o risco de prevalecer a dimensão subjetiva da educação. Então, os que estão do lado do trabalho vêem a educação de uma forma e as elites dominantes a vêem de outra.

Isso demonstra que é fundamental separar o que a educação é de verdade, de essência, do que as pessoas e os vários segmentos sociais pensam dela. Muitas vezes o que está oculto da educação ou na educação é muito mais sério e comprometedor do que o que está se dizendo sobre ela.

Querer que a educação desenvolva física e intelectualmente pessoas desligadas de seu contexto sócio-cultural pode parecer uma idéia falsa, já que o que existe de fato é a necessidade de formar pessoas concretas inseridas dentro de uma sociedade concreta. A educação é verdadeiramente uma ação social que transmite alguns tipos de saber, que reproduz alguns tipos concretos de sujeitos sociais.

Contudo, se é uma verdade o fato da educação ser uma ação social para sujeitos concretos numa sociedade concreta, é também importante indagar sobre que sujeito queremos educar e que modelo de sociedade queremos organizar. O sujeito, por exemplo, seria um homem passivo, alienado, massificado, incapaz de identificar as causas reais desta própria

sub-condição humana, ou um homem crítico, qualificado, competente técnica e moralmente, ativo e consciente de seu papel como sujeito social?

É importante definir para qual modelo de sociedade a educação é pensada e organizada. Se para uma sociedade que funciona como um todo orgânico, com relações harmônicas, com igualdade entre todos, onde as decisões são resultantes do consenso de todos ou para uma sociedade com privilégios especiais, com posições especiais, com dominação de uns sobre outros, com hegemonia, enfim, para uma sociedade de classes antagônicas.

Pensar a educação como um meio entre tantos outros para empreender um processo de transformação da realidade, parece viável e aceitável, contudo, pensá-la como único ou principal mecanismo de transformação da realidade sócio-político-cultural é esquecer que ela própria é resultado dessa estrutura e no mínimo uma grande ingenuidade pedagógica.

A educação é vista como um fator de mudanças até pelos órgãos governamentais, sendo que, mesmo o grupo que assume o poder percebe a educação como instrumento de mudanças. O importante é perguntar quais mudanças são propostas, para quem e com quais objetivos e se essas mudanças são estratégias do capital para formar um novo tipo de trabalhador para um novo tipo de mercado, ou seja, se são mudanças empreendidas contra o homem ou a seu favor.

Até o início do século XX só existiam escolas para os filhos dos ricos no Brasil. A partir das primeiras décadas do século XX é que os educadores liberais começaram a lutar por escolas para todos. Brandão (1989, p. 88-89), afirma: “A ‘luta pela democratização do ensino’ resultou na escola pública. Resultou no reconhecimento político do direito de estudar para todas as pessoas, através de escolas gratuitas, de ensino leigo, oferecido pelo governo”. Ocorre que neste período o país está se industrializando e, apesar dos pobres estarem começando a ter acesso a escola, a educação não tinha como objetivo a preparação do cidadão para enfrentar os desafios da vida e, num primeiro momento, não prepara o estudante nem mesmo para o trabalho. Segundo Brandão ainda:

Quando as exigências de ordem e trabalho do capital redefiniram aos poucos a vida e o trabalho, a idéia de que, além de uma vaga “personalidade do educando”, a educação tinha compromissos para com a vida social e o trabalho produtivo passou a figurar entre leis e projetos de escolarização no país. (1989, p. 89-90).

No entanto, a história mostra que o fato das crianças pobres irem para a escola, não significou mais do que elas poderem aprender para o trabalho inferior, enquanto o filho da classe alta continuou a aprender para o trabalho superior, ou seja, a educação dentro do

capitalismo tem a função bastante clara, que seria a de manter as desigualdades, embora legalmente continue afirmando que é um mecanismo democrático de promoção da igualdade social porque garante o acesso a escola.

Uma educação que não consegue formar integralmente o ser humano, mas apenas o prepara para o mercado de trabalho não pode ser chamada de verdadeira educação. Seria mais correto dizer que isto é apenas um instrumento de controle de mentes, um instrumento ideológico necessário ao modo de produção capitalista.

A educação assim tem muito mais um valor de mercado do que um valor pelo que ela representa por si só. Seus interesses podem estar escusos nos gabinetes de burocratas intermediários do poder, valendo como instrumento de controle das classes inferiores.

A filosofia da educação num geral é pensada muito longe da realidade para a qual ela é aplicada. Nem as famílias dos estudantes, nem mesmo os de classe alta participam da elaboração dos princípios, dos projetos para a educação, o que é pior, nem mesmo os professores, supervisores, diretores são ouvidos, uma vez que os projetos educacionais são pensados pelos donos do poder e incutidos verticalmente na sociedade.

A educação que o Estado, que o poder oferece à população, nega na prática, aquilo que ela propõe na teoria, ou seja, direitos iguais para todos numa sociedade democrática, isto é, ela nem é pensada democraticamente, nem conscientiza e organiza a sociedade para o bem comum. Dessa forma a educação vem consagrando a desigualdade que ela mesma deveria destruir.

Se é verdade que da parte do poder, do capital, dos burocratas do sistema, não existe interesse em fazer da educação um instrumento de construção da verdadeira democracia e do bem comum, de outra parte, aqueles que acreditam que a educação é o grande trunfo para promover igualdade e liberdade de fato, não podem perder a esperança, e a cada dia precisam “reinventar a educação”, como dizia Paulo Freire, com o propósito de construir conhecimentos, valores, consciência. Mesmo sendo antidemocrática, autoritária, verticalizada, é importante lembrar que a educação imposta pelo sistema, que muitas vezes marginaliza, não permitindo a progressão das classes mais pobres, outras vezes maquia a realidade aceitando a idéia de o sujeito passar dez, onze, doze anos na escola e sair dela semialfabetizado; com tudo isso ela não é maior que o ser humano.

A educação não é algo sagrado que está acima do homem, pelo contrário, ela é vivida pelo homem sem que ela seja uma invenção do próprio homem, é que ela acontece em suas culturas, quando se vive a vida espontaneamente. Educação acontece em todos os meios, em todas as partes, não é algo que acontece apenas em lugares oficiais, estatizados. Ela se refaz,

se reinventa a cada tempo, em cada lugar, entre os opostos. Durante muito tempo na história da humanidade, mais do que atribuir poder, status, a educação exigia responsabilidade, compromisso entre todos.

Entretanto, a partir do momento que os sujeitos ficaram socialmente desiguais, ela surge como sistema, como escola, e começa a servir como meio de controle, transformando-se num instrumento ideológico de poder. A partir do momento que os interesses passam a ser desiguais, começam existir também educações diferentes para classes diferentes, iniciando-se aí um grande controle sobre o que ensinar, porque ensinar e para quem ensinar. Oficialmente ensina-se para um ser dirigente, e outro para produzir.

Ora, se educação é de fato o instrumento de “aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas”, então é importante despertar, através da própria educação, mecanismos de conscientização para torná-la não um instrumento de controle e massificação das classes menos favorecidas, mas sim, um mecanismo de libertação de todos, para que se possa construir uma sociedade livre e igual.

2.1.1 O sentido da educação.

A educação é um bem que deve existir em função do homem, tendo como princípio básico, promover a realização do homem como um todo, dentro do seu meio e do seu tempo histórico, para que ele possa ser capaz de enfrentar, de maneira equilibrada, os desafios que a realidade lhe exigir.

Se por vocação a educação existe para dar continuidade ao processo de criação do homem, pois na medida em que se educa, cria-se outro homem e esse novo homem cria uma nova realidade, por imposição de um sistema, ela pode se transformar numa arma de estagnação da vida, de adormecimento de consciências, e como tal, ampliar a fome, a desigualdade, a ignorância, enfim, a desesperança.

A educação carrega em si mesma, muitas possibilidades, daí a importância de se ter bem claro o que se quer educar, porque educar, como educar e a quem educar. A educação quando é desenvolvida de maneira competente, crítica e consciente, consegue despertar esperança para quem está oprimido, excluído; contudo, quando utilizada de maneira ingênua, alienada e alienante, contribui para a reprodução da desigualdade, mantendo os privilégios da minoria dominante.

A educação quando está comprometida com a libertação do homem, o ajuda a responder às grandes interrogações, a encontrar-se consigo mesmo, a eliminar os medos, a

seguir em frente, a não desanimar, a ter esperança, a acreditar sempre na possibilidade da conquista individual e coletiva.

O papel da educação é tornar o homem um ser atualizado, situado no mundo, enraizado, sintonizado no seu tempo, integrado e articulado com os outros homens e a realidade contemporânea local e mundial. O homem assim torna-se um bom intérprete do universo e se sente motivado a pesquisar as causas reais dos fatos e das atitudes humanas, a perguntar se quem produz é o trabalhador ou o dono do meio de produção, é um homem não plenamente satisfeito, quer saber mais sobre as causas que impedem a libertação de um povo, assume uma postura de protesto contra tudo que impede o desenvolvimento integral de um povo.

A verdadeira educação não ensina a cega obediência, a concordância passiva, a submissão do mosteiro, pelo contrário, desperta a consciência crítica, incentiva a pesquisa e ensina a ser exigente. Vejamos o que é educar para Arduini (1975, p. 120-121): “Educar não é capitular. É afirmar. É contestar. O magistério que não faz intérpretes exigentes é criminoso, porque em vez de levantar homens lúcidos e independentes, diploma lacaios e fabrica caudatários e despersonalizados”.

Educar é promover o crescimento da originalidade, da espontaneidade do ser humano, é cultivar suas origens, é permitir que ele seja o que ele é e não o que os outros querem que ele seja, é organizar seu próprio desenvolvimento. A educação que precisamos não é a do servilismo, mas a da liberdade, da autonomia, não é que dobra o educando, mas a que mostra o caminho, a que aponta soluções, a que torna o homem um ser criativo e atuante, um ser consciente e construtor da sua própria existência, uma educação que seja capaz de torná-lo competente para resolver as dificuldades reais do seu dia a dia, não para que ele seja apenas um dublê ou um narrador da história, mas para que todos os homens sejam sujeitos ativos e construtores do universo.

A educação que precisamos hoje não pode ser superficial, uma educação de aparência, de faz-de-conta, mas uma educação que tenha forças de transformação da realidade, que não fique na rotina, que seja profunda e fecunda, que seja capaz de organizar uma nova sociedade, com novos valores e uma nova estrutura sócio-político-cultural.

Educação de caráter conservador é perigosa, já que insiste na idéia de conservação das estruturas sociais, políticas, econômicas, colaborando para manter os privilégios da classe dominante e preservando o status quo do sistema. Uma educação assim é limitada, pois ela deixa de cumprir seu verdadeiro papel, ou seja, o de promover a emancipação total do ser humano, o de mostrar a ele a mutabilidade dele próprio, da realidade, do universo.

Entretanto, a educação quando possui um caráter libertador, é capaz de mostrar que a miséria, a desigualdade, a escravidão não são fatores naturais e, que, portanto, é possível superá-los na medida em que ela for capaz de explorar a inteligência humana não para justificá-los, mas para eliminá-los. Para tanto, é importante que a educação se proponha a desenvolver a inteligência crítica, a fim de estimular o desenvolvimento total do homem, para que ele se assuma como tal. Vejamos o que dizem os filósofos da teoria crítica sobre as modalidades da razão:

Os filósofos da teoria crítica consideram que existem, na verdade, duas modalidades da razão: a razão instrumental ou razão técnico-científica, que está a serviço da exploração e da dominação, da opressão e da violência, e a razão crítica ou filosófica, que reflete sobre as contradições e os conflitos sociais e políticos e se apresenta como uma força libertadora. (CHAUI, 2004, p. 51)

A verdadeira educação constrói consciência e capacita o ser humano para acompanhar o movimento do mundo em busca da libertação. Precisamos de uma pedagogia libertadora que nos ajude a ser verdadeiramente independentes tanto individual quanto nacionalmente, uma pedagogia que valorize e promova o ser humano, que o ajude a encontrar o verdadeiro significado da vida, que possa torná-lo forte e consciente para construir-se e construir o mundo, que não cala o ser humano, mas torna-o testemunho autêntico da verdade, que se pronuncia diante da realidade, que seja responsável, que não explore os outros, que não se acomode, que não abandone os companheiros, que não anule a vida, mas que seja capaz de abrir a mão, a mente, o coração, a alma do homem, para que ele possa exigir crítica e conscientemente seus direitos e colaborar solidariamente na construção do mundo.

Ao debater educação, ao estudar educação, ao lidar com educação, é fundamental ter muito claro qual é a filosofia da educação, isto é, a questão do ser humano, do projeto de ser humano. É importante ter claro para quem a educação existe, para que tipo de homem, para qual tipo de mundo. Quando estamos no mundo, estamos com os outros, nos encontramos mais plenamente na medida em que nos relacionamos com o outro no nosso cotidiano.

Embora quando nascemos já encontramos um mundo em andamento, com suas leis, sua cultura, sua ciência, sua moral, a compreensão mais profunda desse mundo só a temos na medida em que participamos da transformação dele, na medida em que fazemos uma leitura crítica do mundo e participamos intimamente dele. Educar efetivamente compreende uma leitura contextualizada do meio político, social, cultural. Essa leitura é um processo de construção de consciência do mundo, com um claro objetivo de superação de suas contradições e de todos os fatores de opressão. A educação deve se propor a ser uma obra de

libertação do homem e do mundo, nunca uma atitude de alienação do homem e do domínio da realidade. Com muito esforço e sabedoria ela pode ser o instrumento de hominização e de humanização do ser humano.

Devido o mundo ser inacabado, o homem, com sua consciência e através de ações educativas, tem possibilidade de intervir, estabelecendo um processo dialético com o próprio mundo, relacionando educação e cultura, com um claro e permanente objetivo de transformação da realidade. Todo esse trabalho não pode ser alienado, sem um profundo debate sobre a condição do ser humano no próprio processo de transformação de sua realidade, do contrário, corre-se o risco da educação tornar-se um instrumento ideológico de opressão e controle de mentalidade.

É sabido que não existem sociedades perfeitas, contudo, as que se opõem à solidariedade, à justiça, são mais desequilibradas, mais contraditórias, mais fechadas. Uma sociedade assim, proíbe, elimina, boicota o pensamento crítico, permitindo apenas o assistencialismo, o tecnicismo, o consumismo. Por outro lado, as sociedades abertas, compartilhadas, têm possibilidades concretas, através da educação, da cultura, do diálogo, da crítica, de tornar o homem um sujeito ativo e participativo do projeto de construção de um mundo justo, partilhado e compartilhado por todos.

O papel da educação nesse processo, é eminentemente político e democrático, promovendo encontros, trocas de experiências, com transparência e Ética, para que todos possam participar de um mundo comum. Nesse sentido, conhecer melhor a realidade significa partilhar o mundo. A capacidade do homem de conhecer e manipular as coisas, segundo esse propósito, não é usada para dominar, mas para compartilhar, participar, decidir. O conhecimento assim, não é usado para interesses exclusivos da classe dominante, do capital, como nos propõe a razão instrumental, mas para a transformação e construção do mundo para todos, conforme nos propõe a razão crítica. A educação possui o papel de se reorientar a todo tempo para não perder de vista a quem, para quê e que tipo de homem se quer educar.

Apesar da inflação de termos pedagógicos usados nos últimos tempos, representando a dialética e a adversidade que envolve a educação, o que não se pode perder de vista é que é o homem que se educa. Esse homem é um ser que não encerra o processo de tornar-se homem, por isso, precisa se educar permanentemente, entretanto, a educação de que ele necessita constantemente para ir se tornando homem no mundo e com o mundo não precisa ser uma educação de acordo com a vontade do poder, até porque a história nos mostra que esta educação despersonaliza, descaracteriza e desumaniza o homem, educando-o tão somente

para tê-lo, mas pode ser então, uma educação para o ser, para sua completa existência, para o humano propriamente.

Diante de tantos interesses ideológicos dos poderes, os professores, os educadores e todos que lidam com educação não têm o direito de ser ingênuos, mas é importante que estejam sempre se perguntando sobre como fazer, para quem fazer e o que fazer com a educação. Aquele que se propõe a educar, precisa ter muito claro as possibilidades e limites da educação e travar uma luta constante a favor do ser humano, promovendo, a cada dia, mais justiça, mais existência, mais solidariedade e mais amor.

Um dos maiores medos que o homem tem hoje, é o medo dele próprio, do seu semelhante, da sociedade. Vivemos um tempo de ausência de confiança, um tempo incomodados por nós mesmos, um tempo de insegurança, um tempo de grandes interrogações sobre o futuro da humanidade, sobre a condição do homem como único ser controlador da natureza.

Essa crise do homem nos últimos tempos, nos conduz, conseqüentemente, à crise da educação. Entretanto, não é hora de desespero, de pavor, mas sim de organizar a educação para a alteridade, o encontro, o diálogo, a partilha, a paz, pois, o homem não se constrói sozinho, não se torna ele próprio por natureza, sozinho. Essa educação vai nos ajudar a ver com outros olhos, com mais sensibilidade, com mais competência, o maior valor de todos: O humano.

Por conseguinte, essa educação, requer de todos, muito compromisso, muita responsabilidade e, sobretudo, muita consciência, para que juntos, educador e educando, possam empreender um projeto de educação verdadeiramente a favor da vida, que seja, de fato, uma força transformadora, que seja conciliadora entre quem educa e quem é educado, de forma a tornar ambos educadores e educandos. Uma educação que não tenha o propósito de domesticar, de oprimir, de desumanizar, mas esteja a serviço da libertação. Educação que promova a autenticidade, o equilíbrio, à capacidade de atuar efetivamente na construção de um mundo que seja a cada dia mais humano.

Essa educação não vê os homens como “seres vazios”, mas como “corpos conscientes”, como afirma Paulo Freire (1981, p. 77):

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se compromete com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos, não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas os homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do

depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

A educação que pratica a liberdade e a libertação problematiza o homem concreto, integrado, relacionado com os outros e com o mundo, um homem presente e consciente de seu papel no mundo. Um homem que esteja paulatinamente construindo a consciência de que a realidade é dinâmica e está em constante transformação. Assim como ele próprio, um ser inacabado, em constante mudança, em permanente formação. A educação, quando competente e libertadora, capacita o homem para o entendimento e o acompanhamento da dialeticidade da realidade, mantém o homem com o olhar para frente, em constante movimento, em busca da humanização de si, dos outros, do mundo.

Por ser inacabado, o homem precisa pronunciar o mundo, transformá-lo. O mundo e o homem estão em constante dialética, onde o homem se faz pela ação-reflexão. Ocorre nesse processo a educação dialógica, pela qual os sujeitos refletem, se solidarizam, se comprometem com o mundo através da verdade, buscando a humanização das relações humanas, do mundo em geral.

Podemos chamar esse processo de educação, um processo amoroso. O amor, especialmente em relação aos seres humanos oprimidos, provoca o compromisso com a transformação de sua realidade.

O amor é a condição básica para o diálogo. Como diz Paulo Freire (1981, p. 94): “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”. A educação e o homem que se propõem ao diálogo não temem a superação, mas estão em permanente aprendizagem, tentando fazer e refazer o mundo, a si próprios e a realidade. Não se alienam nem alienam os outros, pelo contrário, estão sempre construindo e reconstruindo o saber e a liberdade. Homens abertos ao diálogo estabelecem relações horizontais, não impõem suas idéias e não aceitam imposições de idéias, são essencialmente humanistas, autênticos, por isso, são verdadeiros educadores.

Se educação é entendida como o aperfeiçoamento das faculdades intelectuais, físicas e morais, então é certo que tem a ver com a capacitação e o desenvolvimento de potencialidades humanas, logo, tem a ver também com a questão ética, já que lida com as habilidades individuais de agir para si e para os outros. Dessa forma, a educação torna-se um meio de formação não só intelectual, mas também ética dos indivíduos.

A partir disso, Bittar (2004, p.78) conclui:

Dessa forma é que educar significa crescer. O conhecimento que se expande se reverte em maiores chances de novas criações e novos encontros de idéias, das quais se engendram ainda novas alternativas de ser e de se comportar. Aí está a chave para a abertura, para a modificação. Aí está a chave para o reforço da ética. A falta de instrução é antes de tudo, privação de escolha e castração de acertada deliberação.

Com base no raciocínio anterior, se pode dizer que o ser humano é um ser que está em permanente processo de construção, de invenção e reinvenção dos modos pelos quais organiza o meio em que vive, administra os conflitos e constrói relações. O ser humano se fabrica permanentemente nas relações, nesse sentido não há acomodação, há processo contínuo de mutação, transmutação, valorização e revalorização.

Por essa perspectiva, educação não é reprodução dos saberes e nem preparação para o mercado de trabalho tão somente, muito menos tem o papel de doutrinar, de domesticar, de coisificar, pelo contrário, tem a capacidade de ser produtiva e de colaborar na construção da cidadania ativa.

Quando a educação consegue empreender esse papel, então ela se torna algo desafiador, o que permite dizer que está se tornando sujeito do processo de construção dos valores, e não objeto consumido pelos padrões sociais. Dessa forma ela não permite a coisificação do homem e nem que ele seja alienado para que seja profundamente dependente das instituições sociais.

Para que de fato se alcance a idéia da educação como liberdade, é importante abandonar o estado de alienação e de aceitação passiva dos cânones sociais, para se pensar a educação em sua função revolucionária e libertadora.

A consciência educacional pode estar constantemente colaborando para promover a transição de ingênua à crítica, para que as atividades do educador sejam capazes de promover a libertação das condições de opressão e exclusão que se encontra um povo, para um estágio desenvolvido de liberdade e libertação, mas que esse estágio seja construído pelas próprias mãos das vítimas do sistema.

A educação brasileira pode e deve sair de sua posição caracteristicamente ingênua, acalentada pela sonoridade da palavra, pela memorização, pela desvinculação da realidade e buscar uma posição mais indagadora, mais inquieta, mais criadora, promovendo assim a cultura do diálogo e da construtividade eticamente responsável.

A educação não pode perder a oportunidade de aprender no diálogo a força e o poder da resistência às imposições da hegemonia capitalista. A prática educacional deve buscar a construção da consciência crítica e não a mera reprodução de modelos acalentados por

matrizes políticas que acentuam a inconsciência do povo em relação ao que ele verdadeiramente necessita. Segundo Paulo Freire (2002, p. 103).:

Cada vez mais nos convenceremos, aliás, de se encontrarem na nossa inexperiência democrática as raízes deste nosso gosto da palavra oca. Do verbo. Da ênfase nos discursos. Do torneio da frase. É que toda esta manifestação oratória, quase sempre também sem profundidade, revela, antes de tudo, uma atitude menta. Revela ausência de permeabilidade característica da consciência crítica. E é precisamente a criticidade a nota fundamental da mentalidade democrática.

Não faria nada mal ao Brasil, que durante boa parte da sua história foi apascentado para representar o rebanho ruminante de sustento dos desejos das cortes coloniais, um pouco de rebeldia, de autoconsciência, de diálogo e de responsabilidade eticamente engajada.

Durante muito tempo a educação se esvaziou de todo conteúdo invocativo da prática real e condições histórico-sociais nas quais se encontram os indivíduos numa clara intenção ideológica de negar a politicidade do ato educacional. Ora, negar a politicidade do ato educacional é negar a essência da educação perdendo o próprio sentido da experiência educacional.

Afinal, a quem serve a educação? Aos interesses do governo, do capital, ou do povo que é destinatário natural de qualquer política no setor?

Se o papel da educação é lidar com a formação, então é fundamental que ela requeira a Ética como condição indispensável para o seu exercício. A educação foi criada para formar e como tal ela consiste na prática construtiva de habilidades e conhecimentos que possam promover o desenvolvimento integral do ser humano, o que implica dizer que a educação está relacionada a atitudes éticas. Paulo Freire diz:

É que me acho absolutamente convencido da natureza ética da prática educativa enquanto prática especificamente humana. É que, por outro lado, nos achamos, no nível do mundo e não apenas do Brasil, de tal maneira submetidos ao comando da malvadez da ética do mercado, que me parece ser pouco tudo o que façamos na defesa e na prática da ética universal do ser humano. Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos. Neste sentido, a transgressão dos princípios éticos, é uma possibilidade, mas não é uma virtude. Não podemos aceitá-la. (1996, p. 19)

Porquanto, parece importante que a prática educativa, ética e política estejam saudavelmente imbricadas no ato de ensinar, o que implica uma consciência política preocupada com o social, com certa comunidade e suas demandas reais.

2.1.2 Educação: um processo de libertação.

Para esse tipo de educação, exige-se um educador democrático, crítico, consciente e aberto ao diálogo, contribuindo, dessa forma para tornar a educação um processo de libertação. O educador só será assim, na medida em que for capaz de estimular a pergunta, a reflexão crítica, a curiosidade epistemológica nos educandos. A tarefa da educação é romper com as manchas que guardam o indivíduo sob a condição opressora. Libertá-lo da sua condição subalterna, inferior, produzindo um processo de libertação em que se passa da inconsciência à consciência, da passividade à um ser produtor de cultura e sujeito da seu próprio destino.

Não podemos entender a opressão como um dado da natureza e, muito menos como um fruto natural das relações humanas, como algumas concepções pretendem fazer entender. A opressão é consequência do domínio de uma classe sobre outra, de um país sobre outro. Para se manter, a opressão exerce um forte poder de persuasão sobre as mentalidades.

Contra tudo isso, é importante que o educador desempenhe, de forma consciente, a tarefa de humanista, a fim de despertar no educando, a consciência necessária para promover sua libertação. Humanizar é despertar o sentido criativo da educação estimulante, produtiva, conscientizadora e transformadora.

Para que ocorra o processo de libertação é fundamental segundo Bittar estar sempre:

[...] instigando a mentalidade da pesquisa e da busca autônoma pelo saber, demonstrando as causas e as razões da opressão, motivando o diálogo e ouvindo o que o educando tem a dizer, assumindo eticamente sua responsabilidade profissional e social com a cidadania e a responsabilidade política, demonstrando e agindo para a vida e negando a morte abortiva das mentalidades, permitindo que a liberdade invada os modos pelos quais as práticas pedagógicas se fazem, assumindo atitudes democráticas na condução dos trabalhos acadêmicos, tornando-se um educador-investigador para trazer sempre novos estímulos aos alunos e a si mesmo, combatendo toda forma de exclusão social que se possa instaurar dentro da escola ou da sala de aula, instaurando e assumindo a politicidade do mister educacional, formando e informando o educando quanto à sua própria realidade histórico-social, veiculando a paixão pela mobilização que a educação é capaz de proporcionar, vivenciando por suas atitudes o compromisso assumido com a sala de aula, são algumas formas de dar passos em direção à libertação do oprimido de sua condição, bem como em direção à formatação de uma nova conjuntura educacional capaz de motivar a superação do povo brasileiro pelas suas próprias forças". (2004, p. 102-103)

Nesse sentido, o objetivo educacional é aprimorar a consciência ética e a formação integral do estudante como pessoa humana. Educar é formar para o exercício da cidadania, que não se resume apenas no direito de todos, mas acima de tudo na emancipação de uma

sociedade. Quem defende a luta por um sistema forte de educação, luta pelo futuro da cidadania, dos direitos humanos e da democracia.

As características de um povo podem ter muito a ver com sua educação. Nesse sentido a educação quando é crítica e democrática torna-se um elo de libertação importante para um povo. A cidadania que se busca aqui não é apenas o mero conjunto de direitos e deveres legais, mas a cidadania ativa, participativa, crítica, produtiva, dinâmica e libertadora.

Dissociar educação e cidadania não é criar ideologias e fundamentos para a alienação do povo? Ao separar educação de cidadania não se cria a ilusão de que o subversivo é aquele que está contra o poder estabelecido e o respeitador da ordem é aquele que defende ou reproduz esse poder, quando a realidade demonstra exatamente o contrário? Quando ocorre o adestramento do sistema educacional a um sistema politicamente dominante, provoca-se o retardo da consciência crítico-reflexiva.

A libertação de um povo de suas sujeições a diversas formas de opressão, inclusive o colonialismo cultural, se faz através do fortalecimento do sistema educacional, com incentivos concretos e paupáveis, com uma política de capacitação e valorização dos profissionais da área de educação, permitindo a ele a valorização de suas práticas tradicionais e a liberdade de organização.

Para Bittar:

Cabe seja dito: educação e cidadania, mas também: educação para a cidadania. Ainda, é legítimo dizer: cidadania na educação. Essas relações estão a denunciar a complexa trama de significações que podem assumir os dois termos se colocados em experiências laterais, de mútua cooperação e imbricação. É fundamental que se pensem essas dimensões, a ponto de, a partir delas, se analisar o próprio projeto educacional brasileiro. (2004, p. 110).

Educar é enriquecer o educando por dentro, é atualizar as suas potencialidades.

Educar é possibilitar os recursos, os exemplos, o ambiente, a fala, de maneira que por si mesmo, e só por si mesmo, o educando consiga se desenvolver integralmente. Portanto, a educação é cada vez mais auto-educação, pois quem atualiza suas capacidades é o próprio educando. Em educação, boas são as ações e as coisas que ajudam no desabrochar das potencialidades do educando, conforme sua natureza racional, enriquecendo-o e preparando-o para o enfrentamento das adversidades. Para Tobias (1986, p. 74): “Educação é, pois a atualização das “boas” potencialidades da pessoa, enquanto pessoa”.

Educar, segundo os princípios humanistas, necessariamente inclui amor, aliás, o amor deve formar o fundamento e vitalizar toda educação. Em educação as finalidades têm uma importância fundamental, primeiro porque a pessoa pode desconhecer-las e não usá-las,

perdendo energias do mundo educacional e, depois, porque, não possuindo a finalidade verdadeira, pode colocar finalidades deficientes ou deletérias e resultar energias que irão funcionar em sentido destrutivo, podendo prejudicar gerações inteiras e causar males à sociedade e ao bem comum.

Nesse sentido, a formação do educador, isto é, a visão de mundo do educador, o conceito de pessoa e de sociedade que ele tem e o ambiente vai determinar o fim último da educação. Afinal, a essência da educação consiste em formar integralmente o homem, em formar um cidadão eficaz. Não é de bom senso opor a educação à pessoa e ao bem geral, pelo contrário, a educação, como possibilidade que tem de desenvolver as potencialidades do ser humano, deve se colocar a favor do desenvolvimento do homem e da construção do bem comum.

Por isso, é preciso cuidar da educação para que ela eduque de verdade, mutilar a educação é mutilar o homem. A transformação da sociedade não virá de um punhado de violentos e corruptos, mas de uma multidão de educadores esclarecidos, lúcidos, corajosos e éticos, para formar, a despeito de tudo, o homem de uma humanidade melhor. Se isto é utópico por demais, não o é, querer formar um povo livre e adulto ao invés de querer formar gerações de seres infantis e alienados.

Educação que se preza como tal, se apresenta sempre como aquilo que pode formar o homem, permitindo-lhe ser adulto e cumprir sua tarefa de homem. Tem, pois, sempre, alcance moral. Ora, os valores morais, podem não ser nem sociais, nem utilitários, porém sem eles o homem não se torna homem e adulto. Porque, ser homem é, com efeito, ser capaz de coragem, discernimento, justiça e domínio de si, o que representa as virtudes cardeais apontadas por Platão: a coragem, a sabedoria, a justiça e a temperança.

Dessa forma, educar é contribuir para que o homem assuma verdadeiramente sua condição humana, como indivíduo, sociedade e espécie, a fim de que este mesmo homem alcance a humanidade em si mesmo e assuma o destino humano em suas antinomias e plenitude.

2. 2 Educação: formando integralmente o ser humano

Iniciamos esse item com a sinergia de Leonardo Boff:

A compaixão não é um sentimento menor de “piedade” para com quem sofre. Não é passiva, mas altamente ativa. Compaixão como filosofia latina o sugere, é capacidade de compartilhar a paixão do outro e com o outro. Trata-se de sair de seu

próprio círculo e entrar na galáxia do outro enquanto outro para sofrer com ele, alegrar-se com ele, caminhar junto com ele e construir a vida em sinergia com ele. (1999, p.126)

É momento de pensar a vida na sua complexidade e na sua amplitude, pois a vida é para ser vivida com muita intensidade de sentidos e significados. Contudo, é cada vez mais evidente que existe um vazio na busca dos sentidos e significados da vida. Estamos ignorando a condição de alteridade da vivência de valores que são a essência da vida humana.

Para tanto, é fundamental ter a abertura para pensar e refletir as coisas com profundidade, buscar o que está oculto e desvendar a natureza do ser. É aí que precisamos da Filosofia, pois ela nos auxilia a enxergar a verdade nas coisas, sem maquiagem, sem ilusões, sem ideologias. Thums questiona:

Como posso ver o invisível? Com os olhos da inteligência? São os olhos do logos, do conhecimento, do discurso. É preciso ter a mirada do filósofo para ver o invisível. Ele percebe o uno e o múltiplo. O divisível e o indivisível. É preciso captar o fluir do mundo com os olhos da inteligência. A inteligência não só capta o invisível, mas ilumina o invisível. Conhecer é iluminar. Não se trata de uma iluminação platônica, mas uma iluminação científica e filosófica. (2003 p.45).

Então, temos necessidade de nos inquietar, de filosofar, de iniciarmos humilde e responsabilmente a compreensão do núcleo da vida, buscando com paixão conhecimento na realidade que nos rodeia e da qual fazemos parte. É importante derrubar as muralhas da ignorância e da onipotência para que se construa a verdade com o pensamento lapidado de ideologias, fanatismos e prepotência.

A Filosofia da Educação se preocupa fundamentalmente com o conhecimento humano, buscando identificar os aspectos do conhecimento que influenciam o modo de pensar. O conhecimento hoje é o fator mais importante nas relações com os outros. Conhecimento significa claramente sobrevivência.

Ocorre que o mundo atualmente nos oferece uma enorme quantidade de informações. Quantas nós conseguimos processar? Quem de nós possui verdadeiramente a capacidade da reflexão? Reflexão é o ato de pensar duas vezes ou mais, é o desenvolvimento da capacidade de pensar, é a verdadeira ação consciente que determina a escolha adequada perante a vida e as coisas do mundo.

Essa questão, ou seja, a ausência contínua de reflexão filosófica perturba a Educação. A falta de conhecimento da realidade e o tecnicismo que fundamenta a prática pedagógica limitam o papel da Escola e da Educação.

A Educação possui, antes de tudo, um compromisso com a humanização, com a formação integral do ser humano dentro de uma determinada cultura.

Educar é tornar o homem consciente de suas ações. Ser consciente é ter conhecimento sobre determinada coisa e agir conforme esse conhecimento. É impressionante, como dizemos ter consciência de uma coisa e agirmos de outra forma. Ter consciência implica compreender a dimensão do outro. Muitas vezes agimos de forma irresponsável conosco e com os outros, o que implica que não temos consciência de verdade. Ter consciência significa saber cuidar de mim e do outro, saber o significado do outro na minha vida, ter compromisso com as outras pessoas.

Para Thums (2003, p.96): “A consciência do agir humano envolve essencialmente a idéia de compromisso, de responsabilidade, de atitude ante o que faço. Quando somos incapazes de compreender a extensão de nossa ação, não temos consciência.” .

Um fator importante no processo de construção da consciência é aprender a pensar, o que significa a capacidade de organizar pessoalmente o conhecimento e ter domínio afetivo, cognitivo. Mais uma vez a reflexão tem um papel muito importante, pois sem ela é impossível compreender as coisas, os outros, o mundo, a si mesmo a uma claridade insólita.

Embora seja muito importante, a sociedade atual valoriza muito pouco o ato de pensar. Para o capitalismo, é preferível que não se pense, mas que tenha homens apenas consumistas. O importante não é o conteúdo, a essência, mas sim a informação vazia, o visual, a aparência.

O homem como sujeito aprendente precisa organizar suas idéias, buscar significados nas coisas e naquilo que faz e orientar suas ações. Isto implica saber pensar. Pensar sobre tudo o que não está dito, o que não está posto, pensar o que está por trás, o subliminar, o velado. È pensar dentro da lógica de raciocínio e coerência de relação entre o agora e o depois. Pensar também é bom senso.

Nesse sentido saber pensar é também saber cuidar. Para Pedro Demo:

Entretanto, creio que na “arqueologia” do saber cuidar está a visão de que o conhecimento não implica somente a capacidade de compreender, devassar e intervir na realidade, mas igualmente a de conviver com ela, tomá-la como parâmetro da sobrevivência, reconhecê-la como maior que nós. (2005, p. 55).

A história mostrou-nos que conhecimento importante é conhecimento técnico, é o conhecimento que agride, que submete, que se impõe, que explora.

O progresso da ciência e da tecnologia atenta prioritariamente para o objetivo do

capitalismo que é o lucro. É um progresso míope, com falta de lógica e principalmente com falta de Ética. Que atende apenas os interesses dos grandes, dos ricos e daqueles que têm poder, nunca produz benefícios às camadas populares.

Para Demo: “Ao final das contas, os excluídos sempre tiveram poucos benefícios e muitos malefícios da ciência européia.” (2005, p.57)

Atualmente, ciência e tecnologia são mais do que importantes, são a dinâmica central do capitalismo. Estamos entrando numa nova fase do capitalismo onde a força física perde terreno para a inteligência, o emprego estável é substituído pelo emprego precário, onde o grande objetivo é o lucro privatizado e não a valorização do ser humano e da natureza. A Globalização provocou a crise do emprego. O desemprego hoje é recorrente, fala-se dele por toda a parte, milhões de indivíduos são excluídos do mercado de trabalho.

Para Viviane Forrester:

Não é o desemprego em si que é nefasto, mas o sofrimento que ele gera e que para muitos provém de sua inadequação àquilo que o define àquilo que o termo “desemprego” projeta, apesar de fora de uso, mas ainda determinado seu estatuto. Resulta daí a marginalização impiedosa e passiva do número imenso, e constantemente ampliado, de “solicitantes de emprego” que, ironia, pelo próprio fato de se terem tornado tais, atingiram uma norma contemporânea; norma que não é admitida como tal nem mesmo pelos excluídos do trabalho, a tal ponto que estes são os primeiros a se considerar incompatíveis com uma sociedade da qual eles são os produtos mais naturais. (1997, p.10-11).

O que mais preocupa e angustia nos últimos tempos é saber que a dignidade humana é trocada sorrateiramente pelo lucro, é ele quem ordena, é ele quem determina, é ele quem tem o grande poder de decisão sobre tudo, inclusive sobre o ser humano. Segundo Forrester (1997, p.19): “Tudo é organizado, previsto, proibido e suscitado em razão dele, que dessa maneira parece inevitável, como que fundido à própria semente da vida, a ponto de não se distinguir dela. Ele opera à vista de todos, mas despercebido”.

O sistema liberal se impôs de forma inescrupulosa, sem nenhum princípio ou valor humano, seu domínio é global, ele fragiliza pessoas e aumenta a exclusão social tornando as sociedades inseguras, divididas, sem forças para se contrapor a esse monstro que provoca horror e destruição tanto do meio ambiente como do elemento humano propriamente.

Negar essa triste realidade nos parece, além de ingenuidade, querer esconder atrás de uma cortina de fumaça, o que implica aceitar passivamente a derrota do humano, da dignidade do homem para o capital sem a honra da luta. Não podemos ficar indiferentes a toda essa desastrosa devastação da natureza e da humanidade do ser humano.

É hora de agir, de buscar novas formas de cooperação, de procurar compreender a condição do outro, de pensar e repensar seu conhecimento, sua maneira de agir, é hora de construir ações responsáveis e comprometidas com a liberdade humana, é hora de muita prudência, de muita sabedoria, mas de muita atitude a favor da dignidade humana. Portanto, é hora de educar para o comportamento ético. Educar para a compreensão, tanto a compreensão da realidade, sem máscaras, maquiagens ou ideologias, como a compreensão do humano propriamente, compreensão do outro, para que possamos viver harmoniosamente, apesar da adversidade da vida.

Viver é uma arte e saber viver é o que podemos denominar de Ética. Nesse sentido, a Educação e a educação para o comportamento ético são previsíveis, é o comportamento esperado por todos. Enquanto o que nos inquietam são os comportamentos não esperados, os comportamentos absurdos, estes desafiam o viver social.

Embora a vida humana se constitua de múltiplos processos, o de aprender, nos parece mais importante. Algumas coisas são importantes aprender e outras não. De quem é a escolha? Será nossa? Podemos escolher aprender a verdade, embora nem sempre as experiências com a verdade são agradáveis. Contudo, a Educação tem como preocupação o domínio da verdade, do belo e da moralidade.

Ora, comungamos com o pensamento de Thums (2003, p. 339): “O domínio do verdadeiro, do belo e do bom é a essência de uma educação que deveria ser para todos os seres humanos. Talvez, assim, a humanidade entre os bons fosse bem maior, com menos evidências de comportamentos bestiais.”

Como nem sempre entendemos o sentido de nossas ações, pois as mudanças do contexto onde vivemos são bastante acentuadas, daí a necessidade de uma educação voltada para o real, para a condição humana, uma educação voltada para os valores sociais e morais, ou então, corremos o risco de criar pessoas com poucas noções de solidariedade, de humanidade.

Diante dos avanços da ciência e da tecnologia, das forças econômicas e das novas tendências políticas, sociais e culturais, é importante recuperar a Ética na Educação em todos os sentidos para que ela se torne o meio de reflexão sobre o qual as pessoas passem a considerar as normas e os comportamentos válidos em nossa cultura. Que ela seja uma possibilidade de entendimento sobre como viver melhor em sociedade.

Ética e Educação estão diretamente relacionadas ao respeito pela condição humana do outro. Apesar das diferenças, o compromisso e o respeito para com o outro são a essência do viver. Chamar-nos à responsabilidade é saber que cada um de nossos atos reflete sobre a

própria pessoa e sobre os outros. Portanto, se nos ocuparmos em viver bem a vida humana, em sermos construtores do bem fazer, do bem estar e do bem ser não estaríamos nos comportando de forma ética? O comportamento ético pessoal e coletivo consiste em fazer o bem sem olhar a quem, em viver feliz e alegre, em não trilhar o caminho do mal, em buscar a felicidade de todos. Todo esse processo fica mais fácil quando você consegue se colocar no lugar do outro, compreendê-lo e levá-lo a sério. Além de tudo isso Thums alerta-nos:

É preciso desenvolver o gosto pela vida, pelo viver a vida, pelo desejo de ser melhor, pela busca incessante e constante da alegria e do prazer submetendo tudo à temperança... Essa é a sabedoria do bem viver: esse é o caminho do comportamento ético. (2003, p. 347).

A Educação pode contribuir para amadurecer no ser humano um conjunto ou um sistema de valores e um conjunto de atitudes frente à vida. Consiste ainda na compreensão do verdadeiro significado da vida e na ampliação da visão do mundo, das coisas e dos outros, possibilitando ao educando um posicionamento e reposicionamento autênticos.

Ensinar valores em princípios é difícil, haja vista a pluralidade de valores que a sociedade atual oferece; são valores de ordem social, econômica, cultural e pessoal e envolvem satisfação, interesse e qualidades. Embora exista uma forte tendência a relativizar os valores, a Educação precisa ter muito claro o seu papel, afinal se os valores fossem relativos a ponto de não haver uma definição do que é justo, honroso, belo, bom, decente, não haveria como orientar objetivamente a educação, e então, a educação perderia o sentido, se transformaria em mera manipulação.

Ensinar valores demanda acima de tudo convicção e confiança em sua validade e tem sido mais eficaz não pela imposição, mas pelo exemplo.

“O exemplo vale mais do que mil palavras, diz o ditado. Correto! O educador deve mostrar o caminho, os caminhos, além de caminhar pelo seu caminho. Indicar o caminho correto, onde residem suas esperanças, seus anseios, suas crenças, sua vida. Essa é a tarefa do educador! Mostrar suas convicções, seus medos, suas angústias... é sinal de humanidade.” (Thums, 2003, p. 356)

Educar é se comprometer e não se acomodar, é orientar e não dogmatizar, é desestabilizar e não justapor é promover a abertura para os valores; entre eles os valores morais e éticos que envolvem o que é bom o que é mau, o que é justo e o que é injusto.

Toda educação que se pretende integral não pode descuidar da formação moral do indivíduo, afinal, formar uma pessoa total, além de outras coisas, também é formar uma boa

pessoa. Nesse sentido, educação é, antes de tudo, educação moral. Não que haja um tipo de comportamento moral pré-estabelecido que possa garantir uma boa formação, o que existem são condições para que ela se desenvolva. Ora, não é obrigação do indivíduo se comportar humanamente? Para se comportar como tal, não demanda colaboração, respeito, tolerância?

Não obstante à variedade de métodos, enfoques, modelos e teorias, educação moral consiste basicamente na formação de uma reta consciência nas pessoas, consiste essencialmente de educação em valores humanos. Para Jorge Thums, valores humanos:

São os fundamentos da consciência humana. São os princípios que formam o caráter de cada ser humano. É verdade que quase ninguém mais deseja falar em caráter. Mas é o caráter de uma pessoa que valorizamos. Esse caráter pela escolha apropriada de princípios de valor em sua orientação vital. (2003, p. 359).

Embora vivamos numa época confusa e complicada, de grande inversão de valores, muitas vezes o justo paga pelo injusto e este se vangloria de sua atitude, enquanto aquele sofre, no íntimo, o descaso de uma sociedade sem princípios; embora seja difícil resistir às tentações de uma vida fácil, sem compromissos, sem responsabilidades, como fica o caráter daqueles que desprezam os autênticos valores da vida? Mesmo com corrupção em toda a estrutura da vida pública e contínuas situações de muita irresponsabilidade social, consideramos ser muito importante acreditar que é possível educar em valores humanos e, assim, construirmos uma sociedade justa e solidária.

Ensinar os valores humanos como a verdade, a ação correta, a paz, o amor, a não violência, a solidariedade, a compaixão, consiste em ensinar, acima de tudo com a prática, com o exemplo. Os educandos precisam perceber em seus educadores esses valores.

O aluno respeitará o professor na medida em que ele colocar em prática o que ensina. Para educar é preciso ser generoso, ser feliz em fazer o que faz, ser amável, prudente e entender que o processo educacional é para a vida e não utilizá-lo apenas como um meio técnico ganhar a vida.

As maiores dificuldades no processo de educação envolvem a dimensão do outro. Se é preciso ampliar o conhecimento de si, é indispensável ampliar o conhecimento sobre o outro. Para isso, é importante que os professores sejam pacientes, perseverantes e justos.

Todo professor, todo educador, tem a tarefa de formar seres humanos felizes e equilibrados. Para tanto é importante que o professor seja formado integralmente, ou seja, no sentido técnico e no sentido ético e, que tenha ainda entusiasmo e paixão para que possa, com sua postura, motivar os educandos no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido a educação só se torna legítima como mediação para a construção dos direitos, das responsabilidades, da cidadania. Para Severino:

À educação cabe, como prática intencionalizada, investir nas forças emancipatórias dessas mediações, num procedimento contínuo e simultâneo de denúncia, desmascaramento e de superação de sua inércia de entropia, bem como de anúncio e instauração de formas solidárias de ação histórica, buscando contribuir com base em sua própria especificidade, para a construção de uma humanidade renovada.” (SEVERINO, 2005,p.150)

A educação não tem apenas a dimensão técnica, tem também a dimensão política e, como tal, espera-se dela que seja um processo de humanização, desmascarando as ideologias e se tornando na força de transformação da sociedade, contribuindo para extirpar a alienação e suscitando a independência, a libertação do ser humano.

O compromisso pessoal, a responsabilidade ética do educador está radicalmente vinculada ao compromisso com a construção de uma sociedade justa, democrática e solidária, que garanta a todos o acesso aos bens sociais e culturais, a que todos têm direito, em função da dignidade humana de cada indivíduo.

O papel do educador no mundo é empreender um trabalho diuturno contra a lógica do dinheiro e do poder, que visam apenas os interesses privados e particulares, e, que tem como consequência mais imediata, a ruptura dos laços de solidariedade e a sua substituição por atitudes individualistas e egocêntricas. A história já nos mostrou que o modelo de desenvolvimento que tem na maximização do lucro sua lógica exclusiva, ignora e põe em risco não só o ser humano, mas todo o planeta Terra. Para comprovar isso, basta verificar o nível de degradação do meio ambiente.

Mais uma vez queremos deixar claro que não somos contra a ciência e nem a tecnologia, temos convicção da importância delas no mundo atual, afinal ninguém quer voltar ao passado ou abandonar o conforto da vida moderna, entretanto, vivemos um dilema que consiste em como promover um modelo de desenvolvimento que respeite o ser humano e a natureza de forma integral, tendo que concorrer com um mundo globalizado onde predomina o poder do capital e a lei do mercado de competição excludente.

Esse processo põe em risco o papel da escola como agente de formação de valores solidários. Existe a possibilidade da instrumentalização das ações pedagógicas, que se apresentam como um entrave à construção da qualidade de ensino-aprendizagem, sobretudo em relação a uma educação crítica e libertadora.

Como afirma Arduini:

A educação existe em função do homem. Sua finalidade é promover a realização total do ser humano. Não basta que exista educação para que um povo tenha seu destino garantido. É preciso determinar o teor educacional para que se saiba em que direção está caminhando ou deixando de caminhar uma nação. Com efeito, a educação pode provocar a revolução libertadora do homem, como pode alimentar a sua alienação. (1975. p. 117 e 118)

O ato de educar carrega em si muitas possibilidades. Assim como ele pode massificar os seres humanos ele pode também encaminhá-los para a libertação. Na medida em que os que se propõem a educar possuam competência, coerência, autenticidade e humanidade, os educandos terão oportunidades de se formarem com valores e princípios éticos e solidários. Contudo, se a “formação” se der dentro de princípios consumistas e individualistas há o risco de que os educandos adquiram comportamentos contraditórios em relação à natureza humana.

A educação não deve ter caráter de passividade, de migalhas, de comodismo, de formas, de enquadramento, de descompromisso com o social, com o político, com o coletivo. Pelo contrário, ela deve fomentar os questionamentos, as interpretações e a pesquisa das causas das ações humanas. O homem, através da educação, deve se preparar para protestar contra todos os fatores que impedem sua caminhada rumo ao sucesso individual e coletivo. A verdadeira educação tumultua a preguiça e inquieta as consciências.

Educar é contribuir para a originalidade crescente do ser humano, é incentivar a espontaneidade de uma pessoa ou de um povo. Educar é produzir mecanismos para que o homem, como um ser criador, possa acelerar sua evolução e construir sua existência de forma livre e justa. Nesse sentido educar é acima de tudo educar os sentimentos, pois eles são a verdadeira dimensão da vida humana. Sem sentimentos a vida humana fica sem sentido, sem dimensões de humanidade.

Vivemos um momento histórico onde tudo é permitido, inclusive violência de filhos contra pais, no entanto, quando isso ocorre discute-se os aspectos legais e jurídicos que envolvem o fato, porém não se discute os sentimentos. Nos tempos atuais não se tem preocupação com o homem integral, a educação está muito técnica, voltada para a habilitação profissional. Forma-se o médico, por exemplo, mas não o homem médico, com seus sentimentos desenvolvidos, inclusive sua humanidade desenvolvida.

Acreditamos ser importante reeducar o homem, envolvendo uma dimensão mais ampla, onde se possa desenvolver a educação cognitiva, intelectual, que é muito importante

para que ele se inclua no mercado de trabalho e seja competente tecnicamente, e se desenvolva também a educação dos sentimentos, isto é, a preparação para a vida íntegra, para a vida em comunidade, essencial para que haja relações solidárias e equilibradas.

2.2.1 Aspectos da escola no Brasil.

A Escola no Brasil ainda é conservadora por excelência. Porque existe tanta resistência em educar para os valores humanos? Será que somos incapazes de educar os sentimentos verdadeiros, essenciais? Não é papel da Escola preparar as pessoas para conviver solidariamente em sociedade? Então porque só alguns são privilegiados e a maioria padece de respeito, de oportunidade, de dignidade enfim?

É fundamental educar o aluno para a sensibilidade da vida, para que ele saiba que tem um mundo a ser dominado, porém que o faça com inteligência, responsabilidade e sensibilidade. Educá-lo para que ele tenha um posicionamento crítico no mundo, a fim de que ele possa denunciar as injustiças e anunciar toda forma de promoção da vida. Afinal existir vai muito além de apenas estar no mundo. Segundo Paulo Freire (1981, p.66): “Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se”.

A capacidade do homem transcende a de simplesmente viver. Ele é capaz de refletir sobre sua vida, no domínio de sua existência, envolvendo a cultura, o trabalho, a história e os valores – processo esse onde os seres humanos experimentam a dialética entre liberdade e determinação. Porém para que o ser humano consiga um processo de libertação, é importante que sua reflexão ocorra de forma comprometida com a transformação da realidade condicionante.

Diferentemente dos animais que possuem contatos acríticos com a realidade, o homem tem a possibilidade de atuar sobre a realidade e de saber que atua, buscando alternativas de transformação da mesma, pois o homem é capaz da consciência e, na medida em que isso acontece, ele é capaz de ter finalidades, capaz de planejamento. Nesse processo de reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo, ocorre a “hominização”.

Para tanto, o homem deve transitar do nível de consciência “semi-transitiva” que, segundo Paulo Freire, é quando ele ainda encontra explicação para os problemas fora da realidade, ora no destino, ora nos planos de Deus, ora na “inferioridade natural”, para a consciência “transitivo-ingênua, em muitos casos semelhante à “semi-transitiva”, porém, “mais alerta com relação à razão de ser de sua própria ambigüidade”. (FREIRE, 1981, p. 75)

Neste momento o homem começa a superar o silêncio em que sempre estivera e as contradições vêm à tona. A partir daí inicia um novo processo de educação onde o homem passa, gradativamente, a perceber as causas reais dos problemas sociais e a agir para a transformação dos mesmos. Dessa forma, o homem conquista um outro nível de consciência, chamado de consciência crítica, segundo Paulo Freire é o “máximo de consciência possível. A consciência crítica não se constitui através de um trabalho intelectualista, mas na práxis – ação e reflexão”. (1981, p. 82)

A Escola ocupa um papel de suma importância na formação de consciência, embora outras instituições também desenvolvam cada qual seu papel neste processo. A Educação não pode ser um fazer neutro, aliás, nunca foi e não é agora também, mas precisa ser um compromisso com o processo de libertação, por isso, o educador deve saber o que fazer, como, contra que e a favor de que vai educar.

Se o educador tem consciência que seu papel é de contribuir no processo de libertação, então, os educandos são convidados a pensar. Ser consciente: “É a forma radical de ser dos seres humanos enquanto seres que, refazendo o mundo que não fizeram, fazem o seu mundo e neste fazer e re-fazer se re-fazem. São porque estão sendo”. (GADOTTI, 2003, p. 255)

Enquanto isso verifica-se que a Escola está mais técnica, perdeu-se a condição de humanidade dentro da Escola, o que faz surgir uma exigência eminente de uma nova atuação ética. A atuação da Escola está truncada, emperrada, viciada. Como mudar essa atuação? Que caminhos seguir?

Como a Escola é um dos poucos lugares onde se pensa, se sente e se vive intensamente a condição humana total, alguns tipos de comportamentos inaceitáveis provocaram atritos no ambiente escolar, daí a exigência de um comportamento ético.

Para Thums:

A escola ignorou esta condição fundamental: a aceitação incondicional do outro e a conseqüente responsabilidade que nasce desse relacionamento afetivo-racional. Perdeu-se o compromisso com o fazer e com o ser. A condição de ensimesmar-se criou mais problemas do que poderíamos imaginar. Infelizmente os docentes entenderam que era possível educar com cada um fazendo apenas sua parte e responsabilizando-se apenas por sua aula e nada mais. Essa miopia educativa é a responsável pelos descaminhos da educação, pelos descaminhos do fazer pedagógico. (2003, p. 395).

É fundamental recuperar a condição emocional do homem, pois ela é a raiz de toda a consciência não-violenta e harmoniosa que vai justificar o compromisso ético com o ser do outro. Para Maturana é preciso entender isso:

porque na medida em que a fenomenologia do amor está no fundamento biológico do humano, ela está presente de qualquer maneira. Creio que não haverá um bom entendimento do fenômeno de convivência e da história dos fenômenos políticos se não entendermos a natureza do social e do ético no âmbito de sua fundação emocional. (2001, p. 74).

Na medida em que formos capazes de entender a essência do pensamento de Maturana, então teremos condições de vivermos de forma responsável conosco e com os outros. Para isso, é fundamental romper com o individualismo e o materialismo de uma sociedade que pensa apenas no ter e nos valores restritos, do que no ser e nos valores coletivos. Precisamos combater a miséria, a fome e todo tipo de exclusão, pois estes geram todos os outros males da terra. Como miserável, o indivíduo perde a condição humana e se aproxima da condição animal. Como alguém pode aceitar-se estando na condição de miséria?

A Escola ocupa um papel fundamental na formação e transformação do ser humano. Não tem como substituir a Educação escolar. Ela pode colaborar para romper com a agressividade, o desrespeito e todo tipo de violência, construindo relacionamentos abertos, apoiados no amor e na solidariedade.

Educar é colaborar para perpetuar os princípios fundamentais da essência humana. É urgente retomar a idéia de formação humana. Humanizar o processo educativo através do humanismo crítico, para tornar os educandos livres e responsáveis por si mesmo e pelos outros. Educar é comprometer-se de forma consciente e responsável com o presente e futuro dos educandos, é ampliar a condição de humanidade. Nesse sentido, a Ética tem um papel muito importante na Escola, pois ela ajuda na formação do bom caráter, na formação do homem integral.

Para Thums:

O princípio fundamental da ética nas escolas reside na formação de um coletivo forte, onde a ênfase deve residir no princípio do amor, dos sentimentos afetivos, das relações de amizade, de respeito mútuo, de entendimento, de sólidos compromissos com o conhecimento, com a verdade e com todos os princípios éticos da vida humana. A escola deve ser um berçário na formação de novos compromissos com a humanidade e com a vida. (2003, p. 403).

É importante que nossas relações sejam dinâmicas e abertas para o outro, pois os sentimentos abertos são fraternais, solidários e ampliam a visão de mundo. Devemos ampliar os espaços do diálogo nas relações humanas, em busca do equilíbrio, do entendimento coletivo. Em meio às condições de miséria, de egoísmo, de individualismo, é indispensável a busca do bem comum, na tentativa de superação de tudo que depõe contra a vida, contra a dignidade humana. Lutar contra todas as formas de injustiça social é, sem dúvida, uma forma de salvaguardar a cidadania.

A verdadeira Educação ocorre pela forma de ser. Quanto mais pobres de conteúdo e de valores humanos estiverem os educadores, tanto mais pobres a Educação oferecida por eles. Ensina-se verdadeiramente pelas próprias ações, pela personalidade, não pelas idéias.

Mais do que ensinar aos indivíduos uma especialidade, é importante ensinar a ter sentimento em relação aquilo que faz. Convém educar a condição humana, a ter compromisso consigo mesmo, com o outro, com o mundo. Afinal, a lógica da Escola não pode ser a mesma do capital, pois na Escola as relações se dão entre seres humanos que estão aprendendo com a vida e para a vida. Não basta que a Escola distribua diplomas, é importante que ela forme profissionais e cidadãos comprometidos com a causa humana.

É fundamental que o ser humano busque o equilíbrio entre o racional e o afetivo para que se possa ser um todo organizado e valorizado. Essas duas esferas são importantes no comportamento humano. Em todo processo de aprendizagem o equilíbrio é um denominador essencial. O ser humano é melhor compreendido quando está equilibrado e livre de toda opressão que o descaracteriza de sua forma original.

Para Thums:

Toda forma de opressão que descaracteriza a essência do comportamento humano é nociva para a construção e o equilíbrio da personalidade. A liberdade deve sempre ser compreendida como autonomia, como responsabilidade e como compromisso. A liberdade deve ser ampliada para a dimensão do outro. (2003, p. 418).

Para que o ser humano possa viver com equilíbrio e com dignidade, alguns fatores como o amor, o trabalho e todas as necessidades fundamentais precisam ser preenchidas. Fatores negativos como a fome, a miséria, a falta de amor, de afeto, de compreensão só contribuem para descaracterizar, para despersonalizar e para desumanizar o ser humano. Por isso, é fundamental reivindicar os direitos e construir condições de justiça e equidade.

Pensar na Educação como um processo de humanização, de realização do homem como um ser integral, é pensar em valores que tem a finalidade de nos manter no caminho do

bem, da honra, do respeito, da dignidade, da virtude. Uma Educação assim nos conduz a aprender, a aprender sempre, pois aprender nos humaniza e nos torna verdadeiros seres humanos.

É essencial que o processo educativo seja integral e envolva toda a formação personalidade para que se possa valorizar o ser humano. É inadmissível uma sociedade excludente, uma sociedade que só eduque os mais preparados, os mais aptos, os que têm mais poder ou dinheiro e que ignore a Educação como meio de humanização. Não podemos sobrevalorizar a aprendizagem cognitiva em detrimento da aprendizagem humana.

A Educação pode contribuir para desenvolver atitudes de autonomia, de libertação das forças que impedem o bom desenvolvimento do ser humano. Contudo, a tarefa de educar assim, por si só, é árdua, não é passiva, pelo contrário, é crítica, por isso, voltada para a humanização. Afinal, a Educação, em nenhum momento pode ser sem sentido, daí a importância do papel do educador como coordenador ativo do processo e como exemplo de personalidade humana e postura ética.

Nesse sentido, a Educação deve ser capaz de tornar os indivíduos sempre melhores, torná-los seres humanos com capacidades e potencialidades para sua humanização e a humanização dos outros, construindo assim um mundo com relações harmônicas e justas. Somente uma Educação crítica e de qualidade tem condições de proporcionar uma sociedade com essas características. Na medida em que a sociedade exclui as pessoas da condição básica de aprender, ela caminha contra seu próprio aperfeiçoamento. Para Thums: “É um crime público excluir a criança da escola. Todo administrador público deveria ser punido criminalmente por sua condição irresponsável em caso de não propiciar o acesso das pessoas à educação”. (2003, p. 436)

Para que se desenvolva uma sociedade justa, humana, igualitária e politicamente comprometida é importante que se tenha responsabilidade e compromisso com a Educação em termos públicos, e em nível mais específico, que os educadores tenham confiança, entusiasmo, esperança e alegria ao ensinar, afinal, a Escola continua sendo um lugar privilegiado para a formação do caráter e o desenvolvimento das potencialidades humanas.

O homem como um ser inserido na história, quando bem educado, além da luta pela sobrevivência, como faz necessariamente todo ser vivo, luta também pelo amor, pela dignidade e pela construção de um mundo de solidariedade e justiça, não se deixando mover apenas por um projeto de vida pessoal alheio às responsabilidades éticas do ser humano. Assim, como um ser livre e consciente, o homem pode assumir eticamente a direção do seu destino e de sua história.

Nesse sentido, é importante que a Educação esteja a serviço da liberdade e, como tal, ela não apenas considere o educando como sujeito do seu próprio desenvolvimento como vise a plena liberdade dele como pessoa. Seu objetivo principal nesse processo é o de ajudar o educando a se libertar das dominações e condicionamentos que dificultam seu desenvolvimento integral. Uma Educação assim está a serviço do aprender permanente e da libertação da pessoa, que consequentemente culmina com relações sociais humanizadoras.

Em função das injustiças sociais, a Educação requer uma clara opção ética, onde prevaleça o diálogo, a fraternidade, o respeito ao outro, onde o ser humano possa ser essencialmente um ser comunitário, eliminando o ódio, o egoísmo, o desprezo. O documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) afirma:

Cabe à missão educadora encaminhar as crianças e os jovens para o respeito mútuo, despertar-lhes a atenção e a estima pelos direitos humanos, pela prática da justiça e pelo cumprimento do dever, e sensibilizá-los as exigências de uma fraternidade universal e concreta. (2005, p.43).

Neste início de século, verificamos uma profunda desigualdade social, muitos riscos ecológicos provocados pelas armas químicas e atômicas e pela engenharia genética. Se por um lado a modernidade fez explodir grandes invenções tecnológicas e o desenvolvimento do mercado, por outro lado, o modelo econômico fundado no neoliberalismo, que maximiza os lucros e absolutiza o mercado, produz um alto nível de exclusão e marginalização.

Contra esse modelo excludente precisamos encontrar formas de educar, de reconstruir a Educação, para que aos poucos possamos resgatar e incorporar valores éticos como a fraternidade, a solidariedade, o respeito às culturas, às diferenças, ao meio ambiente e aos direitos humanos. É fundamental que a Educação busque a qualidade, não a “qualidade total” que traz abundância apenas para a minoria privilegiada, mas a qualidade de vida para todos. Incorporar a ética no processo de ensino-aprendizagem e no processo de construção de conhecimento é indispensável para que se promova a inclusão de todos.

A Educação de verdade é aquela que se articula com os desejos e anseios dos marginalizados do grande e inacabado projeto da modernidade: liberdade, igualdade, fraternidade e emancipação. Dessa forma a Educação torna-se um processo de conquistas que traz no seu bojo a humanização e a libertação do ser humano. No entanto, esse é um trabalho que exige, além de muito conhecimento e competência técnica, muita consciência e coragem para enfrentar os desafios impostos pelo capitalismo. Segundo Ahlert:

Para que isso se torne realidade, a educação precisa estar preche de uma ética universal de princípios gerais de organização de uma sociedade justa, fraterna e solidária; uma ética preocupada em identificar os princípios de uma vida que proporcione harmonia e um profundo sentido humano que respeite e valorize as diferenças e, no entanto, garanta o pleno desenvolvimento da vida humana, animal e vegetal no planeta todo. Trata-se de uma ética que transcenda a moral, que vá além. (2003, p. 168).

O papel da educação Ética é o de buscar a humanização da vida de tudo e de todos, promovendo assim, a libertação. Essa Educação traz consigo a possibilidade de realização de um desenvolvimento humano ético preocupado com a qualidade de vida de todos os seres humanos, sem comprometer o ecossistema e estimulando a cidadania e a vida comunitária.

Uma Educação que tenha fins éticos constrói conhecimento preocupado com a humanização, ao mesmo tempo elimina o egoísmo e o individualismo, estimulando a cooperação e a solidariedade entre as pessoas.

Educação é um meio de desenvolver as potencialidades do ser humano. Para Silveira (1998, p. 71):

Assim a educação existe para satisfazer, antes de tudo as necessidades sociais do homem enquanto ser social. Desperta o homem para suas próprias potencialidades criativas e evolutivas, para o homem ser mais, desenvolver-se e tornar-se cada vez mais humano. Por isso, sem educação a humanidade não sobrevive, pois é o instrumento de sobrevivência mais importante da raça humana.

Por isso, percebe-se que a Educação existe para promover a realização total do ser humano, para acelerar a evolução do homem, para ajudá-lo a planejar seu futuro e construir sua existência, para torná-lo apto a solucionar as dificuldades reais da vida. A Educação deve capacitar o homem para celebrar sua emancipação real e para superar todo e qualquer fator que lhe provoque sofrimento, como a fome, a miséria, o analfabetismo, o desemprego e outros.

Enfim, a Educação, quando libertadora, leva o homem a superar obstáculos e a conquistar níveis de promoção humana que possibilitem relações harmônicas, solidárias e justas.

2.3 Educação e ética: compromisso com o ser humano

Desde o início de sua vida social, o homem tem seu viver orientado pela ética que busca o equilíbrio entre as paixões e as atitudes racionais. As paixões podem estar

constantemente impedindo os seres humanos de praticar o bem. Segundo Rousseau “o homem vê o bem, ama o bem, e faz o mal”. (1995, p. 322)

Segundo os princípios éticos, o homem está dividido entre sua fragilidade e a possibilidade de construir normas de convivência que vão além da particularidade. A educação participa diretamente da formação da consciência moral do grupo, da comunidade. A ética e a educação se articulam para pensar o desenvolvimento do homem correto.

Diante do processo de desestabilização de valores nos últimos tempos, a ação pedagógica perde referências e a ética como fundamentação racional torna-se pouco efetiva expondo os limites da educação. O relativismo e a cultura da pluralidade reforçada com o processo de modernização fazem emergir novos debates e possibilidades para entender a relação entre ética e educação. Apesar da pluralidade sociocultural-filosófica, trata-se de perceber a legitimação ética da educação.

Toda sociedade institui valores acerca do bem e do mal, do que é permitido e do que é proibido. Isto é tradicionalmente chamado de moral.

A ética, segundo a visão filosófica, debate e problematiza os valores morais. Ela surge da reflexão dos costumes, feita pelos gregos na antiguidade, até os nossos dias com o que chamamos do agir e do viver bem. Segundo a tradição filosófica ocidental podemos entender ética como a busca de uma compreensão racional dos princípios que orientam o agir humano.

Ética surge do grego “ethos”, que significa costumes, hábitos. A constituição das virtudes éticas surge do hábito. Sendo o homem um ser racional, para que ele tenha um comportamento ético é preciso que ele submeta as paixões e os impulsos ao domínio da razão. Com o “ethos” o homem torna possível a convivência propriamente humana. Com a evolução da tradição ocidental o termo ética foi se aproximando da moral, que vem do latim “moralis” e também quer dizer costume.

O filósofo Hegel se encarrega de fazer a diferenciação dos termos afirmando que “moralidade é a consciência moral subjetiva e eticidade é a moral objetivada nas normas sociais, válidas para todos os seus membros”. (HERMANN, 2001, p. 17)

Enquanto na antiguidade grega os interesses individuais convergiam com os interesses públicos, daí a não distinção entre moral e ética, na modernidade há uma oposição entre os interesses do indivíduo e as motivações da sociedade. Na atualidade os pensadores que pesquisam o assunto continuam afirmando a distinção dos termos.

Entretanto, mais do que as tentativas de esclarecimento dos termos, é importante observar que a ética expressa a contínua luta do ser humano pela liberdade, o que requer uma

escolha de atitude. Nota-se que a liberdade é uma conquista do homem, que exige sacrifícios e moderação em relação às suas ações. O homem é identificado como bom ou mal conforme seu modo de agir diante dos impulsos e das paixões. O mais autêntico comportamento ético se dá quando o homem consegue o domínio de sua natureza, de seu instinto e passa a agir de acordo com o espaço humano. Esse processo se dá através da educação, que contribui para tornar as pessoas verdadeiramente livres e autônomas.

Segundo a tradição ocidental a educação é o grande mecanismo capaz de promover a transição no homem do seu estado de natureza pura para a natureza ética. Contudo, é importante lembrar que ética e educação possuem uma grande proximidade, porém, somente quando se educa para o bem. A educação acontece sempre dentro de um contexto, de um meio ambiente, assim, é importante que a educação leve em consideração o “ethos” daquele meio durante suas ações pedagógicas.

Toda educação precisa ter um fundamento, um fim, saber para que existe, ter uma razão, alguma coisa para justificar sua ação, para transformar o ser humano num ser capaz de construir harmonia consigo mesmo, com os outros e com o meio ambiente. A ética, enquanto uma ciência que busca a construção de valores humanos para o bem comum, pode fazer uma interessante parceria com a educação e, juntas, assumirem a responsabilidade da formação integral dos seres humanos. Assim como os gregos fizeram com o florescer da filosofia, isto é, buscaram uma formação integral do homem (Paidéia), hoje também devemos procurar desenvolver não apenas a parte física, mas também os valores éticos nos seres humanos.

Sócrates, o filósofo grego, é o grande pensador que inicia a ciência do “ethos”. Ele entende que o homem se distingue de todas as outras coisas pela alma. É com ele que “arete” (virtude) ganha um novo significado:

Cultivar a arete significa cultivar a alma, aquilo que a torna boa, o que permite alcançar o fim próprio do homem. A essência da alma é a razão. Sócrates define virtude como ‘conhecimento’ ou ‘ciência’, não sendo possível separá-la de ‘saber’. O contrário da virtude – o vício – é a privação do conhecimento, ou seja, a ignorância. Desse modo, se o que distingue o homem é a alma, o eu consciente e inteligente então a arete é aquilo que aperfeiçoa a alma. Nesse sentido a arete é ensinável e sua posse depende do esforço do indivíduo. (HERMANN, 2001, p. 23).

Para Sócrates a virtude é algo motivado pela razão, mas todos os valores humanos estão na alma. Cuidar da alma é, para Sócrates, a principal tarefa da razão. Já para Platão a “purificação da alma” é uma conversão moral e a virtude consiste na identificação com o saber e a purificação.

Para Platão o sentido da Paidéia é voltar a alma para a idéia de Bem. Esse processo é mostrado no livro III da República de Platão, onde aparece a idéia de educação como um esforço para abandonar a ignorância e conquistar a sabedoria, ou seja, a idéia de Bem. Podemos entender com isso, que a conduta ética é fruto de um difícil processo de educação. Isto mostra que as virtudes éticas podem ser adquiridas através de uma educação autêntica e coerente.

Outra importante referência que mostra a preocupação com a educação ética é a obra de Aristóteles: Ética a Nicômaco. Educar para a ética significa mostrar a que fim as ações se destinam, que para Aristóteles é o bem e o bem maior é a felicidade, que deve ser buscada com ações racionais.

Nesse sentido a ética torna-se um norte, uma “bússola” que indica o caminho a seguir, o comportamento correto segundo o princípio da razão. Assim a ética passa a ser um conteúdo essencialmente educativo e formador de seres humanos com práticas autênticas e coerentes. O uso intenso da razão com princípios éticos, contribui para orientar o agir humano para fins que possibilitam uma vivência coletiva harmônica. O ser humano que cumpre sua finalidade de acordo com a natureza torna-se virtuoso, apesar das dificuldades que sente. Só com muito exercício o homem tem condições de ser virtuoso.

É importante que a educação seja um meio de formação de homens virtuosos, que sejam capazes de construir o bem, que ao longo de um processo de educação eles se sintam dispostos à solidariedade, sensibilizados para a alteridade. A educação é o grande caminho para melhorar o homem e o mundo, basta que ela seja uma educação correta, coerente e direcionada para a construção de valores e virtudes, sem perder de vistas a pluralidade cultural e a individualidade de cada ser humano.

A história mostra que a educação é orientada, em cada período, por fatores determinantes da cultura. Contudo, não é interesse aqui tematizar os condicionantes históricos de cada período, mas mostrar apenas como um determinado ethos atua para compreender a educação ética.

No início do período moderno inicia-se a construção de um novo ethos, diretamente relacionado à idéia de humanismo, que por sua vez, está relacionado à idéia da “Paidéia” grega. Começa a desaparecer a partir do século XVI a idéia da determinação natural, diminui sensivelmente a influência teológica, fortalecendo, por conseguinte a pluralidade e a ação racional do sujeito. A ética não tem mais o recurso das causalidades transcendentais, mas atribui ao homem a responsabilidade pela elaboração dos princípios morais. A questão central agora é como harmonizar a ação do indivíduo com a comunidade

ética, já que ética não é mais encarada como uma questão subjetiva e sim como uma questão objetiva.

Acredita-se a partir da modernidade que a razão, através do processo educativo, seja capaz de conduzir o homem ao comportamento correto. A filosofia iluminista tinha o melhoramento moral da humanidade, como uma de suas utopias. A idéia de Deus como um ser Criador começa a desaparecer e há o fortalecimento do homem como um ser de criação. Existe um paralelo entre o fortalecimento da técnica e da ciência de um lado enquanto possibilidade de construção de objetos e o papel da educação que é de construir o homem moral. É importante observar que, apesar da mudança de enfoque no período da modernidade, o objetivo pedagógico de buscar o aperfeiçoamento moral do homem, princípio básico da pedagogia cristã, não se altera. Um exemplo disso está em Rousseau, um iluminista que ao mesmo tempo em que acompanha a destruição do sagrado, mantém-se com a idéia do aperfeiçoamento do homem, mais uma vez uma idéia originária da pedagogia cristã. (Rousseau,1995)

Rousseau diz que é preciso atingir o sentimento íntimo da vida humana: a Sensibilidade. É preciso apelar, segundo ele, para a interioridade e a simplicidade dos homens.

Se é verdade que o bem seja bem, é preciso que ache no fundo de nossos corações como em nossas obras, e a primeira recompensa da justiça é sentir que a praticamos. Se a bondade natural está de conformidade com a nossa natureza, o homem não pode ser são de espírito nem bem constituído senão na medida em que é bom. (ROUSSEAU, 1995, p. 333).

Nesse sentido, ética e educação caminham juntas.

A eticidade da educação compreende um processo aberto e de construção e reconstrução infinita diante das necessidades que a vida humana universal e seu ambiente determinarem, superando, assim, os determinismos do cognitivismo do paradigma da consciência. É uma eticidade implícita em todo o processo educativo, seja ele formal ou informal. Da mais tenra idade até o fim da vida todo o processo de aprendizagem e construção do conhecimento traz no seio de sua realização um desenvolvimento humano ético preocupado com a universalidade da vida de todos os seres humanos. Essa ética pergunta constantemente sobre como devemos agir, sobre as normas e conjunto de valores sem trazer qualquer prejuízo a nenhum ser humano e a nenhuma vida necessário para o bem estar de toda a comunidade. (AHLERT, 2003, p. 169).

O processo educacional quando está imbricado com princípios éticos, possibilita a formação de um ser humano mais flexível, criativo e criticamente comprometido com a

construção da cidadania, constrói conhecimento que prioriza a solidariedade, o humanismo e a superação do individualismo, do egoísmo e da exploração.

Uma educação ética não aceita verdades absolutas, sua preocupação é o bem comum, não aceita privilégios para a minoria em detrimento da espoliação da maioria. Não aceita a moral individualista do capitalismo, onde o capital tem mais valor que o ser humano, sobretudo do capitalismo globalizado que provocou a ampliação do processo de exclusão social. Nesse modelo de capitalismo, a ética foi colocada de lado de maneira proposital, sua bandeira é o lucro. Paralelamente a educação se desvinculou dos princípios éticos, contribuindo para a formação mais técnica do que humanista. Torna-se urgente, portanto, a elaboração de um modelo ético de educação para permitir que se possa ter esperança e perspectivas de igualdade, de solidariedade.

As escolas e os educadores, porque não os governantes, os representantes do poder público, precisam se comprometer com uma educação ética. A verdadeira e autêntica reflexão pedagógica é aquela que tem como fundamento os valores éticos da vida. Educação verdadeira é a que educa para a vida, é a que amplia o conhecimento, porém com a finalidade de que ele seja utilizado para produzir tecnologia e bens não apenas para os caprichos capitalistas da burguesia, mas para satisfazer os desejos e as necessidades de todos.

Paulo Freire (1996, p. 16 e 18). já dizia:

Educadores e educandos não podem, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Da ética que condena a exploração da força de trabalho do ser humano. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, gênero e classe. É por esta ética inseparável da prática educativa que devemos lutar, não importa se trabalhamos com criança, jovens ou com adultos. A melhor maneira de por ela lutar e vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles.

Sendo assim, a questão educacional ou o processo de formação de um ser humano está relacionado não apenas aos elementos intelectivos, mas também aos valores éticos, isto não significa afirmar que a ética é inata, mas que a educação pode oferecer ao indivíduo, opção de escolha. Educar significa capacitar a pessoa para agir consigo própria e com as outras, portanto, tem muito a ver com a ética, já que nas relações com os outros há um juízo de valor que estabelece objetivos e parâmetros para tais. De outra forma, educação é o grande mecanismo para tornar o ser humano mais crítico e equilibrado, por conseguinte, menos ignorante. Educar é provocar crescimento, aprendizagem, amadurecimento, é ampliar o poder de escolha e deliberação, é potencializar o educando para uma conduta correta, para que ele possa ter consciência de que não só está no mundo, mas com o mundo, de que nada está

pronto em definitivo, que tudo é uma construção, um processo dialético para a superação do egoísmo e o individualismo que desgastam e minoram as relações humanas.

Neste contexto a educação tem como grande objetivo não amordaçar, não negar, não coisificar o ser humano, mas libertá-lo e capacitá-lo para uma ação coerente, produtiva e construtiva da cidadania, torná-lo sujeito do processo e não um mero objeto de manipulação, um ser de desesperança. A educação pode e deve possibilitar a cultura do diálogo, da consciência, da solidariedade, do compromisso com o social, da honestidade, da transparência e da dignidade humana. Um processo educacional construído a partir desses parâmetros possibilita a estruturação da cultura da responsabilidade ética. Essa cultura ainda não está estruturada, por conseguinte, não se tem a dimensão do real poder da educação. A educação promove o diálogo transparente, que possibilita a autonomia e criatividade, é capaz de transformar a realidade sócio-política de injusta e contraditória, para uma realidade de justiça e harmonia. Educação assim não faz mal ao ser humano e ao povo, pelo contrário, é capaz de torná-los mais críticos e conscientes dos seus papéis.

Na sua obra *Emílio ou Da educação*, Rousseau deixa claro que a educação tem como finalidade, a possibilidade de formação do homem virtuoso. Para ele a idéia de homem virtuoso e de aperfeiçoamento moral difere da ideologia do processo. Há necessidade de preparar o coração do homem contra os vícios. Emílio prevê a necessidade de um projeto pedagógico, onde a educação consiga construir uma sociedade de homens verdadeiros. O homem só será dono de si quando ele conseguir dominar as paixões, dessa forma, ele se faz cidadão dando-se às leis sociais. Esta é uma luta constante, que está “sempre em contradição consigo mesmo, hesitando entre suas inclinações e seus deveres, nunca será nem homem nem cidadão, não será bom nem para si nem para outrem” (ROUSSEAU, 1995, p. 13)

Contudo, apesar de acreditar no projeto pedagógico como mecanismo capaz de formar um homem moralmente correto, Rousseau, no fim de sua carreira, já um pouco mais romântico do que iluminista, sente as dificuldades para a realização desse processo, já que a educação está sempre envolvida num contexto muito amplo e são muitas as possibilidades de influências externas. Sente que o processo educativo está sujeito as contingências, mas o considera responsável pelo aperfeiçoamento moral do homem para que aja apenas de acordo com as suas paixões. Ainda na idade moderna, outro pensador vai fundamentar a relação entre ética e educação. Este novo pensador é Kant, que afirma ser a razão o ponto central da moral moderna. Para ele o cumprimento da lei moral não deve estar restrito ao grupo de estreita convivência, mas ter como base a Lei Universal; esta lei, segundo ele, serviria para preservar a solidariedade entre todos.

Para Kant a vida moral só é possível se a razão determinar a conduta que deve obedecer. Somente a vontade, autônoma, independente do mundo sensível, pode determinar a moralidade. Somente a vontade livre possibilita o aperfeiçoamento moral. Dois princípios são básicos para conduzir o homem à ação moral, o de boa vontade e o do dever. Assim a ética só depende da autodeterminação do homem.

Embora Kant reconheça as dificuldades de educar em função do pluralismo e dos múltiplos interesses, admite que a educação tenha um papel decisivo na constituição de uma comunidade moralizada.

A educação prática ou moral é aquela que diz respeito à construção do homem para que possa viver como ser livre, (...) o qual pode bastar-se a si mesmo, constituir-se membro da sociedade e ter por si mesmo um valor intrínseco. (...) O homem deve, antes de tudo, desenvolver suas disposições para o bem. (...) Tornar-se melhor, educar-se, (...) produzir em si a moralidade: eis o dever do homem. (KANT, 1996, p. 20-36)

As condições criadas durante os séculos XVII e XVIII não foram favoráveis a uma educação para o bem e para a virtude. As promessas de justiça e igualdade não foram cumpridas. Com o predomínio das ciências no século XIX, a lei moral idealizada por Kant foi gradativamente expulsa do comando da educação.

Com Nietzsche, toda a influência da tradição moral é questionada profundamente, já que ele não acredita que ela possa conduzir-nos a um aperfeiçoamento.

“Que ninguém se iluda quanto ao motivo daquela moral que exige o cumprimento mais difícil do costume como signo da eticidade! A superação de si é exigida, não pelas conseqüências úteis que tem para o indivíduo, mas para que o costume, a tradição, apareça dominando, a despeito de todo apetite e proveito individual: o indivíduo deve sacrificar-se - assim reclama a eticidade do costume. __Aqueles moralistas, em contrapartida, que assim como os seguidores das pegadas socráticas inculcam no coração do indivíduo a moral do autodomínio à abstinência como seu proveito mais próprio, como uma chave pessoal para a felicidade, constituem a exceção __ e, se nos parece diferente, é porque fomos educados sob sua influência: todos eles seguem uma nova estrada, sob a mais extrema reprovação de todos os representantes da eticidade do costume __ dissociam-se da comunidade, como não-éticos, e são, no sentido mais profundo, maus”. (NIETZSCHE, 1989, p. 116)

Com Nietzsche, ocorre uma radicalização do processo de autodeterminação, pelo qual o sujeito apresenta-se como uma auto-afirmação diante do outro; por conseguinte, não há critério para o aperfeiçoamento humano e a moralidade. Há o fortalecimento da individualidade, ela se liberta dos constrangimentos morais. Cada sujeito busca sua afirmação,

provocando conflito. Ocorre então, a soberania do sujeito. A educação perde seu caráter humanístico.

Entretanto, é importante lembrar que não é possível tornar totalmente supérfluas as obrigações, as normas e as proibições externas. “A experiência do século XX sugere cautela com aquelas concepções que querem substituir eticidade, mesmo que tal substituição seja feita pela adequada idéia (para a educação) de desenvolvimento de uma personalidade criativa e autônoma”. (HERMANN, 2001, p. 84)

A pluralidade de idéias e ideais é um fator importante a se considerar na sociedade contemporânea. Como harmonizar os fins, os interesses, as necessidades tão diferentes que os homens possuem? É possível assegurar que a educação consiga uma consciência capaz de efetivar valores morais universais? Essas e muitas outras questões surgem como questionamentos aos pressupostos éticos.

Em contrapartida à idéia de totalidade, a ética se depara com a questão da pluralidade e do relativismo. O mundo dos últimos tempos apresenta uma heterogeneidade de vidas muito grande e isso tem se refletido em muitos campos. A própria essência da ética requer o pluralismo como forma de distanciamento de si mesmo e abertura ao outro. Entretanto, o pluralismo que teve início na modernidade e conseguiu êxito, sobretudo no século XX, enfrenta, nos últimos tempos, o problema do relativismo, do individualismo, da desorientação. Há uma grande valorização das particularidades individuais e nacionais em detrimento do humano genérico.

A contemporaneidade nos mostrou com muita consciência que cada homem é um ser único, que existe dentro de um contexto histórico-cultural específico e, que, portanto, os valores de um povo são pensados dentro de um momento histórico singular, sendo, estes valores, a determinar o que é justo e o que é injusto. Essa pluralidade de bens, de valores, diante da complexidade da natureza humana fortalece a idéia do relativismo e o relativismo radicalizado aceita todas as moralidades como válidas, o que é risco diante das injustas diferenças de possibilidades de domínio de um grupo sobre outro, haja vista o que ocorreu a partir do início do século XVI, quando os europeus invadiram a América.

Precisamos estar atentos ao relativismo, porque da mesma forma que ele aceita a idéia de pluralidade, o que é positivo diante das muitas possibilidades de elaboração de valores, ele não oferece nenhuma base para resolução de conflitos morais e sociais, o que favorece a transitoriedade e a banalização de todas as coisas. MacIntyre nos alerta:

O relativismo e o perceptivismo pós-iluminista são, portanto, o contraponto negativo do Iluminismo, sua imagem especular invertida. Onde o Iluminismo invoca os argumentos de KANT E Bentham, os teóricos pós-iluministas invocam os ataques de Nietzsche contra Kant e Bentham. Consequentemente é compreensível que o que era invisível aos relativistas e perspectivistas pós-iluministas, que se consideram inimigos dos iluministas, enquanto, de fato, são, em grande medida, e sem o saber, seus herdeiros. (1991, p. 379)

Com a queda da fundamentação metafísica e um mundo caracterizado pela pluralidade, a fundamentação do agir moral deve evitar tanto o relativismo moral, quanto os argumentos transcendentais e se basear nas estruturas lógicas e argumentos coerentes. A fundamentação teleológica da ética aristotélica e a argumentação iluminista baseada na capacidade do indivíduo por si só se acender a uma lei moral fracassaram, abrindo espaço para o surgimento do pluralismo e o individualismo.

Diante dessa situação, restaram-nos apenas duas possibilidades: ou optar por Nietzsche que faz uma crítica radical à moralidade ou pela ética aristotélica das virtudes. MacIntyre faz opção pela ética aristotélica das virtudes que, segundo ele, reconhece que a compreensão humana é desenvolvida conforme as tradições e constitui a base do agir moral. Segundo ele, a tradição

É uma argumentação, desenvolvida ao longo do tempo, na qual certos acordos fundamentais são definidos e redefinidos em termos de dois tipos de conflitos: conflitos com críticos e inimigos externos à tradição que rejeitam todos ou pelo menos partes essenciais dos acordos fundamentais, e debates internos, interpretativos, através dos quais o significado e a razão dos acordos fundamentais são expressos e através de cujo progresso uma tradição é constituída. (MacINTYRE, 1999, p. 23)

A conduta virtuosa é algo essencial e está relacionada à qualidade do ser em viver a vida de acordo com a natureza da alma, ou seja, na prática do amor, não prejudicando nem a si e nem a seu semelhante. A virtude se manifesta envolvida pelo amor, pela sabedoria, pela atitude coerente em exercer o respeito ao ser e a prática do bem. No comportamento ético, a virtude é basilar, já que para o exercício da ética é fundamental a virtude como princípio. A virtude é indispensável em todas as circunstâncias, sobretudo nas condições em que uma ética está fundamentada no respeito ao semelhante.

Embora esteja muito claro o fato de cada um nascer com sua individualidade, a mesma pode ser aperfeiçoada através de uma cultura qualificada, desde os primeiros anos de vida, de acordo com o campo da ética. “O caráter, parece-me, é competente para qualificar o ser, e quando for virtuoso, será, sempre, também, ético” (Sá, 2001, p. 81)

Do ponto de vista da ética, todo ser humano é convidado a ser bom – a questão da bondade – não ser bom no sentido específico, por exemplo, ser bom médico, mas no sentido objetivo, ou seja, como cooperador de uma sociedade harmônica, equilibrada.

É preciso compreender que o mundo contemporâneo reflete a pluralidade de orientações valorativas, dissolvendo, com isso, um modelo de vida que tinha como base um objetivo universal, ou seja, o universalismo na ética. Sabemos que os contextos culturais são os mais diferentes e heterogêneos, o que se não exclui, com certeza diminui a influência da fundamentação transcendental, porém nada disso deve tornar impossível a legitimação de uma idéia de bem. Reconhecer a pluralidade, que não habitamos um mundo comum, não significa a exclusão de algum tipo de força vinculante.

A educação precisa reconhecer que os princípios éticos que a orientam só existem nos contextos e que são sujeitos a críticas. A educação sempre se vincula a um conceito de moral, a um bem que pode ser universalizado, porém deve ser vista apenas como um espaço de aprendizagem e não como uma obrigação crescente. Entretanto, a educação precisa estar fundamentada numa idéia de bem universal, sem absolutizar esta idéia, mas estando aberta à questões importantes.

Embora a educação, desde os tempos antigos até o atual, tenha uma relação inevitável com a unidade e a universalidade, é preciso que ela leve em consideração a pluralidade e as diferenças de contexto como aspecto positivo para pensar suas relações com a ética. O mundo hoje é reconhecidamente plural, por isso, o processo de educação precisa levar o outro em consideração, sem querer submetê-lo. Em nossa visão de mundo, de realidade, entra em jogo o outro, com sua experiência e interpretação. Ninguém pode pretender verdades absolutas com sua visão de mundo. As relações precisam respeitar a pluralidade, e esta por sua vez abre espaço para a tolerância. Mais uma vez, isso não exclui a possibilidade de que as regras morais refiram-se a princípios universais em relação a idéia de bem, por exemplo, justiça. A legitimação da educação não é possível sem a idéia de bem universal. Os direitos humanos são um ato de abertura para o outro, uma tentativa de entender o próximo a partir da sua perspectiva.

Apesar de toda a pluralidade existente, de entender que o homem se dirige ora para o bem, ora para o mal e de ter claro que a filosofia neoliberal é profundamente excludente, precisamos encontrar formas de educação que possam resgatar e incorporar os valores éticos de solidariedade, de fraternidade, de respeito à própria pluralidade, ao meio ambiente e aos direitos humanos. Precisamos pensar a educação como um mecanismo de construção de valores capazes de promover a qualidade de vida para todos. A grande tarefa da educação está

em promover o desenvolvimento integral do ser humano, para que ele possa se comprometer com a valorização da vida integral e global, garantindo assim, a integração entre ética e educação.

2.4 Educação e distribuição de renda: fatores básicos de inclusão social

Definir os fins educativos é definir, ao mesmo tempo, a sociedade, a cultura e o homem que se quer promover. Educar é realmente cultivar a criança para dela fazer um homem. Toda imagem do homem é uma imagem social. Fixar fins para a educação é escolher um tipo de homem, portanto, de homem social, portanto, de sociedade.

(Bernard Charlot)

Educação: Do latim educatione. Ato ou efeito de educar. Aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas.

A educação não pode ser entendida como um ponto final, mas como um início do processo de aperfeiçoamento das potencialidades e habilidades humanas, em busca de uma vida saudável, tanto do ponto de vista da pessoa, quanto do ponto de vista social.

A educação deve existir sempre em função do homem. Seu fim maior deve ser sempre o de promover a realização total do ser humano. Para isso, é preciso que ela tenha qualidade, que tenha compromisso com o ser humano no sentido de instruí-lo bem e torná-lo consciente e crítico dentro do seu tempo histórico.

Não basta que se tenha escola para que uma pessoa ou um povo tenha seu “destino” garantido. É preciso determinar o teor educacional, a filosofia da educação para que se saiba em que direção está caminhando uma nação. Mais do que travar uma luta a favor da educação é preciso que se tenha clareza a respeito do tipo específico de educação que é necessário para que se tenha uma boa sociedade, ao mesmo tempo, cientificamente competente e emocionalmente equilibrada.

É sabido que a educação pode promover a libertação total do ser humano, tornando-o consciente de suas responsabilidades pessoais, profissionais e sócio-políticas, como também pode torná-lo alienado em relação a si mesmo, especialmente em relação aos meios ideológicos que contribuem para que uma sociedade seja injustamente estratificada, ignorante e massificada.

Muitos ideólogos e controladores do poder estruturam a educação apenas como forma de controle social, fazendo com que ela perda seu caráter principal que é o de tornar os seres humanos conscientes e livres. Com esse propósito, a educação acaba se colocando contra a

educação, na expressão de Moacir Gadotti. A educação que não consegue formar o homem no sentido integral, ou seja, capacitá-lo para enfrentar com competência os desafios pessoais, profissionais e sociais não passa de uma ideologia e, como tal, contribui direta ou indiretamente para a dissimulação das desigualdades.

A questão básica nesse momento é saber o que a educação tem como objetivo e se o que se propõe a fazer corresponde às necessidades de todos, especialmente àquilo que precisam para sua promoção individual e social.

Numa sociedade extremamente tecnológica, pragmática e consumista, a educação fica sem poder para decidir sobre aquilo que os seres humanos realmente necessitam. Quem toma essas decisões, em última instância mesmo, é o mercado, a propaganda, enfim, o sistema econômico. Até mesmo as novas qualificações adquiridas pelos estudantes/trabalhadores são decididas pela máquina dominante, para servir à sociedade industrial capitalista e ao consumismo desenfreado.

No fundo, esse tipo de educação, acaba atingindo um objetivo só, “reciclar os trabalhadores, com o objetivo de estabelecer uma certa hierarquização da força de trabalho”. (GADOTTI 1987, p. 107).

Sabemos que a desigualdade social determina a desigualdade escolar. Por isso, precisamos de um modelo de educação que possa promover, gradativamente, o sentido inverso, isto é, uma grande inclusão social, conquistando, concomitantemente, maior igualdade social e maior igualdade escolar, provocando, ao longo desse processo, a justa igualdade de oportunidade.

Se, durante muito tempo, a educação foi usada para adormecer os espíritos, as inteligências e as consciências, chegou o momento de exigirmos que ela seja utilizada para desencadear mecanismos de libertação de todos, em especial das classes menos favorecidas. A educação carrega consigo muitas possibilidades, tanto de caráter negativo, quanto de caráter positivo. Contudo, as possibilidades negativas precisam ser condenadas veementemente e as possibilidades positivas precisam ser incentivadas e reinventadas constantemente para tornar o homem e a sociedade a cada dia, um pouco mais equilibrado, competente e harmônico.

É evidente que este tipo de educação provocará preocupações, sobretudo naqueles que têm medo de perder seus privilégios, perder seu status, na maioria das vezes, mantidos através de atitudes injustas e exploradoras.

Por outro lado, uma educação bem estruturada, competente e, sobretudo, libertadora, desperta esperanças em todos aqueles que desejam se libertar da ignorância e das forças opressoras.

A educação é e sempre será o maior fator de inclusão social, na medida em que for capaz de ajudar o ser humano a responder às suas próprias interrogações. “O homem é o ser que se questiona a si mesmo, experimenta a necessidade radical de descobrir-se e encontrar-se”. (ARDUINI, 1975, p.118)

A educação, quando se propõe a ser transparente e verdadeira, tem o poder de desnudar, abrir a vida do homem, tornar clara a sua existência.

A sociedade brasileira atual precisa de uma educação capaz de libertar o homem do medo, da fadiga, da hipocrisia, da apatia, da alienação, da desesperança e torná-lo um ser consciente, verdadeiro, solidário, livre e corajoso. A educação deve ter a preocupação de estimular o homem a pesquisar as causas das atitudes humanas, a explicação real dos fatos. Deve também incentivar o homem a buscar o fio condutor dos acontecimentos, a malícia das manobras econômico-político-culturais, a perguntar se quem acumula capital são os mesmos que trabalham, se o sofrimento de um povo garante a promoção de todos ou os privilégios de alguns, a verificar as reais intenções do capital estrangeiro e dos políticos demagogos e corruptos, a indagar se um povo é realmente livre quando só os poderosos têm o direito de falar e os pobres têm o dever de escutar, a não aceitar passivamente a hierarquização de valores e a injusta estratificação de classes. A educação precisa ter o compromisso de tornar o homem atual, um protestante contra todos os estorvos que impedem sua caminhada ascensional.

A educação será o grande fator de inclusão social quando for capaz de ensinar o homem a concordar, mas também a discordar. A concordar com o justo e a discordar do tirano, a estender as mãos para salvar o homem, mas levantá-las contra os que exploram e matam. Essa educação precisa se preocupar em ensinar o educador a inquietar consciências, precisa assumir o papel não de capitular, mas de afirmar e contestar. A educação precisa construir intérpretes exigentes e críticos, precisa erguer homens lúcidos e independentes e não diplomar lacaios e seres despersonalizados.

Uma nação não se constrói com uma educação medrosa, aniquilada e mecanicista.

Educação deve ser algo dialético e original. Não pode ser ornamento ou maquiagem.

Ela tem o dever de preservar as raízes e a personalidade de um povo e a soberania de uma nação.

Uma educação que copia e impõe modelo vindo de fora, além de falsificar o homem e descaracterizá-lo no seu caráter íntimo, não ajuda no processo de inclusão social. Educação que respeita o ser humano de forma original e integral não aceita cultura “enlatada” e modelos pedagógicos desvinculados da realidade sócio-político-cultural de um povo. A educação que aniquila nossa originalidade precisa ser contestada e expurgada dos currículos e das escolas brasileiras o mais rápido possível. Precisamos de educação que não aniquile os brasileiros, mas mostre o norte e abra as portas para o desenvolvimento pessoal e nacional. O brasileiro não é e nunca deve ser uma figura imprecisa, um substituto improvisado, mas sim um homem marcado, com uma vocação intransferível e uma originalidade impaciente.

O homem que é verdadeiramente educado, na regra, é um homem socialmente incluído. Portanto, a educação ocupa um papel preponderante na vida de todo ser humano. O que antes era feito pela dialética da própria natureza, hoje precisa ser realizado pela educação, através da cultura, do trabalho, da pesquisa, da ciência, do conhecimento. O homem, através da educação, pode planejar o seu futuro, acelerar a evolução, resolver os problemas propostos, construir sua existência. Um homem educado é um homem apto a solucionar as dificuldades reais da vida, a construir novos rumos e uma nova realidade a cada dia.

O Brasil atual precisa de uma educação que não seja apenas uma casca, uma descrição superficial, mas sim uma força propulsora de transformação da realidade para que mais e mais pessoas possam ser incluídas socialmente. Essa educação é a que Paulo Freire chamou de educação dialógica. Segundo Arduini, o Brasil precisa de

... uma educação crítica, com o poder de fazer, de criar, de transformar. Com esse espírito, a educação se torna um fenômeno criador. Ela ativa a evolução, trabalha a matéria, fecunda a natureza física, levanta as energias psíquicas, cria novos instrumentos, altera as estruturas sociais, modifica o curso dos acontecimentos, quebra a rotina, introduz novos valores, desenvolve o homem, organiza uma nova sociedade. (1975, p. 123).

Existem dois tipos de educação: a conservadora e a libertadora. A conservadora é aquela que apenas transmite experiências dos antepassados. Ela atua muitas vezes com métodos modernos, mas seu interesse é manter as estruturas atuais, as posições interesseiras e conservar a realidade cheia de contradições e privilégios.

Em contrapartida, a educação libertadora tenta fazer do homem um ser também libertador, é capaz de mostrar que nada no universo é imutável, é estático, é fixo e que nenhuma realidade é definitiva, muito menos sagrada, mas pode ser modificada e sofrer um processo de transformação. Principalmente, ela tem a competência e uma visão de justiça,

para mostrar que a miséria ou qualquer outro elemento de exclusão social não é natural ou necessário e que dispomos hoje de tecnologias, ciências e conhecimentos para libertar o ser humano de qualquer mecanismo que o impossibilite de viver com o mínimo de dignidade.

A educação precisa utilizar meios para incentivar e aprimorar a inteligência crítica e não apenas a inteligência técnica/instrumental. A inteligência e a educação não podem existir para justificar a miséria, a exclusão, mas sim para eliminá-las. Através da verdadeira e transparente educação, o homem pode acabar com a fome, derrubar a opressão, controlar o desemprego, acabar com o analfabetismo, a violência, a corrupção, o sofrimento humilhante e conseguir angariar conhecimentos e humanização para que todos possam sentir-se pessoas completas, livres e com satisfação para viver.

É preciso rejeitar totalmente a pedagogia do neocolonialismo, pois ela aliena e subordina as classes baixas a uma condição de colonizados. Vamos construir a cada dia a pedagogia da libertação como instrumento de desenvolvimento e de inclusão social. A educação e a pedagogia libertadoras podem suscitar o crescimento de todos os setores da sociedade brasileira, a verdadeira independência do Brasil, a consciência ética e coletiva do povo e uma vida saudável e coerente para todos.

É possível perceber que a verdadeira e autêntica educação é também verdadeira testemunha de Cristo, porque é capaz de fazer dos homens seres completos até o fim.

A educação competente, transparente e comprometida é capaz de transformar o homem num ser vocacionado a ter responsabilidade e não a ter só interesse, a trabalhar e não anular a vida, a libertar e não explorar os outros, a aprender e crescer sempre e não se aniquilar na inércia, a ser participativo e atuante, a ter iniciativas e não só ficar esperando, a caminhar junto sendo companheiro e não abandonar os outros. Enfim, a educação de verdade acusa e lapida a consciência do homem tornando-o responsável pela conquista coletiva da cidadania.

Concomitantemente à necessidade de uma educação de qualidade, com interesses reais de conquista e construção da cidadania, a sociedade brasileira precisa rever urgentemente a questão da desigualdade social.

O Brasil é um país historicamente desigual, com uma absurda injustiça social, excluindo parcelas significativas de sua população do acesso a uma vida minimamente digna. Alguns dados ajudar-nos-ão a entender a situação contraditória da desigualdade social.

Ainda no período da colonização, havia uma exagerada concentração de terras nas mãos de poucos, eram as chamadas Capitanias Hereditárias. A história mostra que, algum tempo depois, os senhores de engenho concentravam toda a riqueza em suas mãos e, mais

tarde, o controle da riqueza estaria nas mãos dos barões do café. Neste período, destaca Celso Furtado (1998, p.166): “Destarte, o processo de concentração de riqueza, que caracterizava a prosperidade, não encontrava um movimento compensatório na etapa de contração da renda”.

É importante destacar que o Brasil não é um país pobre, somos a nona economia do mundo, a renda per capita do Brasil está entre o terço mais rico do mundo e está muito superior à sua linha de pobreza, segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 1999, feito pela Organização das Nações Unidas (ONU). Portanto, é possível reduzir a desigualdade social, na medida em que iniciarmos uma progressiva distribuição de renda, situação perfeitamente possível num país com enormes recursos disponíveis.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano feito pela ONU em 2003, a diferença entre os 10% mais ricos e os 10% mais pobres chega a setenta vezes.

Dados de 1998 apontam que os 20% mais pobres ficavam com 2,3% da renda, os 40% mais pobres com 8,0%, os 50% mais pobres com 12,3%; em contrapartida, os 20% mais ricos detinham 64,2% da renda, os 10% mais ricos com 47,9% e 1% mais ricos concentravam 3,9% da renda nacional. (REVISTA BRASILEIRA, 2000, p. 42-43)

A publicação lançada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no dia 29 de setembro de 2003, intitulada “Estatísticas do século XX” mostra que o Brasil ficou mais rico, porém mais desigual nesse século. Conforme dados dessa publicação, apesar do enriquecimento fabuloso, o PIB (Produto Interno Bruto) cresceu 110 vezes de 1901 a 2000, a renda continuou concentrada nas mãos de poucos. “Em 1999, o 1% mais rico da população em idade ativa e com rendimento concentrava 13% da renda – quase o mesmo que os 50% mais pobres, 13,9%”.

Segundo dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), a renda de toda a população melhorou na década de 1990, mas a desigualdade não diminuiu.

Os números dos institutos de pesquisa mostram que houve um declínio dos índices de pobreza e miséria na década de 1990, mas o curioso é que mesmo assim, em 1996, 76 milhões de pessoas, num total de 157 milhões de habitantes não tinham rendimento suficiente para suprir suas necessidades básicas.

Tanto as pesquisas quanto à realidade brasileira hoje mostram que o Brasil tem uma das piores distribuições de renda no mundo. Este quadro só será revertido na medida em que se adotar políticas sociais que visem uma maior equidade entre todos. Essas políticas deveriam passar necessariamente pelo aumento do Salário Mínimo, uma vez que na proporção que se aumenta o Salário Mínimo, aumenta-se o poder de compra do assalariado pobre, pela diminuição do preço dos alimentos. Não basta o Brasil bater recorde de produção agrícola se

o grosso da produção está concentrado nas mãos de poucos e, sobretudo, voltado para exportação. É preciso ter incentivos reais à agricultura para que possamos ter o barateamento do preço dos alimentos, principalmente os de primeiras necessidades. Outro fator que precisa ser alterado é a carga tributária dos mais pobres. Uma alternativa para esta questão seria sobre-taxar as grandes fortunas, o que possibilitaria cobrar menos impostos dos mais pobres. Também é preciso que haja melhora na educação. Contudo para que a melhora na educação ocorra, necessário se faz o aumento de verba, transparência na aplicação da mesma, melhoria da qualidade de ensino e formação didático-pedagógica dos educadores na linha filosófico-crítica, uso correto, democrático e transparente das verbas públicas, ou seja, o fim da corrupção e além dos fatores já mencionados, também é necessário a realização de uma reforma agrária justa e competente.

Para se ter uma idéia sobre a questão da terra, dos cinco milhões de propriedades rurais, a metade possui menos de 10 hectares, somando aproximadamente 7,9 milhões de hectares. No entanto, os 37 maiores latifúndios possuem juntos, 8,3 milhões de hectares. A exemplo de muitos países, o Brasil precisa limitar o tamanho da propriedade rural, diminuir a monocultura de exportação e ampliar a policultura com a produção de gêneros alimentícios. Esse processo fortaleceria a economia local, geraria mais empregos, contribuindo significativamente para a diminuição da fome e da pobreza.

O grande desafio posto para a sociedade brasileira para promover o processo de inclusão social passa, necessariamente, pela melhoria da educação e pela distribuição de renda.

Através da boa educação, o homem se torna um ser mais íntegro, mais definido, mais crítico e mais humano. Assim, passa a se assumir muito mais pela essência do que pela aparência, assumindo, por conseguinte, os outros como companheiros na construção de uma sociedade justa e equilibrada.

A educação, além de ser um fator de cidadania, está diretamente relacionada à questão da produtividade. Um trabalhador bem instruído pode aumentar seu nível de produção, contribuindo diretamente com a riqueza de seu país. Cada dia que passa, a falta de conhecimento dificulta mais a vida das pessoas. Especialistas apontam que a tendência é que as empresas parem de contratar um trabalhador que não pense. As mudanças, sobretudo os avanços tecnológicos, exigem um funcionário que raciocine que tenha poder de decisão e que produza com qualidade. Portanto, educação é sinônimo de emprego, e emprego é mecanismo de inclusão social.

Já é hora de toda a sociedade brasileira entender que distribuição de renda é um fator gerador de cidadania e que, a partir do momento em que o povo construir cidadania para todas as pessoas, haverá menos violência, menos corrupção, menos miséria e pobreza, menos ignorância e haverá mais solidariedade, mais trabalho, mais alimentos, mais produtividade, mais conhecimento e, por fim, mais alegria e mais amor. Esse processo é bastante difícil e complexo, mas pode ser perfeitamente realizado com um pouco de sacrifício e desprendimento, especialmente por parte dos educadores.

Tendo em vista que discutimos a educação e suas possibilidades durante todo o segundo capítulo, analisando, à luz dos pensadores, como a educação pode se tornar um meio de construção da cidadania passaremos a ver, a partir do próximo capítulo a Ética segundo os PCNs: temas transversais – e como os estudos de Ética podem colaborar na construção da cultura da paz e de comportamentos solidários.

CAPÍTULO 3 ÉTICA NA EDUCAÇÃO: UM COMPONENTE DE MUDANÇA DE CONDUTA.

3. 1 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional.

Os PCNs destacam que a educação desempenha um papel essencial no desenvolvimento das pessoas e da sociedade. Contudo, a conjuntura brasileira revela a necessidade de construção de uma educação voltada para a cidadania. Para tanto, o documento de Introdução propõe:

A necessidade de que a educação trabalhe a formação ética dos alunos está cada vez mais evidente. A escola deve assumir-se como um espaço de vivência e discussão dos referenciais éticos, não uma instância normativa e normatizadora, mas um local social privilegiado de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania, promovendo discussões sobre a dignidade do ser humano, igualdade de direitos, recusa categórica de formas de discriminação, importância da solidariedade e observância das leis. (PCNs, 1998, p. 16)

Para que os indivíduos possam aproveitar com intensidade o ambiente educativo, é fundamental que a educação tenha como base quatro pilares, apontados tanto no livro “Educação Um Tesouro a Descobrir: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI”, no seu quarto capítulo, quanto no próprio documento PCN-Introdução, 1998, p.17. Estes pilares são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser. Essa proposta compreende a necessidade de uma formação mais ampla do indivíduo, onde ele possa além de saber ler, escrever, calcular, se expressar, também possa adquirir conceitos, valores, atitudes que o capacite para viver com dignidade e para continuar a aprender permanentemente.

O Brasil possui compromissos legais e internacionais com relação à educação, no sentido de que ela contribua para a construção da cidadania. No plano internacional o Brasil se comprometeu na Conferência Mundial de Educação Para Todos, realizada em Jomtien, na Tailândia, em 1990 e, em seguir as orientações da Declaração de Nova Delhi, de 1993.

O Artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) reforça que a educação deve estar inspirada nos ideais de solidariedade humana e no preparo para o exercício da cidadania:

A educação, dever da Família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB, 1996, p.1)

Embora já tenhamos todo embasamento legal e já tenhamos feito compromissos internacionais com relação a melhorar a educação, a prática desse processo ainda é pouco desenvolvida entre nós. Portanto, a sociedade brasileira como um todo e, particularmente, os educadores, tem muito trabalho a desenvolver, no sentido de educar a criança, o jovem, toda pessoa enfim, para o efetivo exercício da cidadania.

Por isso, a cidadania pode ser definida como políticas participativas, ou seja, de iniciativas voltadas ao enfrentamento da pobreza, reconhecendo que o real enfrentamento da pobreza se faz com a efetiva participação do pobre. Todo esse processo se dá através da formação do sujeito social, que compreende a pobreza como injustiça social e define seu destino de forma consciente e organizada.

A cidadania organizada acontece através das políticas: educacionais, culturais, de comunicação, de defesa dos direitos humanos fundamentais, dos direitos da minoria, partidárias, sindicais, de segurança pública e de justiça.

Segundo Pedro Demo (2005, p. 41):

Assim, não existe participação dada, imposta, prévia ou suficiente. Dada, imposta, prévia e suficiente (demais) é a desigualdade social. Participação vem depois, se conquistada. Precisa ser construída, todo o dia recuperada. Enfrentar politicamente a pobreza significa partir do real interessado, do pobre... Decisiva é somente a presença consciente e organizada do pobre.

Portanto, educar de forma crítica e competente é motivar o educando para que ele participe efetivamente do processo de conquistas de direitos, para que ele não aceite a cidadania imposta por intervenções externas, mas que ela seja construída como um processo que se dá no interior da política das classes e da prática social. Neste sentido poderíamos perguntar: há relação entre cidadania e educação? Arroyo (2003, p. 79) responde:

Há e muita no sentido de que a luta pela cidadania, pelo legítimo, pelos direitos, é o espaço pedagógico onde se dá o verdadeiro processo de formação e constituição do cidadão. A educação não é uma precondição da democracia e da participação, mas é parte, fruto e expressão do processo de sua constituição.

Neste sentido, a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais de se trabalhar a Ética como um tema transversal nas escolas está colocada como uma possibilidade de análise dos diversos valores presentes na sociedade e dos vários princípios que organizam as condutas dos sujeitos sociais. No ambiente escolar a Ética se encontra nas relações entre todos, pais, alunos, professores, funcionários, e também nos conteúdos estudados, já que o conhecimento não é neutro, por isso, está sujeito a valores de todo tipo.

Os PCNs propõem que a Ética possa refletir as diversas atuações humanas e que o convívio escolar sirva como base de aprendizagem da justiça, de respeito mútuo e da solidariedade. A escola pode desenvolver experiências onde o aluno aprenda a ser solidário ao ajudar e ser ajudado, a ser democrático ao dizer o que pensa e ao ouvir o que os outros têm a dizer.

De início os PCNs trazem os conceitos de Ética e moral:

Moral e ética são palavras frequentemente empregadas como sinônimos: conjunto de princípios ou padrões de conduta. A etimologia dos termos (mores, no latim e ethos, no grego) é mesmo indicativa de um significado comum: ambos remetem à idéia de costume. (PCNs, 1998, p. 49)

Costume é uma criação exclusivamente humana e, através dele, ocorre a criação de valores. As sociedades criam princípios e regras que indicam direitos e deveres. Isto serve para orientar a conduta dos indivíduos e é o campo da Moral e da Ética.

Embora do ponto de vista da etimologia Ética e Moral tenham o mesmo significado, ao longo da história, suas significações foram diferenciadas: a Moral está relacionada aos princípios e regras que orientam o comportamento e a Ética desenvolve o papel de reflexão crítica sobre a Moral.

A moralidade está presente na cultura, definida sempre como o conjunto de crenças, regras e princípios que norteiam o comportamento humano. Tanto na Grécia Antiga, quanto na Idade Média, quanto hoje, lembrando que em cada momento histórico os valores são diferentes, a moralidade se faz presente.

Por se considerarem livres, os seres humanos têm capacidade de escolha, contudo, escolher implica em valores, daí a necessária definição de critérios que classifiquem as ações como boas, corretas, ou más, inadequadas, o que justifica as escolhas. O que se verifica é que a responsabilidade é o centro da ação moral, o que implica ter conhecimento das conseqüências das ações.

Diante das questões complexas a moral tem seus limites, aí entra a Ética, que possui o papel de desenvolver uma reflexão crítica sobre a moral. A Ética, embora não tenha caráter normativo, serve para verificar a coerência entre a prática e os princípios.

Como a sociedade é composta - numa mesma sociedade existem interesses diferentes, o que leva muitas vezes a situações de conflito - é aqui que a Ética tem seu poder de reflexão sobre os atos humanos. Embora, a Ética tenha um caráter teórico, por ser reflexiva, ela não é abstrata, ou metafísica, pois ela transita nos diversos contextos da sociedade.

A educação, em todos os tempos, tem sua dimensão moral. De acordo com os PCNs, Temas Transversais:

O cotidiano escolar está encharcado de valores que traduzem em princípios, regras, ordens, proibições. O que se quer é que a ética aí encontre espaço, a fim de que se reflita sobre esses princípios (em que se fundamentam?), essas regras (qual a sua finalidade?), essas ordens (a que interesses atentem?), essas proibições (que resultado pretendem?), para que se instalem ações/relações efetivamente democráticas. A ética é um eterno pensar, refletir, construir. E, na escola, sua presença deve contribuir para que os alunos possam tomar parte nessa construção, serem livres e autônomos para pensar e julgar, para problematizar constantemente o viver pessoal e coletivo, fazendo o exercício da cidadania. (PCNs, 1998, p.53- 54)

Os PCNs enfocam também a importância de se desenvolver em cada indivíduo a consciência cidadã. Considerando que o homem é um ser social e, como tal, se constrói na relação com os outros, relações estas mediadas pelos interesses, pelas instituições e pelas classes onde circulam, as experiências particulares estão diretamente relacionadas à construção coletiva das sociedades, onde cada ser humano vai se configurando de acordo com suas capacidades individuais e com os ambientes onde vive.

A formação do caráter individual e do caráter político dos indivíduos compreende o conjunto dos ambientes – físico-biológicos e histórico-econômico-políticos – onde eles vivem.

Faz-se importante ressaltar que existem diferenças entre os modelos que formam a mente do cidadão e os modelos da norma que ele necessita cumprir como atitude, podendo existir conflitos.

O fato de alguém descumprir um dever ético pode estar explicado nos conceitos absorvidos pela educação ou pela ambiência do ser. Em ambientes de imoralidade é natural que a prática da mentira, da ingratidão forme hábitos, ou no mínimo, não seja objeto de uma educação que possa cercear a produção de limitações como estruturas da mente.

O bombardeio de informações imorais e deformadoras das virtudes contribui sobremaneira para a prática de comportamentos imorais. Quando a lesão aos bons costumes se consagra como prática aceita socialmente, compromete o futuro das gerações.

É verdade que ocorreram grandes mudanças no mundo nos últimos tempos, mas é preciso almejar uma nova civilização, preservando as raízes da virtude e do respeito mútuo.

A ambiência deteriora-se há muito tempo, inclusive a partir dos exemplos dos dirigentes políticos, mergulhados na prática de atos imorais.

Como escreve Sá (2001, p. 162): “Em suma, existem variações de ambiências que tornam complexo o quadro da conduta humana, com notórias variações do exercício da vontade do ser humano.”

Contudo, embora haja uma relatividade que os ambientes impõem e que sugerem diversas formas éticas, observamos que só existe uma forma correta, é aquela que produz o bem, dignificada pelo amor a si e ao seu semelhante. Não existem duas éticas: aquela de uma pessoa ou um grupo e aquela de todos. Então teríamos a Ética dos corruptos, dos traficantes etc., o que derrubaria todo estudo científico, estribado na verdade.

Não se pode negar que tais grupos possuem suas regras, mas dizer que são éticas seria negar a responsabilidade de uma ciência que busca a verdadeira conduta, ou seja, a essência do bem e dos valores humanos.

Embora o mundo atual supervalorize os bens materiais, sobretudo dinheiro, dizimando princípios morais e valorizando o individualismo e o egoísmo, nada disto muda a essência da virtude nem a doutrina ética em seus valores.

Toda vez que a prática de um ato puder acobertar um delito, aí sim, o ser humano deve recusar-se a participar de conluíus que possam prejudicar os outros. A prática voluntária de um ato indecoroso prejudica a dignidade, a paz e o bem-estar do que pratica e dos que sofrem as conseqüências.

A conduta humana pode sofrer influências da ambiência institucional, mas não pode excluir a vontade ética, toda ação, mesmo que seja em nome da Instituição é sempre uma ação humana, portanto, com responsabilidade perante a Ética. Nada que é feito em nome das instituições justifica a lesão aos valores humanos.

As influências dos ambientes são muito fortes, sobretudo nos tempos atuais, entretanto, as leis éticas não se constroem em função dos ambientes particulares, mas sim, da universalidade da conduta humana na construção do bem.

O ser humano, para ser ético, mesmo com todas as influencias dos diversos ambientes com os quais ele vive e convive, necessita de um controle, um equilíbrio competente entre

emoção, razão e espírito, o que só a consciência é capaz de oferecer, especialmente quando a atitude precisa ser ética.

A formação da consciência ocorre através das informações, ensinamentos, observações, influências ambientais, percepções etc. A consciência ética forma também, como toda consciência, uma opinião, derivada da reflexão, ou seja, do confronto entre a realidade percebida e aquela que se insere no íntimo do ser. A estrutura interna do ser humano, ou seja, a consciência precisa ser forte para suportar as pressões dos ambientes externos, daí Sá (2001, p.67) afirma: “o mundo exterior pode mudar o mundo interior do ser a qualquer tempo e em qualquer espaço, dependendo da qualidade da estrutura da consciência ética e da força das circunstâncias ambientais.”

A estrutura ética se forma e se fortalece sempre, quanto mais o ser humano for capaz de desenvolver virtudes. A conduta virtuosa é algo essencial e se baseia na prática do amor, ou seja, no sentido de não produzir nem um mal a si e nem a seu semelhante.

A educação, embora seja a principal responsável pela estrutura da consciência, por conseguinte da conduta humana, é, todavia, vulnerável a um meio ambiente adverso, que tende a influir sobre nossa consciência, obrigando-nos a um esforço para conviver em todas as esferas, sem, contudo, deformar nosso caráter.

Especialmente a mídia eletrônica, através de programas sensacionalistas e de violência, contribui para deformar o caráter dos telespectadores.

Vivemos em uma época em que, sobre o pretexto da liberdade, deteriora-se a moral educacional, muitas vezes com a conivência de pais, professores e do Poder Público.

No processo de formação do “eu”, onde se agrupam os princípios que devem nortear a vida moral, ocorrem, infelizmente, ataques de contra-valores, como a violência, o desrespeito, criando imagens distorcidas de uma educação necessária ao equilíbrio e ao respeito social. Daí, ser imprescindível a vigilância das famílias e da escola sobre o aperfeiçoamento das virtudes e deveres éticos, sobretudo na infância e adolescência.

Como demonstra Sá (2001, p. 51): “A formação ética depende de ambiência sadia, virtuosa, inspiradora de uma consciência no sentido de não prejudicar quem se forma moralmente e nem a terceiros, ou seja, lastrada na prática do bem”.

Mais uma vez apontamos a importância dos PCNs – Temas Transversais – como contribuição para que as escolas sejam efetivamente um meio ambiente de construção de comportamento ético, por conseguinte, de garantia da cidadania, onde todos possam participar da vida política, fazendo interferências criativas para a organização da sociedade.

Cidadania é liberdade em companhia. Cada pessoa, embora tenha sua singularidade, está diretamente relacionada à vida coletiva, o que implica que todos são os outros dos outros, daí poder concluir que quando o outro é ignorado, quando se age sem levar o outro em consideração, viola-se o sentido de singularidade, fazendo com que se instale o individualismo.

Ninguém é livre sozinho, a liberdade acontece num contexto coletivo, social. A liberdade com responsabilidade possibilita a superação do individualismo, onde se cria normas e regras de comportamento de forma democrática, e se leva em conta a felicidade de todos.

Dessa forma, a relação entre Ética e política fica evidente, pois com os cidadãos participando ativa e conscientemente, facilita-se a produção da dignidade humana.

Segundo os PCNs:

A vida humana ganha sua riqueza se é construída e experimentada tomando como referência o princípio da dignidade. Segundo este princípio, toda e qualquer pessoa é digna e merecedora do respeito de seus semelhantes, e tem direito a boas condições de vida e as oportunidades de realizar seus projetos. (1998, p. 56)

A diversidade de pessoas que compõem a sociedade, em função de suas personalidades, categorias ou grupos que pertencem, oferece a oportunidade de enriquecimento de todos os envolvidos. Entretanto, paralelo a toda essa riqueza, existem os preconceitos e discriminações que culminam muitas vezes em violência e conflitos. Pessoas preconceituosas partem do princípio de que nem todas as outras pessoas merecem consideração, por isso, as tratam com indiferença. O preconceito, a discriminação, além de serem conseqüência da ignorância, estão na contramão de uma sociedade pluralista, e democrática, portanto, são atitudes antiéticas que não colaboram para a construção da cidadania.

Uma sociedade, na qual as relações entre os indivíduos estejam alicerçadas no diálogo, na justiça e na solidariedade, leva a cidadania a ganhar efetivamente sentido. Do ponto de vista ético é inadmissível todo e qualquer tipo de preconceito, qualquer atitude que seja contrária a dignidade humana.

Portanto, a Educação tem um importante papel a desenvolver no sentido de capacitar as pessoas para que sejam críticas e atuantes na construção de uma nova realidade onde haja justiça e igualdade para todos.

A Constituição da República Federativa do Brasil traz alguns trechos que apontam as questões morais. Logo no seu primeiro artigo, por exemplo, aponta a dignidade da pessoa humana e o pluralismo político como fundamentos da República Federativa do Brasil. Isto supõe que ao agir as pessoas devem respeitar a dignidade e, também, que todas as pessoas são livres para expressar suas idéias e opiniões.

Em seguida o Artigo 3º traz outros princípios importantes:

Construir uma sociedade livre, justa e solidária; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (BRASIL.CONSTITUIÇÃO. 1988, 2004, p. 3)

E, ainda o Artigo 5º traz mais itens sobre as bases morais:

Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações; ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante; é inviolável a liberdade de consciência e de crença”; “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas. (BRASIL.CONSTITUIÇÃO. 1988, 2004, p.3, 5 e 6)

Esses artigos refletem o que se poderia chamar de núcleo moral de uma sociedade, ou valores necessários ao convívio social, sem os quais a sociedade corre o risco de cair no relativismo ético, impossibilitando a convivência democrática.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos ressalta pelo menos em dois momentos a importância da dignidade humana e, da educação promover o espírito de fraternidade e de tolerância entre as pessoas e nações para a promoção da liberdade e da paz.

Artigo I. Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade; “Artigo XXVI. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. (DALLARI, 2004, p. 105 e 110)

Outro documento ainda nos reporta para a importância da liberdade e da solidariedade humana no processo de educação dos indivíduos. A L.D.B. no seu Artigo 2º afirma (1996, p.1): “A educação, dever da Família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania...”

Não obstante a sociedade brasileira possuir um conjunto de princípios legais que possibilite a convivência democrática e solidária, as práticas sociais não são efetivamente pautadas nestes princípios. A realidade está marcada pela distribuição injusta de renda, pela desigualdade no acesso à cultura e aos bens materiais, pelas relações autoritárias, pela corrupção, pela violência, pelo analfabetismo e semi-analfabetismo, pela miséria enfim. Percebe-se um fosso separando a legislação e o comportamento das pessoas de todas as classes sociais. Enquanto a legislação enfatiza a equidade dos direitos e a inclusão, as práticas políticas, econômicas e sociais ainda produzem desigualdade e exclusão.

Diante dessa realidade, da mentalidade do “levar vantagem”, do “salve-se quem puder”, da indiferença diante dos princípios e valores, impõe-se o desafio a toda a sociedade e particularmente à escola, de construir espaço de socialização e de valores. Conforme os (PCNs, 1998, p. 59):

Trabalhar com crianças e adolescentes de maneira responsável e comprometida, do ponto de vista ético, significa proporcionar as aprendizagens de conteúdos e desenvolvimento de capacidades para que possam intervir e transformar a comunidade de que fazem parte, fazendo valer o princípio da dignidade e criando espaços de possibilidade para a construção de projetos de felicidades.

Os seres humanos, desde o seu nascimento, se relacionam com valores e regras da sociedade onde vivem. Desde a família, que é a primeira instituição que influencia as pessoas, até os meios de comunicação, os amigos e outras instituições, todas exercem influências sobre elas, no entanto, nenhuma delas tem poder de predeterminação. Cada indivíduo constrói sua identidade e sua singularidade através da história pessoal e das relações com os meios sociais.

A escola, assim como outras instituições, é mais uma pela qual passa a grande maioria das pessoas e veicula valores que estão de acordo ou em contradição com os que os indivíduos já possuem. Por isso, tem o compromisso de educar a todos de acordo com os princípios democráticos.

Embora seja inegável a possibilidade da escola contribuir na formação de valores, também não têm como negar seus limites nesta árdua tarefa.

Se entendida como apenas mais um meio social que veicula valores na vida das pessoas que por ela passam, a escola encontra seu limite na legitimidade que cada um dos indivíduos e a própria sociedade conferir a ela. Se entendida como espaço de práticas sociais em que os alunos não apenas entram em contato com valores determinados, mas também aprendem a estabelecer hierarquia entre valores, ampliam sua capacidade de julgamento e a consciência de como realizam escolhas, ampliam-se as possibilidades de atuação da escola na formação moral, já que se ocupa de uma formação ética, para formação de uma consciência moral reflexiva

cada vez mais autônoma, mais capaz de se posicionar e atuar em situações de conflito. (PCN, 1998, p. 63).

Existem algumas experiências de educação moral já tentadas nas escolas. Uma delas é a tendência filosófica que tem como objetivo o conhecimento e a reflexão sobre a ética dos vários filósofos. Outra tendência é a cognitivista que também valoriza o raciocínio e a reflexão sobre os princípios morais. A tendência afetivista, levando em consideração a necessidade do equilíbrio pessoal de cada um, tenta sensibilizar a todos para as questões morais. Existe também a tendência moralista que, diferentemente das outras, quer normatizar, impor valores considerados corretos. Esta tendência foi muito explorada no Brasil. Por fim, existe a tendência democrática que tem como grande objetivo democratizar as relações entre todos no ambiente escolar, fortalecendo a cooperação, o diálogo e a autonomia.

A incorporação, a legitimação dos valores morais depende da afetividade, ou seja, que os conteúdos estudados, refletidos consigam sensibilizar a pessoa, que eles possam corresponder ao seu “projeto de felicidade”, que eles favoreçam, de alguma forma, seu bem-estar, e, depende também, da racionalidade. É importante que se reflita, que se dialogue, que se construa um juízo sobre os valores morais. “A escola deve ser um lugar onde os valores morais são pensados, refletidos, e não meramente impostos ou frutos do hábito; a escola deve ser o lugar onde os alunos desenvolvam a arte do diálogo”. (PCN, 1998, p. 71)

O desenvolvimento moral ocorre durante todo o processo de socialização, desde a infância até a fase adulta, porém a adolescência e a juventude revelam-se um período muito forte, fecundo e, até certo ponto, definidor da conduta do indivíduo.

É, portanto, fundamental para a escola, refletir sobre a especificidade dessa etapa da vida e sobre como adequar sua organização, sua forma de intervenção, de modo a contribuir para que os alunos possam refletir criticamente sobre os valores que possuem, os que procuram experimentar e os que estão à sua volta, buscando a ética nas suas relações. (PCN, 1998, p. 74)

É impossível ensinar a moralidade, contudo, a escola tem o desafio pedagógico de auxiliar o educando a ter consciência dos valores que norteiam sua relação com os outros. Todos participam desse processo, mas a atuação do professor é fundamental na construção de vivência de acordo com a Ética, exigindo dele uma conduta coerente e autêntica para que ele possa despertar no educando possibilidades de internalização dos princípios morais.

Do ponto de vista ético, a convivência na escola pode ser pensada e organizada dentro de princípios democráticos, onde todos possam ter a oportunidade de participar efetivamente das decisões, e da elaboração de normas e sanções, a fim de que a escola viva um espírito de cidadania, onde todos tenham direitos e deveres e promovam o bem coletivo.

Dessa forma, a Ética também se transforma num tema transversal, já que ela trabalha educação em valores humanos e, estes, por sua vez permeiam todos os conteúdos curriculares. Tanto as ciências humanas, como as ciências exatas, como as ciências biológicas, como as artes, todas, quando exploram seus conteúdos, trabalham com valores. “O trabalho com a Ética tem como objetivo o reconhecimento de que as atitudes das pessoas precisam ser pautadas por princípios de respeito, justiça, solidariedade e diálogo, que devem estar expressos na ação cotidiana da escola”. (PCN, 1998, p. 87).

A Ética tem como objetivo o desenvolvimento da autonomia moral pelos adolescentes, para que atuem de maneira crítica nos meios onde convivem e conviverem, inclusive na escola, conhecendo os princípios morais, contribuindo para a realização do bem comum, utilizando os conhecimentos para a construção de uma sociedade justa, respeitando-se e respeitando os outros, desenvolvendo ações solidárias, condenando as injustiças e preconceitos e valorizando o diálogo nas relações com os outros e nas decisões coletivas.

Existem quatro princípios propostos pelos PCNs, que podem dar uma imensa contribuição à organização de uma sociedade justa, democrática e solidária.

O primeiro deles é o respeito mútuo que se concretiza na valorização da singularidade/individualidade de cada um. O respeito a si mesmo revela a presença do outro, como consciência da existência social. Existe nesse momento, a possibilidade de se colocar no lugar do outro e construir o bem comum.

O princípio de que todas as pessoas merecem respeito, independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião, assim como as manifestações socioculturais dos diferentes grupos sociais que constituem a sociedade, fundamenta a afirmação do respeito mútuo. Essa idéia se desdobra em tópicos que indicam o que é necessário que os alunos aprendam com relação a respeitar e ser respeitado. (PCN, 1998, p. 97)

O segundo tema proposto é o da justiça, não a justiça do ponto de vista formal/legal, mas na perspectiva da Ética, ou seja, da igualdade, da equidade. Neste sentido, a justiça prevê a igualdade de direitos e oportunidades, condenando todo tipo de injustiça cometida contra qualquer ser humano.

Outro princípio importante no conteúdo de Ética é o da solidariedade que, neste contexto, significa partilhar de um sentimento de interdependência e ter atitudes desinteressadas. A escola pode desenvolver este valor, na medida em que ela organiza atividades que supõe o bem-estar de todos. É importante que os alunos vivenciem e reflitam situações de solidariedade para que possam estar gradativamente assimilando e construindo uma conduta solidária.

Por fim, vem o diálogo como expressão fundamental da relação entre as pessoas. Ser humano é estar com os outros, é se relacionar com os outros, é ser com os outros, é poder compartilhar da companhia dos outros, é provocar o encontro com os outros.

A escola é um lugar importante para que se desenvolva o diálogo, ele pode ser usado como uma prática constante na sala de aula, levando em consideração as experiências dos alunos e educadores, relacionando com o conteúdo e produzindo uma aprendizagem significativa para todos.

Portanto, percebe-se que a escola, apesar das suas limitações, de conviver com uma adversidade e uma pluralidade muito grande, tem possibilidades de desenvolver um trabalho democrático e ético com e entre todos que participam do processo de produção de conhecimento, a fim de colaborar com a construção de relações humanas que busquem a justiça e o bem comum.

É importante que a escola, enquanto formadora de cidadãos, tenha presente que os adolescentes e jovens vivem num mundo cheio de contradições. O caminho da construção tanto da personalidade individual quanto da identidade social está ladeado de convites e seduições. Se, por um lado, ao sistema capitalista interessa um indivíduo com habilidades e competências ao lidar com conhecimentos e técnicas e adaptável aos interesses do capital, por outra parte, a cidadania quer um ser crítico, independente, autônomo, capaz de escolher os seus próprios destinos e colaborar de forma ativa e responsável com o projeto social. Enquanto o mundo econômico exige dele busca de vantagens e competitividade, a cidadania requer respeito às diferenças, participação na construção do bem-estar social e solidariedade.

É nesse cenário de conflitos e contradições que a escola tem o desafio de formar indivíduos no campo ético. A humanidade do ser humano não surge tão somente pelo fato dele nascer filho de humanos, mas na construção de sua identidade.

Segundo Kant (1996, p. 15): “O homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz.”

Kant, com isso, responsabilizou também o sujeito pela sua educação, ou seja, falou de uma educação que vem de dentro. Para ele o homem precisava servir-se de sua capacidade

racional para encontrar o caminho e realizar sua potência de ser perfectível. Para ele se o homem soubesse fazer isso, asseguraria uma vida melhor e uma sociedade mais justa.

A história mostrou, no entanto, que depositar confiança que a razão seja capaz de encontrar regras a todo custo, especialmente quando ela é celebrada como ciência e tecnologia, é um instrumento tão útil quanto perigoso. Temos exemplos das bombas atômicas, da destruição do meio ambiente, das guerras convencionais.

A história nos mostra também que a idéia de felicidade e do repouso absoluto chegou ao seu fim. O contexto atual é de mudanças, de um emaranhado de apelos e contradições, o que nos deixa inseguros. O homem e a sociedade são imperfeitos, com muitas contradições e ambigüidades. Não existe uma moral tão racional a ponto das ações humanas tornarem-se previsíveis. O indivíduo, em última instância, é quem decide, em circunstâncias concretas, segundo sua consciência.

Diante de um contexto com tantas mudanças e inseguranças, a questão que se coloca é como construir uma identidade pessoal com valores e princípios que sirvam de base para decisões éticas isentas das vantagens circunstanciais e de conveniências do momento.

Quando nascemos já encontramos um mundo pronto, um mundo com seu ethos. Segundo Aristóteles, é somente na comunidade que o homem pode atingir a verdadeira felicidade.

Para Goergen (2005, p.71) então:

Desde o início de nossas vidas, portanto, respiramos alteridade. É com base no outro que nos tornamos, no início e ao longo de toda a nossa vida, aquilo que somos. Sem alter jamais existiria ego. Podemos, então, dizer que antiético é tudo o que prejudica este sentido essencial de nossa vida de tornarmos-nos o que somos, isto é, seres humanos sociais. Não é possível que isso ocorra sem a inclusão do outro. Negar o outro ou destruí-lo é o mesmo que negar a si mesmo, enquanto ser humano. Há um condicionamento mútuo entre ego e alter. Sem o outro não se constitui a identidade do eu, e sem essa identidade o eu não pode abrir-se para o outro. O homem que não for único em sua identidade não pode pluralizar-se, não pode aliar-se aos outros, tornar-se um ser verdadeiramente humano. O homem só pode caminhar em direção ao outro a partir de si mesmo, a partir de sua própria identidade, mas a constituição dessa identidade só se dá a partir da inclusão do outro. Ser humano, portanto, implica, por definição, a imbricação originária entre a socialidade e a individualidade.

Como o homem é um ser cultural, tornar-se ético é um processo necessariamente individual e social.

O fortalecimento do individualismo ocorre quando a consciência do eu substitui a consciência de classe, a consciência subjetiva substitui a consciência política.

A Ética hedonista substitui a disciplina, a austeridade, o esforço, pelo imediato, pelo prazer. Esse processo, ao mesmo tempo em que torna os jovens materialistas e utilitaristas, contribui para torná-los indiferentes à política, aos valores públicos, ao bem-estar social. As aspirações são focadas no individual, no prazer, no material, afirmando, portanto, o modelo do capitalismo com as características de globalização como um sistema irreversível e necessário.

Para este homem moderno, tudo que herdamos do passado, os valores, as normas, os ideais, os princípios e os costumes, são considerados ultrapassados. Reforça, com isso, o relativismo ético, todos os comportamentos são considerados válidos. O indivíduo é seduzido pelo prazer, pelo consumo, pela futilidade, que destrói sutilmente o social, o coletivo. Cada um tem sua verdade, sua ética, fragmentando o cultural, o social, o ético propriamente. Segundo Goergen (2005, p. 78):

A sedução é o novo, mais suave e eficiente mecanismo de integração do indivíduo. É a expressão ideológica por excelência do neoliberalismo. O sistema fortalece ao máximo o indivíduo, insuflando-lhe autoconfiança e ilusão de autonomia para que ele não se aperceba da fraqueza que o assalta quando se separa da coletividade... Do ponto de vista do simulacro ético neoliberal, a mera possibilidade de uma sociedade verdadeiramente democrática e igualitária justifica a moral do lucro e da exploração.

O hedonismo e o consumo caracterizam bem o indivíduo e a sociedade contemporânea, enfraquecendo a sociedade da comunhão, do bem comum.

Até mesmo a educação, seguindo a linha tecnicista, torna-se um instrumento de competição dentro do sistema. Desde a fala do professor e dos gestores, até o currículo incorrem no fortalecimento do indivíduo, de seus ganhos futuros, de suas necessidades profissionais, neutralizando a luta de classes e a discussão sobre as grandes questões sociais e políticas.

Entretanto, apesar de enfrentar as adversidades e contradições do sistema, a educação escolar pode colaborar com o surgimento de uma nova consciência cósmica, a fim e tornar o mundo equilibrado e justo, onde todos possam viver em paz.

Apesar de verificarmos a dominação do mercado, da tecnociência, do capital, do individualismo, é importante não perder de vista que a história é dialética e contraditória e observar que os valores, o social, os sentidos começam a reocupar, embora sob novas formas, dinâmicas e fundamentos os seus devidos lugares. Nesse novo cenário, é importante que a educação desenvolva a reflexão dialética, construindo uma mentalidade de resistência a tudo que destrói o ser humano e o meio ambiente, incluindo aí o consumismo, o hedonismo irresponsável, a banalização da vida, a violência e o relativismo ético.

Parece estar surgindo uma nova consciência e novos caminhos que possam apontar novas possibilidades de conquista da felicidade.

Nesta linha Goergen (2005, p.85) aponta.:

Talvez, essa nova consciência devolva ao ser humano a dimensão perdida do social e do político, ingrediente essencial à condição humana. Parece que todos os movimentos em defesa da paz, da proteção ao meio ambiente, das minorias desamparadas, dos direitos à educação e iniciativas que hoje buscam alternativas ao imediatismo consumista valorizam precisamente essa dimensão social.

Já são mais evidentes as preocupações com o futuro do planeta e da própria humanidade. Começa a surgir a consciência de que para evitar os riscos é importante a construção da consciência social e democrática. As ameaças já são eminentes. Diante disso e, paralelo aos movimentos sociais que lutam pelos direitos das minorias e da preservação do meio ambiente, espera-se que a educação ético-moral possa contribuir para a formação da consciência crítica e reflexiva dos indivíduos, a fim de que se possa promover a transformação social, buscando o bem-estar de todos.

A escola de hoje não tem o papel de impor valores, mas de instigar os educandos por meio de argumentos racionais e competentes da importância de determinados princípios orientadores da vida do homem em sociedade.

Torna-se urgente a contribuição da escola no sentido de ser crítica ao predomínio da racionalidade instrumental e, desenvolver a idéia de uma formação integral e de caráter solidário, da Paidéia grega, recuperando a dimensão humanista da educação, de acordo com as necessidades atuais.

O educador além do saber teórico, da sensibilidade ao caráter político das relações sociais e da habilidade técnica, consolida seu compromisso ético com a educação na medida em que aplica seu conhecimento na construção da cidadania.

3. 2 A questão ética vista pelos profissionais e estudantes da escola Maria Amália Volpon de Figueiredo.

3. 2. 1 Histórico da Escola Maria Amália Volpon de Figueiredo

Fundada em 1.975 pelo então prefeito Air Rodrigues de Castro, pela necessidade de atender aos alunos que concluíam a 4ª série ginásial e precisavam viajar para as cidades

vizinhas dando prosseguimento aos estudos de segundo grau, na época curso científico, normal ou até mesmo técnico em contabilidade.

A grande maioria dos alunos carente desistia de prosseguir os estudos pela necessidade de trabalhar.

Em meados de 1.970, alguns estudantes, entre eles Manoel Martins Prado, Air Rodrigues de Castro, José Pedro Messias, Arnaldo Leôncio, José Alves Ribeiro, Antonio Carlos Zilli, nesta época, alunos da Escola de Comércio em Orlândia, se empenharam em trazer para Morro Agudo uma Escola profissionalizante, a fim de suprir as necessidades dos alunos carentes que estavam impedidos de viajar.

Air Rodrigues de Castro, eleito prefeito em 1.972, apoiado por vários professores da cidade, através de solicitação junto à Secretaria da Educação, conseguiu a autorização para o funcionamento dos Cursos de Técnico em Contabilidade e Colegial, esse último logo depois passando para a escola Manoel Martins.

A Escola recebeu o nome de Profª Maria Amália Volpon de Figueiredo que, sugerido pelo vereador da época Sr. Wilson Antônio, perpetuando assim o nome da educadora falecida.

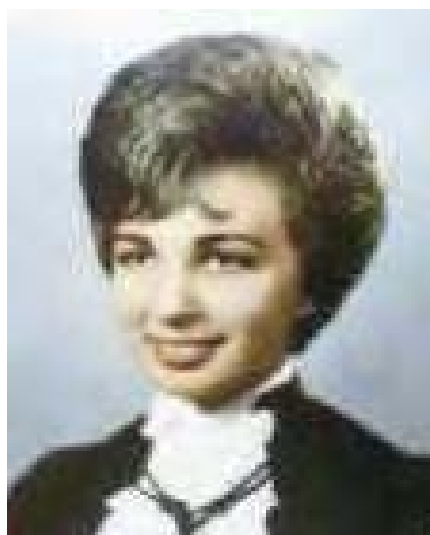


FOTO 1 - Maria Amália Volpn de Figueiredo

Fonte: Disponível em: <http://www.ecmorroagudo.com.br/maria.htm>.
Acesso em 26 de nov. de 2007

Após a implantação do Curso de Contabilidade, a vida dos estudantes da época ficou mais fácil, possibilitando o acesso de todos ao segundo grau.

Em 1.995 o prefeito Paulo Roberto Fiatikoski conseguiu junto à Secretaria da Educação a implantação do Curso de Processamento de Dados, cuja aula inaugural foi realizada em 09/02/96.

Atualmente a Escola conta com os seguintes cursos: Ensino Médio, Técnico Informática, Técnico em Administração de Empresas, Técnico em Marketing e Vendas e Auxiliar de Escritório.

A Escola é mantida pela Prefeitura Municipal de Morro Agudo e vem se destacando pelo excelente nível educacional, sendo considerada uma das melhores escolas técnicas profissionalizantes da região.

A Escola Municipal Professora Maria Amália Volpon de Figueiredo, situada à Rua Barão do Rio Branco, nº 722 em Morro Agudo, área jurisdicionada à Delegacia de Ensino de São Joaquim da Barra, ministra ensino médio e profissionalizante. A escola foi autorizada pela Portaria CET de 19/11/74 e reconhecida Pelo Parecer CEE nº 1564/80 de 14/10/80.

3. 2. 2 Análise do projeto pedagógico

A Direção da referida Escola e o corpo docente tomaram como base para elaboração da Proposta Político-Pedagógica, o Artigo 205 da Constituição Federal:

A educação é um direito de todos os cidadãos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, o seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (MORRO AGUDO, 2006, p. 01)

Alem de citar especificamente o Artigo 205 da Constituição Federal, a Escola faz referência, no seu Projeto Pedagógico, à lei de Diretrizes e Base da Educação, ao Estatuto da Criança e do Adolescente e aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Entretanto, não explicita quais pontos desses documentos foram usados para a elaboração da Proposta Político-Pedagógica.

Constatamos que a primeira preocupação da escola, segundo sua Proposta Político-Pedagógica, é com relação às mudanças rápidas e constantes apresentadas pelo século XXI, provocando mudanças de paradigmas provocadas pela Globalização e outros fatores de ordem político-social-econômica, o que faz surgir novas exigências do mundo do trabalho.

Conforme a Proposta, em função do novo modelo de sociedade as habilidades e competências para se viver de forma saudável e produtiva também mudaram, exigindo outras aptidões para que o aluno seja capaz de ser um cidadão dos novos tempos, plenamente integrado em seu ambiente. Assim, alguns princípios são importantes para a prática educativa da escola como: “formar a pessoa integral, capaz de tornar-se o agente de sua própria história e participante ativo da sociedade em que vive”. (MORRO AGUDO, 2006, 01)

Gostaríamos de salientar que se por um lado o Projeto Pedagógico se preocupa com a cidadania, que é uma das categorias de nossa pesquisa, por outro, ele não esclarece como a Escola vai operacionalizar esse princípio, ou seja, com quais critérios, qual método e quais recursos pretende atingi-lo.

Outro princípio contemplado pelo Projeto Pedagógico: “dar condições de responder aos desafios de nosso tempo, formando cidadãos capazes de transformar a sociedade de modo a torná-la justa”. (MORRO AGUDO, 2006, p..01)

Este é mais um princípio de grandeza pedagógica, que extrapola a dimensão técnica da Escola e invade a sua dimensão política, tornando-a mais um meio de construção de uma sociedade justa. Este princípio vai de encontro a mais uma de nossas preocupações que é a justiça, pois entendemos educação como todo ato humano que provoca justiça nas relações entre as pessoas.

Considerando que vivemos atualmente numa sociedade bastante plural, com interesses muito diferentes, com prevalência do capital sobre o humano propriamente e lembrando ainda que a Escola concorre com fortes ideologias que incentivam muito mais ao consumo a aparência, ao ter e ao relativismo axiológico do que ao respeito integral à pessoa humana, a questão central é como colocar em prática esse honroso princípio.

O Projeto Pedagógico ainda propõe como meta maior para a Escola: “a formação de pessoas equilibradas, cidadãos de alto nível moral, capazes de interferir nos processos sociais, superando dificuldades, vencendo barreiras sempre dando total atenção à dignidade humana” (MORRO AGUDO, 2006, p. 01).

São metas, além de ousadas, profundamente conscientes e humanistas, já que em seu bojo, trazem a reta intenção de formação integral do ser humano, não só preparado para o mercado de trabalho como também íntegro na convivência social.

Como ficam esses princípios, ou metas, propostas pelo Projeto Pedagógico da referida Escola diante da afirmação de Gadotti (2003, p. 148): “[...] a educação numa sociedade de classes transmite os modelos sociais da classe dominante, forma os cidadão para reproduzirem essa sociedade, difunde as idéias políticas dessa classe e reproduz, por isso tudo, a dominação de classe”.

A Escola precisa desenvolver de maneira consciente o seu papel. Ter clareza sobre suas possibilidades e limites, seus profissionais precisam estar conscientes da necessidade da construção dialética do conhecimento, não apenas técnico, mas, sobretudo humano. Ainda segundo Gadotti (2003, p. 150): “O profissional do ensino não é um técnico, um especialista, é antes de mais nada um profissional do humano, do social, do político”.

Entre a Proposta do Projeto Pedagógico da Escola Maria Amália Volpon de Figueiredo e a realidade do mundo atual existe um paradoxo; enquanto o Projeto Pedagógico propõe criar um ambiente educacional que enfatize o desenvolvimento da pessoa humana como um todo, levando em consideração valores como a dignidade e o respeito próprio, respeito às diferenças e a todos, respeito pela vida em todas as suas formas, respeito ao meio ambiente, acreditar que o ser é mais importante que o ter, formar um indivíduo solidário e equilibrado que saiba conviver em harmonia, o mundo atual, impulsionado pela lógica do capital, incentiva o materialismo, o consumismo, o relativismo ético-moral, a aparência, o prazer, o individualismo.

Ter consciência desse paradoxo é o primeiro passo para o enfrentamento dessa realidade, buscando alternativas político-pedagógicas para a superação do mesmo. Para tanto, é importante que a equipe escolar tenha conhecimento e clareza de qual é o seu papel no processo de transformação da realidade. Esse processo além de conhecimento, exige coragem, criatividade, motivação e, acima de tudo, acreditar na libertação do homem, no sentido de torná-lo autêntico, solidário e justo.

Pela análise do Projeto verificamos que a Proposta Pedagógica da Escola tem como objetivo: a autonomia intelectual do aluno e a valorização da prática interdisciplinar, possibilitando uma visão de conjunto, o desenvolvimento de competências para a laboralidade e a busca constante de novos processos de ensino-aprendizagem e novas concepções pedagógicas.

Esses pontos do Projeto Pedagógico nos reportam ao livro do Pedro Demo Saber Pensar, quando o autor afirma:

Fala-nos de autonomia, de cidadania, de lógica, de jeito, de aprender, de saber cuidar, inovar e acreditar, mostrando-nos como temos descuidado da construção dessa autonomia, dessa cidadania e como não temos sabido cuidar dos nossos alunos. “...o problema do saber, do pensar, do saber pensar necessário às pessoas, aos professores-pesquisadores-professores e ao desenvolvimento humano no próximo milênio”. (2005, p.13)

Alem de não termos sabido cuidar dos alunos como diz Pedro Demo, será que os professores, os educadores têm sabido cuidar bem deles próprios? Será que temos sabido cuidar do meio ambiente?

Saber cuidar implica a ampliação do conhecimento, não o conhecimento colonizador, depredador da natureza, apenas técnico, capaz de interferir na realidade tão somente para tirar proveito dela, mas o conhecimento suficientemente maduro, responsável de modo que possa contribuir com a construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

Vivemos hoje na “sociedade do conhecimento”, porém um conhecimento que tem como principal motor o mercado liberal onde ciência e tecnologia são sua dinâmica central. Está em jogo um sistema que tem como objetivo primeiro o lucro e não o ser humano ou a natureza como tal. Sobre os riscos desse conhecimento Pedro Demo alerta: “Quando o conhecimento dorme na mesma cama do Capitalismo, o adultério é flagrante”. (2005, p. 59).

Chega de “qualidade total” para o mercado, de produtividade, precisamos de qualidade total para o ser humano. Precisamos entender que o conhecimento que nasce do ser humano não pode se voltar contra ele, há que se usar o conhecimento para libertá-lo e não para oprimi-lo, para explorá-lo, para excluí-lo.

Portanto, a proposta do Projeto Pedagógico da Escola Maria Amália Volpon de Figueiredo, de possibilitar ao aluno o acesso ao conhecimento, não só para que ele possa compreender a realidade, mas intervir nela promovendo sua transformação, contempla as necessidades dos tempos atuais.

Sem dúvida que é papel da Escola formar tecnicamente o aluno, para que ele possa prosseguir seus estudos ou ter acesso ao mundo do trabalho, mas como lembra o Projeto Pedagógico da Escola em questão, outro grande objetivo é formar o educando com consciência crítica e capacidade para agir com responsabilidade, flexibilidade e Ética diante da sociedade.

O presente Projeto Pedagógico em linhas gerais traz propostas e idéias avançadas e coerentes com as necessidades dos tempos atuais, embora salientando mais uma vez, não deixa claro como operacionaliza essas propostas. Destacamos a importância da Escola ter planejamento, objetivos claros, ter metas e critérios para poder atingi-los. Entretanto, gostaríamos de lembrar que em educação tudo é um processo e que, educação se faz educando-se. Nesse sentido, como ele mesmo propõe, esse Projeto possibilita educar para a cidadania solidária.

3.2.3 Análise dos planos de ensino de ética e cidadania dos anos de 2005 - 2007.

Analisando os Planos de Ensino e ao mesmo tempo fazendo um estudo comparativo, percebemos que os Planos dos anos de 2005 e 2006 estão exatamente iguais, ambos têm os mesmos objetivos gerais, os mesmos objetivos específicos, a mesma justificativa, as mesmas estratégias, a mesma avaliação e o mesmo conteúdo. Já o Plano de 2007 traz algumas modificações especialmente com relação aos conteúdos. Inclusive para 2007 foram elaborados dois Planos, um para o Ensino Médio e outro para os cursos técnicos em Informática e Administração, enquanto para os anos de 2005 e 2006 havia um plano só para todos os cursos.

Os objetivos gerais dos Planos de Ensino, embora estejam iguais em todos os anos pesquisados, contemplam os conteúdos a serem desenvolvidos. Neles estão presentes a necessidade de estudar a Ética a partir dos pensadores clássicos e modernos, de analisar a cidadania dentro de um contexto sócio-cultural, buscando a igualdade de direitos e deveres e, finalmente, o aprofundamento dos estudos de Ética na sociedade atual para que se possa resgatar a responsabilidade e a dignidade do ser humano.

Observamos que ao elaborar os objetivos gerais, os professores se preocuparam com os conteúdos e, inclusive, com alguns princípios do Projeto Pedagógico que enfocam a questão da igualdade de direitos e a dignidade da pessoa humana. Isso demonstra, além da visão humanista dos professores, a seriedade da Escola no processo de formação integral do ser humano.

A justificativa dos Planos destaca a necessidade de entender as mudanças sócio-políticas dos últimos tempos e, sobretudo, a mudança de valores, contribuindo para que os homens se tornassem mais consumistas, materialistas e individualistas, daí a necessidade dos estudos de Ética e Cidadania como uma possibilidade de retomar os valores, como a solidariedade, a justiça, a compaixão, a fim de tornar as relações harmônicas e solidárias.

Embora exista apenas uma aula por semana nas segundas e terceiras séries do Ensino Médio e duas por semana durante um semestre, nos cursos técnicos, ou seja, muito pouco tempo destinado a essa disciplina, os Planos de Ensino estão abrangentes, explorando conteúdos que vão desde a Grécia Antiga até os dias atuais.

Percebemos que o objetivo implícito no Plano é de que a Escola, através dos estudos de Ética, possa contribuir com a formação da consciência crítica e solidária, para que cada educando e cada profissional possa colaborar com a construção de uma sociedade justa.

Ao analisar os Planos de Ensino do componente curricular Ética e cidadania, da Escola Maria Amália Volpon de Figueiredo nos preocupamos especialmente com o conteúdo estipulado para ser estudado durante todo o período que determinamos para a nossa pesquisa. Surpreendeu-nos muito o fato de, apesar de conter um vasto conteúdo, em função do pouco tempo que se tem para desenvolvê-lo, em nenhum momento está contemplado o conteúdo de ética proposto pelos PCNs : temas transversais.

Consideramos o conteúdo de Ética e de Ética e Cidadania proposto pelos PCNs: temas transversais abrangentes e atuais ao mesmo tempo, por isso, muito importante para ser desenvolvido nas escolas hoje, inclusive, não só pelos professores de Ética ou de Ética e Cidadania como por todos os professores de todas as áreas, uma vez que os PCNs mesmo o sugerem como Tema Transversal. Estudar este conteúdo nos parece no mínimo mais uma oportunidade que educadores e educandos têm de aprofundar os conhecimentos sobre Ética e Cidadania e de reflexão crítica sobre vivência da Ética tanto no processo ensino e aprendizagem como nas relações entre as pessoas.

3.2.4 Análise das entrevistas

Os dados da pesquisa foram coletados durante o ano de 2007 nos meses de maio a outubro. Foram entrevistados 6 (seis) sujeitos de nossa pesquisa envolvidos nos vários segmentos da escola, sendo 1 (um) da direção; 2 (dois) coordenadores; 2 (dois) professores e 2 (dois) alunos. Usamos na coleta de dados, como instrumental a entrevista semi-estruturada, e a técnica de registro em gravador, com base nos temas centrais que configuram a dimensão educativa aqui estudada. Foram realizados os termos de consentimento resguardando a identidade dos nossos entrevistados, por isso, usaremos nomes fictícios, uma vez que a reflexão ética atual recomenda não só ser preservada a identidade dos sujeitos da pesquisa, como também não tratá-los como números, símbolos, códigos ou algo semelhante.

Segundo a fala de nossos colaboradores há uma grande credibilidade tanto na Ética quanto na Educação, como meio de formação e transformação do ser humano.

O respeito foi considerado como fator preponderante no comportamento ético.

...acho que Ética está ligado a respeito, respeito em primeiro lugar, que a pessoa tem por ela mesma, e o respeito que ela tem pelo outro, a palavra chave aí é respeito. (Gabriela)

Para ela o relacionamento humano deve se pautar pelo respeito que todos devem ter para com todos. Inclusive mencionou a influência do cristianismo na formação do pensamento ocidental, lembrando a máxima de Jesus Cristo:

não faça aos outros aquilo que não quer que faça a si mesmo.
(Gabriela)

Daí a necessidade de se estudar Ética para que se promova uma mudança na maneira de pensar, de agir, de reagir da sociedade.

Segundo Gabriela não é fácil viver em sociedade, em função do fato de que não se pode invadir o espaço do outro, assim a Ética existe:

para reger a vida da pessoa na sociedade para que todos tenham iguais condições, a Ética possa colaborar para que as pessoas tenham um comportamento que seja aceitável para a vida dos demais.
(Gabriela)

Percebemos que João Pedro tem uma visão bastante prática sobre Ética. Para ele:

Ética é você fazer para o outro aquilo que você faz para você.
(João Pedro)

Segundo ele a sociedade sofreu uma grande mudança de valores nos últimos tempos, como na família, na religião, na Escola, contudo, ele considera importante estudar Ética hoje, sobretudo na Escola, com o:

objetivo de humanizar as pessoas, de fazer com que as pessoas sejam menos materialistas, sejam menos pensantes em si próprios e sim que pense no outro, então eu acredito que estudar ética hoje é uma necessidade diante do mundo em que vivemos, um mundo totalmente capitalista, onde as pessoas pensam em ter e não em ser.
(João Pedro)

Para outra entrevistada a Ética contribui para que as pessoas pensem antes de agir, analisando se vão causar prejuízos a alguém ou não. Assim ela afirma:

Ética para mim é a consciência tranqüila sobre os meus atos e eu devo estudá-la para ter uma educação social comprometida. (Daiana)

Segundo a entrevistada Gabriela é importante que a família seja à base da educação ética no início da vida das pessoas. Afirmou ainda que quando os indivíduos convivem, no início da vida, com pais e familiares que não são éticos, fica mais difícil educar eticamente. Lembrou também que a mídia veicula informações sobre políticos que não são éticos e que isso também contribui para dificultar a formação ética. Embora considere que a realidade brasileira seja contraditória em relação à Ética, afirma que é possível promover a transformação no comportamento:

O primeiro momento é o berço, é a família, porque como eu vou desenvolver um comportamento ético numa pessoa que o pai, a mãe e os familiares não são éticos, isso é muito trabalhoso... Ele vive toda hora bombardeado pela mídia e uma situação não ética desses políticos, desses governantes, muitos deles são ruins, você entendeu? Ma pra mim, em geral eu acredito que é possível sim ter uma transformação sempre pelo exemplo, pelas palavras, discussão se faz sim, mas é necessário que haja sempre um exemplo e esse exemplo tem que vir de toda a sociedade. A Ética familiar na casa é extremamente importante. (Gabriela)

Para o colaborador Salomão a Ética, muito mais do que uma teoria é uma atitude.

Geralmente coisas que não são boas para mim eu procuro não fazer para o meu próximo, eu vejo Ética assim: não faça com os outros o que você não quer que faça com você. (Salomão)

Sócrates também acredita na Ética como um meio para construir um comportamento correto:

Eu vejo Ética como uma conduta... essa é a base do comportamento que vai estabelecer relações melhores, nos fazer seres humanos melhores e uma sociedade mais unida. (Sócrates)

Notamos uma grande credibilidade na Ética enquanto uma possibilidade de colaborar para um ser humano melhor e uma sociedade melhor também. Segundo Ágata:

Ética é a capacidade de você conseguir se colocar no lugar do outro, de você olhar uma situação e diante daquela situação você não se preocupar com você mesmo, mas você olhar e conseguir aprofundar sua análise, seu entendimento nas consequências que isso traz para as outras pessoas também. (Ágata)

Em relação à necessidade de estudar Ética hoje e a importância da Ética na vida das pessoas, nossos colaboradores foram bastante unânimes ao dizerem que o mundo está totalmente capitalista, que as pessoas pensam mais no ter do que no ser, se preocupam muito com status social e dinheiro e esquecem-se de ser solidários com os outros, além da falta de caráter, e os estudos de Ética, segundo eles, podem colaborar para melhorar as relações humanas, para torná-las mais justas e equilibradas.

Para João Pedro:

Estudar ética hoje é uma necessidade diante do mundo em que vivemos um mundo totalmente capitalista, onde as pessoas pensam em ter e não ser. Acredito que a Ética vai servir para pautar a vida das pessoas, a todo o momento você vai estar se questionando se você realmente está sendo coerente, se você eticamente correto.
(João Pedro)

Daiana considera importante estudar Ética hoje:

Para termos uma educação social comprometida. Pode ajudar as pessoas a serem mais críticas e reflexivas, a serem transformadoras da sociedade em que vivem. (Daiana)

Salomão mais uma vez se ateve a importância de não apenas estudá-la, mas também praticá-la:

O fato de estudar ela é muito importante porque numa sociedade a gente tem que estudar Ética no sentido de ser solidário, de ajudar o próximo. Às vezes você tem uma atitude e não pensa no que pode provocar, então é muito importante a gente estudar, ter um conceito e praticar Ética. (Salomão)

Para Sócrates a importância de estudar Ética hoje está na formação de caráter das crianças e adolescentes.

Eu acho que a Ética tem que ser estudada porque as escolas municipais, estaduais têm a maioria de crianças e adolescentes e estão num período de formação pessoal, formação de caráter, formação dos seres humanos que vão construir uma conduta que vai interferir nas relações sociais daqui a alguns anos. (Sócrates)

Enquanto para Ágata estudar Ética é importante para se valorizar mais o ser humano que, segundo ela, está sendo deixado de lado.

O ser humano tem sido deixado de lado, então é importante estudar Ética para que as pessoas possam entender que mais importante que o dinheiro, que status social, é o ser humano, é a pessoa, a vida da pessoa em si. (Ágata)

Sobre a possibilidade de promover a educação ética nos seres humanos, os entrevistados disseram que sim, mas que para isso, além de estudos, eles precisam de exemplos.

Segundo Gabriela:

Não é tão difícil porque eu acredito que a gente possa promover uma educação onde possa levar o indivíduo a ter um comportamento ético... Eu acredito que é possível sim, mas principalmente pelo exemplo porque você apenas falar e não dar como base para esse cidadão a prática disso, a maneira prática de vivenciar isso, não adianta, é necessário que haja sempre um exemplo e esse exemplo tem que vir de toda a sociedade. (Gabriela)

Para João Pedro, embora o coração do homem esteja muito endurecido, é possível sim.

...eu penso que o ser humano está com o coração muito endurecido, mas mesmo assim se nós acreditamos na vida, se nós acreditamos no ser, é possível sim, quem acredita no homem, acredita que é possível uma mudança e essa mudança pode ocorrer através da Ética, ela é um divisor de águas levando-se em consideração as outras disciplinas dentro da escola, então eu acredito sim. A educação ética pode ocorrer e ela vai nortear a vida do ser humano, com certeza.
(João Pedro)

Daiana também acredita.

Eu acredito sim, acredito muito nas pessoas, na escola, que pode levar as pessoas a serem mais críticas na comunidade em que vivem.
(Daiana)

Salomão acredita, porém, mais uma vez, fala da importância do exemplo.

Eu acredito, embora seja difícil pela forma que as pessoas estão... então eu penso que a melhor maneira de desenvolver a Ética na educação ainda é através do exemplo e mostrar que a Ética é uma coisa boa, a Ética nos ajuda a viver de forma mais digna, mais humana, mais feliz no geral. (Salomão)

Sócrates afirma que essa formação é mais importante na infância e na adolescência.

Eu acredito que pode promover a educação ética nos seres humanos porque nunca é tarde para mudar os conceitos. Só que eu acho que a melhor forma de estudar isso é nas escolas, naqueles seres que não estão totalmente formados, porque depois que eles saírem dessa faixa etária, que é a infância e a adolescência, se ele tiver estudado isso, essa construção vai acontecer bem melhor, vai ser bem proveitosa. (Sócrates)

Também Ágata insiste na importância do exemplo para promover a educação ética.

Eu acho que sim, quando uma pessoa tiver a noção e exemplos, quando a gente vai falar de ética, a gente tem que viver, é através das experiências que elas aprendem a fazer as coisas certas, isso que tem que ser passado para elas consciência de saber discernir entre o certo e o errado e escolher o certo, é através dessa consciência que se aprende como ser ético. (Ágata)

Em relação aos estudos de Ética na escola Maria Amália Volpon de Figueiredo, ao que precisa ser mudado e se eles são importantes para a comunidade, nossos colaboradores responderam de maneira bem diversificada.

Gabriela, por exemplo, afirma que:

É um privilégio da nossa escola trabalhar essa matéria de maneira bem formal, além disso, faz parte do nosso Projeto Pedagógico trabalhar a formação ética do cidadão. Tem que melhorar? É lógico que tem. A gente vive em sociedade e a sociedade muda todo dia e a gente tem que acompanhar. Eu penso que o estudo de Ética na escola tem influência no dia a dia desses alunos lá fora, tem sim. Enquanto aluno, se nós conseguirmos plantar uma sementinha no coração de cada um deles, essa sementinha vai se multiplicar na sociedade. Então, a sociedade, ela precisa dessa luz que entra através da Ética. (Gabriela)

João Pedro afirma que os estudos de Ética na escola Maria Amália Volpon de Figueiredo estão indo bem.

Mudar, mudar nada porque é uma coisa que vem dando certo, o aluno gosta, ele é participativo, então não vejo porque mudar. Eu acredito que o aluno aqui na escola, ele tendo Ética como disciplina ele vai aprender e o que ele aprender aqui, com certeza ele vai levar para fora, ele vai levar para casa, tenho certeza que vai melhorar a vida da comunidade sim, e isso é importante porque nós teremos uma comunidade menos hipócrita, menos injusta, menos preconceituosa, mais valorativa dos bens espirituais, do ser, com certeza a comunidade só estará ganhando no sentido de ter valores que até então ela não conhecia. (João Pedro)

Para Daiana os estudos de Ética são importantes para a comunidade.

Sim, eu considero através dos estudos de ética, a comunidade vai se conscientizando do seu papel na sociedade. (Daiana)

Em relação aos professores, aos funcionários e aos alunos compreenderem a Ética no mundo atual, apesar do consumismo, do materialismo e da Globalização eles responderam.

Segundo Gabriela:

Eu penso que professores e funcionários tem uma visão mais ou menos parecida sobre Ética, eles vêem a Ética até como instrumento para viver em sociedade. O aluno, o aluno já vem de outro berço, de outra formação. A noção de Ética para eles, eu acho que é bastante complicada, eu acho que Ética para eles é apenas uma palavra, uma definição. (Gabriela)

João Pedro conclui assim:

Acredito que nós estamos numa escola diferenciada, então eu acredito que haja uma influência muito grande por ser um pessoal diferenciado e mesmo em relação aos alunos, então eu acredito que eles têm capacidade de entender e compreender a Ética no mundo atual, mesmo com a influência da Globalização, eles sabem discernir o que é certo e o que é errado. (João Pedro)

Daiana considera difícil compreender a Ética no mundo atual.

As coisas mudaram consideravelmente, então também percebo que cada pessoa tem seu ponto de vista, às vezes o que é certo para algumas pessoas não é para outras, a gente tem que estar sempre mudando, buscando, aprendendo, pois não é fácil entender isso daí. (Daiana)

Para Salomão a compreensão da Ética precisa ser melhorada.

Francamente ainda a gente deixa a desejar, a gente poderia trabalhar mais essa questão aqui, procurar junto com a matéria, tentar incorporar essa questão da Ética, no geral acho que estamos em débito, a gente poderia fazer muito mais. (Salomão)

Sócrates considerou essa questão complexa.

Bom, eu acho que acaba sendo tudo relativo, mas a grande maioria acaba colocando em prática, não como a gente esperava que fosse. Tanto o professor quanto os alunos não põem em prática tudo o que a gente deve. Se colocássemos mais em prática isso, a sociedade em que eu vivo hoje já seria diferente. (Sócrates)

Para Ágata:

Grande parte deles sim, grande parte tenta de certa forma viver essa Ética, essa boa conduta de forma a ajudar o próximo. Eu olho e falo que realmente na minha escola tem algo diferente. Os professores são diferentes, os funcionários são diferentes, é como se fosse uma família mesmo, isso é através da Ética, do respeito, do amor, carinho, do desenvolvimento de virtudes. (Ágata)

Interrogamos nossos colaboradores sobre a possibilidade da compreensão da Ética colaborar ou não para a promoção da humanização do mundo atual e as respostas foram todas afirmativas.

Gabriela foi muito direta:

Sem dúvida, eu acho que sem a Ética não dá para você viver de uma forma que você não agrida o outro, agora a humanização passa pela sensibilização, pela sensibilidade do outro. Eu acho que a Ética tem muito a contribuir para a humanização do homem sim, só que esse é um trabalho gigantesco que não envolve apenas a escola, envolve a sociedade como um todo. (Gabriela)

Para João Pedro a compreensão da Ética ajuda sim a humanizar o mundo.

Com certeza, eu acredito que compreender a Ética de forma profunda é o mesmo que compreender que eu só posso fazer para o outro aquilo que eu desejo para mim. (João Pedro)

Segundo Daiana:

Sim, apesar de que às vezes eu sinto um pouco de dificuldade, mas só assim nós seremos mais felizes. (Daiana)

Salomão vai mais além e diz que compreendendo e vivendo a Ética nós vamos construir uma sociedade digna.

Sim, é pra gente promover alguma coisa, a gente precisa compreender a ética e numa sociedade que tenha valores, que tenha esse respeito, a gente consegue construir uma sociedade muito mais digna do que essa que a gente está vivendo, uma sociedade que pensa mais no bem-estar do ser humano, eu acho que com certeza a gente deve compreender e viver a ética de forma mais profunda, pra gente poder trabalhar essa questão no nosso meio. (Salomão)

Sócrates concorda, mas faz um alerta para que não fiquemos apenas na matéria, como uma filosofia.

É, desde que essa atitude profunda, desde que isso não se confunda com a matéria, com filosofia, acaba sim sendo proveitosa, essencial, o que estamos estudando hoje nas aulas de Ética vai ajudar muito na sociedade, torna as pessoas mais humanas. (Sócrates)

Para Ágata, além de humanizar é possível também mudar a sociedade.

Sim, porque a partir do momento que você se coloca no lugar do outro, você não se sente superior nem inferior, você começa a se sentir de igual para igual e se você percebe que tem uma pessoa que está precisando de ajuda você não vai inferiorizá-la, mas você tenta ajudá-la de maneira a fazer que ela se torne uma pessoa melhor. Então, a partir do momento que a gente começa a viver a Ética, a aprender Ética, a gente quer ensinar para as outras pessoas, fazer com que todo mundo entenda e a partir disso as coisas começam a mudar e a sociedade muda, eu acredito realmente nisso. (Ágata)

Na visão da Gabriela os estudos de Ética desenvolvidos na escola Maria Amália Volpon de Figueiredo conseguem promover mudança de comportamento, desde que se trabalhe a teoria e a prática.

Com certeza, não apenas nos estudos, mas no próprio comportamento de certas pessoas que são extremamente éticas, houve mudança assim, gigantesca na maneira como determinados funcionários da escola se comportavam há alguns anos atrás e como se comportam hoje. Eu creio que sim, não apenas a Ética ser estudada e discutida na sala de aula, mas o comportamento de todos os profissionais envolvidos na educação. (Gabriela)

Salomão também concorda que a Ética pode melhorar o comportamento das pessoas.

Acho que em tudo porque uma pessoa que tem uma boa Ética, uma pessoa que procura praticar, levar sua vida com moral, com caráter, com dignidade, acho que você melhora em tudo, de ter respeito ao próximo, eu acho que a Ética vai proporcionar uma qualidade de vida melhor do que estamos vivendo hoje. Então, se você pega um conhecimento de Ética, faz você pensar em suas atitudes, no seu viver, faz mais ser do que ter, acho que o estudo de Ética modera nossa ansiedade de consumir, então acho que é muito importante a gente ter o conhecimento e a prática da Ética em nossa vida, é uma certeza que vai melhorar nossa vida. (Salomão)

Segundo Sócrates, o conhecimento de Ética melhora sim o comportamento das pessoas, afirma inclusive que ele próprio mudou.

Acho que estudar ética amplia esse nosso universo de conhecimento, de vivência, além de ser bom nessa área, acaba sendo proveitosa no nosso dia-a-dia, a gente começa a perceber as diferenças entre o antes e o depois, nossas atitudes começam a mudar, quando você aplica o conhecimento muita coisa pode acontecer em melhoria do ser humano, eu falo isso por experiência própria, eu mudei muito depois que comecei a captar os conhecimentos de ética, mudei a visão do ser humano, daquilo que eu faço para o próximo, daquilo que me afeta e pode afetar alguém. (Sócrates)

Para Ágata o conhecimento de Ética ajuda sim a melhorar o comportamento das pessoas.

Com certeza, quando elas têm alguém para orientá-las é totalmente diferente, o que eu aprendi mudou muito não somente minhas notas,

mas muita coisa como também meu comportamento na sociedade, aprendi muito a me preocupar com as pessoas, e aí eu fui estudar para poder ajudar outras pessoas e foi através da Ética que eu vi isso, então, através do conhecimento as pessoas podem crescer muito espiritualmente, intelectualmente e eticamente. (Ágata)

Em relação a possibilidade de melhorar o comportamento das pessoas, Daiana disse:

Pode ajudar as pessoas a serem mais críticas e reflexivas, a serem transformadoras da sociedade em que vivem. (Daiana)

Perguntamos ainda aos nossos entrevistados se os estudos de Ética colaboram ou não para formar cidadãos críticos e comprometidos com a transformação da sociedade. Veja o que eles responderam.

Para Gabriela esta é uma possibilidade da Ética e da escola, mas considera um trabalho muito difícil porque a sociedade brasileira ainda é muito passiva, porem considera a Ética muito importante para transformar nossa realidade social.

Eu vejo a sociedade brasileira hoje muito passiva, eu não vejo a sociedade brasileira hoje politizada. Eu acho que o estudo de Ética pode ser uma abertura, pode não, com certeza, ele é uma abertura para a discussão com os alunos e tentar no nosso dia a dia, nos nossos comportamentos, nossos exemplos, através da prática pedagógica mostrar que é possível você ter um comportamento ético e através dele você transformar a sociedade pelo que você faz, pelo que você acredita. A gente tem que lembrar que a gente morre de passividade, se a gente não tomar uma posição de mudança de estrutura, através de um engajamento, vai ficar muito difícil esse país continuar como nação nos próximos anos, é isso que falta, essa discussão ética para despertar no aluno essa consciência política, formar um cidadão crítico que possa politizar-se, que possa engajar, é levar o aluno a entender isso, que ele faz parte dessa mudança, ou ele se engaja, ou ele deixa de ser passivo e toma uma posição, uma postura diante da sociedade, ou nós vamos continuar andando na direção que nós estamos indo agora, que não é uma boa direção, veja só, a Ética tem esse papel. (Gabriela)

Segundo João Pedro:

O estudo de Ética eu acredito que colabora, sim, para formar cidadãos críticos. Eu acredito, que já falei, refletindo o conceito de Ética e colocando esse conceito em prática na sua vida diária, se você tem

esse conhecimento, torna mais fácil você refletir no dia a dia suas ações. (João Pedro)

Para Daiana, a Ética tem uma colaboração importante na formação de cidadãos críticos.

Olha, tem uma colaboração muito importante e séria também, a maneira que pode acontecer, eu acho que através dos atos do seu dia-a-dia, na escola, no trabalho, na igreja, onde ele participa, em toda a sociedade que ele convive. (Daiana)

Na visão de Salomão a formação de cidadãos críticos, da cidadania é algo muito profundo, além dos estudos de Ética precisa estar na alma.

É, os estudos éticos, eles colaboram evidentemente para formar cidadãos, o problema é que essa formação tem que estar na alma, não pode ser uma formação simplesmente acadêmica, ela tem que estar na alma porque se não você tem a história dos nossos políticos, eu creio que a maioria deles tem uma história bonita, que eles receberam algum tipo de formação, o problema é que se deixaram levar por falcatuas, corrupção, mas isso é resultado da ética não estar na alma da pessoa e sim apenas no currículo, então eu penso assim, que além de estudar ética tem que ter uma qualidade humana, e como a gente faz isso através de uma vida solidária, do exemplo, através de praticar uma ação solidária, tudo isso faz a gente pensar numa vida melhor, mais digna. (Salomão)

Sócrates já foi bastante enfático e disse:

Sem dúvida nenhuma, colabora muito para a formação de cidadãos críticos, também amplia muito a consciência dos alunos, até para ficar a par de que está acontecendo no mundo. Com relação à construção da cidadania também, quando nós somos cidadãos críticos a gente já exerce a cidadania, cidadãos que tem uma crítica construtiva a respeito da sociedade ou então do meio em que vive a escola, o trabalho e ela é realmente transmitida para o dia a dia, com certeza tem a participação na cidadania. (Sócrates)

Segundo Ágata os estudos de Ética faz a diferença na formação do cidadão crítico e da consciência comprometida com a construção da cidadania.

Os estudos da Ética colaboram sim, para formar cidadãos críticos porque não é uma disciplina que está voltada somente para livros ou acontecimentos passados como português, matemática, quando a gente fala de ética a gente começa a entender e a ver coisas do cotidiano, a gente começa a estudar coisas dos jornais, a gente discute temas atuais como política, religião, tudo isso a gente discute, a gente vê o que pode ser mudado, o que a gente tem que aprender a conviver, tudo isso a gente aprende nas aulas de Ética vendo que a gente tem a capacidade de mudar as coisas através do nosso conhecimento, que quanto mais ignorante uma pessoa é, menos chance de mudar a sociedade e ela mesma ela tem, ela se torna uma pessoa omissa; ela se torna uma pessoa crítica, quando ela começa a assistir, a ver e a ter uma opinião sobre aquilo, ela tem a chance de mudar o mundo através das atitudes dela e a Ética mostra isso e faz as pessoas verem isso, entenderem que elas são capazes, que elas têm condições de ver as coisas de uma forma diferente e de fazer as pessoas ver as coisas de uma forma diferente também.
(Ágata)

Em relação à pergunta se consideram que os estudos de Ética desenvolvidos na Escola Maria Amália Volpon de Figueiredo conseguem promover a cultura da paz, da não-violência e da justiça nossos colaboradores responderam afirmativamente.

João Pedro foi muito direto dizendo que:

Sim, considero que a Ética como disciplina da nossa escola ela consegue promover a cultura da paz, da não-violência e da justiça. Eu acredito que a Ética desenvolvida em nossa escola, ela tem conseguido sim promover essa cultura, a não-violência que existe em nossa escola é reflexo daquilo que é visto em sala de aula. (João Pedro)

Daiana também concorda com a questão.

Sim, eu considero o professor, ele conhecendo a vivência do aluno, fica muito mais fácil ele relacionar os conceitos com a vivência.
(Daiana)

Para Salomão é possível sim desenvolver essa cultura.

Sim, consegue. Sem dúvida ela vai promover mais a paz, a justiça porque os alunos passam a ver mais essa questão do ser humano, a compaixão, a exemplo disso até, pouco tempo atrás os alunos foram ao asilo visitar os idosos e você pode ver pelos depoimentos como eles se sentiram bem melhor, uma vez trabalhada, inserida na sala de aula, com certeza eu estou convicto que vai, sim, desenvolver uma cultura da paz, da compaixão nesses alunos. (Salomão)

Nosso colaborador Sócrates respondeu com convicção afirmando ser possível promover essas questões.

Com certeza, se não consegue 100% de aproveitamento, mas as pessoas vão sair daqui da escola depois que tem esse contato com a Ética, com uma nova visão da cultura da paz, da não-violência e da justiça, a gente tem noção do que é justo e do que é injusto, do que vai promover a paz. Essa coisa da justiça, a gente começa a perceber que é tão grave a gente não devolver um produto da loja mais caro do que você pagou quanto os desvios de verbas, a gente sabe que isso é errado. (Sócrates)

Na visão de nossa entrevistada Ágata é certo que os estudos de Ética promovem a cultura da paz, da não-violência e da justiça.

Sim, porque eu já disse, a partir do momento que os alunos começam a ter essa disciplina incluída no currículo e que eles começam a aprender, a forma de se envolver com as pessoas fica diferente. Consegue ver exemplos nítidos de alunos que aprendem que têm uma mudança radical de comportamento através desses estudos, de alunos que antes eram violentos, eram mal educados, que hoje têm uma atitude diferente diante das coisas, que procuram conversar mais, que procuram entender mais o outro. (Ágata)

Em relação a possibilidade dos estudos de Ética desenvolverem virtudes como a solidariedade, o amor, a compaixão e outras, nossos colaboradores deram as seguintes respostas.

Na opinião de Salomão é possível sim.

Sem dúvida, são, os estudantes de ética, em minha opinião, conseguem, sim, porque acho que uma pessoa ética, que conhece ética e pratica ética, ela reúne todas essas qualidades, entendeu, principalmente compaixão, solidariedade, a pessoa passa a ser mais afetiva, ela passa a ver o próximo como se ela estivesse na pele dele, então com certeza a ética promove a solidariedade no ser humano, com certeza. (Salomão)

Gabriela também considera possível, porém com alguma reserva.

Só vamos conseguir formar pessoas justas e solidárias se trabalharmos a Ética na teoria e na prática, se conseguirmos trabalhar além da Ética, trabalhar a sensibilidade das pessoas. Acho que a Ética tem o seu papel extremamente importante. Vamos dizer que ela faça 70% do que é necessário, tem 70% do seu papel, agora os outros 30% vêm de valores de um coração solidário... Hoje é muito mais interessante você formar um cidadão com valores mais definidos e ter um cidadão muito mais equilibrado na sociedade do que um geniozinho na matemática ou na informática. (Gabriela)

Sócrates responde dizendo:

Que tem sido proveitosa tem sido, sim, sem dúvida. Que tem mudado tem, porque a pessoa que transforma esse conhecimento, a partir do momento que é passado essa informação do que é o conhecimento ético, a formação ética, além de ser um ser humano diferente, ter um comportamento crítico, vai aí ascendendo na sua formação... As pessoas que tomam isso para si acabam sendo mais solidárias, mais amorosas, e isso tem sido mais presente nessas pessoas. Desenvolve, com certeza, desenvolve virtudes em geral, a solidariedade e muitas coisas são construídas nesse período, o estudo ético que a gente está tendo, acaba não só contribuindo para tudo isso, para uma sociedade melhor, mas para melhorar nossas relações hoje, então isso começa a fazer diferença quando se fala de compaixão. Acaba fazendo uma cadeia de coisas boas que vai sendo construída e passada. (Sócrates)

Para Ágata, os estudos de Ética promovem sim as virtudes.

Conseguem sim, porque através desse trabalho, desses estudos de Ética feitos na escola os alunos aprendem a respeitar, então, a gente aprendeu a respeitar, a conviver, a usar essa Ética diante das situações que muitas vezes a gente não usava antes. Os alunos aprenderam que através do diálogo, do respeito e falar na hora certa, com certeza esses estudos de Ética tem ajudado muito. Um exemplo muito bom que eu vi de desenvolvimento de virtudes, principalmente a compaixão, foi na última aula de ética que eu tive que houve um diálogo, um debate sobre o nosso futuro, o que vai acontecer e tudo mais, onde as pessoas se emocionaram e falaram dos problemas particulares, em outros tempos isso não era possível porque as pessoas se omitem em outras ocasiões, mas quando a gente está falando de ética, de compaixão, de amor, as pessoas conseguem se abrir conseguem falar aquilo que realmente está dentro delas, pedindo ajuda, gritando por ajuda e com certeza, daquelas pessoas que estão ali, do professor de ética, de um

aluno virá uma ajuda, uma oportunidade de ter um amigo, de ter condições de melhorar e buscar algo novo. (Ágata)

Levando em consideração que nossa pesquisa envolve os dois temas, ou seja, Ética e Educação, elaboramos perguntas também sobre educação. Vejam a visão de nossos colaboradores sobre educação.

Gabriela, por exemplo, vê a educação como um meio de transformação.

Eu acho que educar é antes de tudo transformar, é levar o aluno a sair de um ponto x e alcançar um patamar mais elevado de princípios, de valores. Educar, acima de tudo, é você transformar o indivíduo, libertar o indivíduo muitas vezes do seu egoísmo, do seu caráter distorcido, porque, às vezes, ele recebe uma educação distorcida, inferior à da escola, a educação passa pela transformação, que é a libertação, é libertar esse aluno para uma vida melhor, para que ele possa ter um padrão de qualidade em todos os sentidos, no sentido material, no sentido espiritual, no sentido moral. (Gabriela)

A visão de João Pedro já é mais formal do que a da Gabriela.

Para mim educação é o cimento necessário para sua vida no dia a dia, uma pessoa educada, no sentido de ter conhecimento, ela vai se dar muito melhor frente aos problemas, frente as dificuldades que a vida lhe traz... É a formação do ser, é a formação do conhecimento. (João Pedro)

Segundo Daiana:

Educação é a base da vida humana, da vida em sociedade, do ser ético, a educação engloba ensinar e aprender. (Daiana)

Para Salomão educação é algo bem abrangente como se vê.

Olha educação propriamente dita, seria toda a formação que a pessoa recebe não só da escola, mas em casa, na sociedade e na própria escola. O que vem ser educação para mim acho que a maneira mais exata de explicar é ter um cidadão ético no geral, profissionalmente, humanamente, assim em tudo, ter uma boa conduta na escola, na rua, em qualquer ambiente, assim você é educado. (Salomão)

Na opinião de Sócrates educação é:

Formação. Acho que educar uma criança é formá-la para a vida e para a sociedade, é formar o que o educador espera do filho dele. Acho que educar é formar. (Sócrates)

Nossa colaboradora Ágata considera educação algo muito sério, que todos precisam ter responsabilidade para com ela.

Educação é um processo de aprendizagem pelo qual todo ser humano passa, então a gente aprende educação na família, na escola, na sociedade e em todo lugar, a gente tem que aprender a conviver com as coisas e a entender as coisas. Então aprendizagem é todo um processo que é muito importante na vida de uma criança e de todas as pessoas. Portanto, é uma coisa que tem que ser levada a sério por todas as pessoas, tanto pelo governo como por cada ser humano individualmente. (Ágata)

Nossos colaboradores demonstraram que existe profunda relação entre Ética e educação, no que foram unânimes em afirmar que uma não existe verdadeiramente sem a outra e vice-versa.

Gabriela foi logo afirmando:

Com certeza, Ética e educação caminham juntas, posso dizer que uma é o braço direito da outra, se isso é possível. Não tem como haver uma transformação na vida do indivíduo, uma libertação, sem passar pelo aspecto ético, então não dá para desvincular educação de ética, é importante que as duas estejam juntas de forma prática, no dia-a-dia mesmo da escola, não apenas dentro do conteúdo ministrado pela disciplina do currículo, mas no dia-a-dia da escola sem a formação ética, eu não consigo formar um cidadão consciente, um cidadão crítico, engajado, é necessário a formação ética para que ele possa exercer mesmo o seu papel de cidadão dentro da sociedade. (Gabriela)

João Pedro além de considerar que existe relação entre Ética e educação diz que quem não sabe claramente o que é ser ético não é um educador.

Para mim existe, não só Ética e educação, mas existe relação de Ética com tudo, porque se você não tem um conceito ético, você não é um educador, você não está fazendo educação. Então existe relação entre Ética e educação, tem que existir, se ela não existir não está havendo educação e está havendo um desconhecimento do que é Ética. (João Pedro)

Daiana também considera que existe, sim, relação entre ambas.

Existe, sim, a educação ela tem por missão transmitir conhecimento e a Ética tem de levar as pessoas a serem mais críticas, a terem consciência do seu papel transformador na sociedade. (Daiana)

Na opinião de Salomão as duas questões são praticamente a mesma, ele diz:

Eu acho que, eu não diria nem relação, eu acho que as duas são praticamente a mesma coisa porque é impossível a pessoa dizer que é educada se ela não tem ética e vice-versa. Porque educar propriamente dito é você inserir num cidadão conceitos e condutas, e o cidadão para ser isso, tem que ter ética. Se essa pessoa, por exemplo, para ser um bom médico, ter todo um conhecimento da profissão, mas não fazer com ética, então, são duas coisas necessárias, não dá para ser uma pessoa educada sem ética e vice-versa. Esse acho, está bem próximo de uma certeza, é certeza que sim. (Salomão)

Para Sócrates existe uma relação e ambas são importantes para uma formação mais completa.

Com certeza, a Ética no caso é uma disciplina que vem para completar uma educação que não se completa sem ela... Então a escola tem que fazer isso porque é dever do Estado, é dever do poder público estabelecer a formação de qualidade de adolescentes e crianças, até porque eles serão a sociedade de amanhã. (Sócrates)

Segundo Ágata existe, sim, relação entre ética e educação, pois ambas são importantes na formação integral do ser humano, afirma.

Com certeza, Ética, é um processo de aprendizagem assim como educação também o é. Elas estão interligadas na minha opinião. Ética deveria ser ensinada desde o primário. A criança tem que começar a entender desde lá, tem que começar a ter senso crítico, a aprender a conversar, opinar, a debater, não é só olhar pro professor e falar: ele é um mestre. O professor tem que incentivar os alunos a serem críticos sempre, porque só assim a gente vai construir um país melhor, um mundo melhor, quando os cidadãos são críticos a gente tem esperança. (Ágata)

3.3 Educação para a paz, a não violência, a tolerância, a compaixão, a solidariedade, a cidadania, a justiça e o amor.

Educar para a paz e o equilíbrio humano-ambiental, diante de tanta violência contra o ser humano e contra o meio ambiente em geral, não é um luxo ou uma atitude esnobe, pelo

contrário, é uma necessidade urgente, para que a humanidade viva em harmonia e prolongue a sua existência.

Não podemos esperar mais, já é hora dos educadores enfrentarem o desafio de encontrar solução para promover a transição da cultura da violência para a cultura da paz.

Olhando a história temos alguns exemplos de pessoas que lutaram pela não-violência. Temos Buda como primeiro grande exemplo de batalha pela piedade para todos os seres, embora não seja uma experiência propriamente educativa no sentido pedagógico em si.

Acreditamos ser importante citar, no mesmo sentido da experiência de Buda, a doutrina de Cristo e os testemunhos dos primeiros cristãos, promovendo valores de paz, como a justiça e o amor fraterno entre todos os homens.

Segundo Jares, Tolstoi, nascido em 1828, é quem inicia a Educação propriamente pedagógica para a paz:

Seus princípios educativos estão assegurados em um universalismo deísta-cristão que deve guiar a criança e o homem adulto pelo caminho do amor e da não-violência. “Em suma, Tolstoi concebe a educação como um processo de osmose espontânea, fruto da cooperação, do amor e da sugestão pessoal em um ambiente de total liberdade”. (JARES, 2002, p. 22-23).

Podemos citar ainda o poeta hindu Rabindranath Tagore, nascido em 1861, que fundou próximo de Calcutá, a escola de Santini Ketan, ou Casa da Paz. Conforme Jares:

Tagore via no sistema de castas imperante na Índia a projeção em escala menor dos preconceitos que divide os povos em crenças e religiões. Entendia que isso só podia ser modificado mediante uma nova educação, antecedendo, portanto, o utopismo pedagógico que caracterizaria mais tarde o idealismo da Escola Nove. ‘... as características que resumem o pensamento educativo de Tagore são o contexto com a natureza, a harmonia do espírito com a criação e a educação na vida. (2002, p. 23).

Outro nome que merece ser enfatizado, como um incansável batalhador pela não-violência é o de Mahatma Gandhi. Segundo Comparato, para Gandhi:

Não é ser não-violento contentar-se em amar os que nos amam. A não-violência começa a partir do instante em que passamos a amar os que nos odeiam. Não ignoro as dificuldades desse grande mandamento do amor. Mas não é assim com todas as coisas grandes e boas? A mais difícil de todas é amar nossos inimigos. (COMPARATO, 2006, p. 398).

Dois pensadores que deram uma grande contribuição pedagógica à Educação pela paz, agora de maneira mais formal, foram Comenius e Rousseau.

Comenius (1592-1670), como humanista, acreditava, conforme Jares que:

A humanidade aprenderá a solucionar os conflitos pela demonstração da verdade, e não pela violência. Por meio dessa “ciência universal” se chegará a uma sociedade

universal, “que viva feliz e em paz, por meio do progresso intelectual, moral e espiritual, de todos os homens, e que seja reflexo da cidade de Deus (JARES, 2002, p. 24).

Para Comenius, mediante o importante papel da Educação, capaz de promover a compreensão dos povos, viria à paz. Apesar da guerra dos 30 Anos da Europa, “Comenius acredita que a natureza humana tende à harmonia, e não à discórdia” (JARES, 2002, p. 25).

Jean Jaques Rousseau (1712-1778) acredita que a criança é boa por natureza, por isso, ele defendia uma Educação que não restrinja seu movimento natural. Para ele o principal princípio educativo é a liberdade. Rosseau acredita que

o homem é por natureza pacífico e tímido; seu primeiro movimento diante de qualquer perigo é a fuga; não se torna valente mais do que por força do costume e da experiência; a honra, o interesse, os preconceitos, a vingança, todas as paixões que podem fazê-lo enfrentar os perigos e a morte lhe são desconhecidos em seu estado natural (1982, p. 50).

María Montessori deu uma enorme contribuição com relação à Educação para paz, com sua luta e suas idéias que foram divulgadas através de congressos e de suas obras. Ela defendia a idéia da “paz positiva” para resolver os conflitos entre as nações. Segundo Montessori:

Falar de uma educação para a paz em uma época crítica como a nossa, em que a sociedade está constantemente ameaçada pela guerra, poderia parecer fruto de um idealismo ingênuo. Mas acredito, ao contrário, que a preparação da paz por meio da educação é a obra mais eficazmente construtiva contra a guerra, entendendo que as guerras de hoje não se justificam pelas exigências dos povos nem lhes oferecem nenhuma esperança de progresso. A educação é a arma da paz (MONTESSORI, s.d., p. 48).

Depois da Segunda Guerra Mundial, políticos e educadores, preocupados com a possibilidade de uma nova guerra, com a corrida armamentista, a deterioração do meio ambiente e a violação dos direitos humanos, se preocupam mais uma vez com o sistema educativo. Acredita-se que a escola tem possibilidade de colaborar com a formação humana para uma convivência harmoniosa entre todos.

Continua-se admitindo que a escola tem uma influência poderosa no sentido da preservação da paz, por meio de uma formação humana que minore as tensões internas em cada nação e chegue a compreender melhor as tensões internacionais. Esse resultado, contudo, não pode vir de um livre desenvolvimento da criança por si só, ou de uma concepção autônoma da ação educativa com relação aos sistemas políticos, como se pensou antes... O ideal da convivência pacífica entre os cidadãos e entre os povos somente será alcançado quando as nações se modelarem segundo uma Filosofia política que sustente esse ideal e também quando não existirem entre

as nações situações de grande tensão determinadas por muitas e diferentes circunstâncias, entre as quais a de desenvolvimento social e econômico são de capital importância (MARCONDES FILHO, 1964, p. 18 apud JARES, 2002, p. 55-56).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada a 10 de dezembro de 1948 menciona no seu Artigo 26, parágrafo segundo, o papel da Educação na construção da paz em nível nacional e internacional.

A educação será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos da pessoa humana e pelas liberdades fundamentais. A educação promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz (DALLARI, 2004, p. 110).

A compreensão, a cooperação e a paz como valores supremos da humanidade devem ser o objetivo principal da Educação, a fim de se construir uma sociedade que tenha como base a solidariedade, a justiça e o respeito mútuo entre todos os povos.

Apesar da recomendação da ONU sobre a necessidade da Educação em Direitos Humanos, feita através das várias Declarações realizadas em 1948, 1952, 1959, 1960, 1966, 1967, 1973, 1975, 1984, 1986 2 1992, (JARES, p. 61-62) a distância entre a teoria e a prática ainda é muito grande, o que nos motiva a convidar todos os educadores a continuarmos juntos a luta contra todo tipo de violência e de situações que contribuam para minorar a condição do ser humano.

Educar para a paz a partir da não-violência é antes de tudo um desafio à passividade, à omissão. É um convite ao comprometimento com a construção da cultura da paz. Para tanto, é indispensável impregnar o progresso educativo dos princípios da não-violência, que se assenta no respeito, na transformação das situações de injustiça e no cumprimento dos direitos e deveres. Sabemos, pois, que o respeito é mais poderoso que a violência e que a paz e o amor juntos constroem mais do que a vingança e o ódio.

O grande valor que devemos usar contra o ódio, contra a violência, contra a fome, a guerra, a miséria e contra todo tipo de exploração é a justiça, contudo, necessitamos da justiça sem máscaras, sem ideologia, uma justiça capaz de produzir dignidade para todos os seres humanos.

Como assinalou José Saramago no ato de encerramento do II Fórum Social Mundial de Porto Alegre (Brasil) (2002), não necessitamos da justiça “que se envolve em táticas de teatro e nos confunde com floreios de vã retórica judicial, não a que

permitiu que lhe vendassem os olhos e fraudassem o peso da balança, não o da espada que sempre corta mais de um lado que de outro, mas sim de uma justiça pedestre, uma justiça companheira cotidiana dos homens, uma justiça para a qual o justo seria o sinônimo mais exato e rigoroso do ético, uma justiça que chegasse a ser tão indispensável para a felicidade do espírito como o alimento do corpo é indispensável para a vida. Uma justiça exercida pelos tribunais, sem dúvida, sempre que a lei determinasse, mas também, e sobretudo, uma justiça que fosse emanção espontânea da própria sociedade em ação, uma justiça na qual se manifestasse, como imperativo moral inelutável, o respeito pelo direito de ser que todo ser humano merece” (JARES, 2002, p. 107-108).

Precisamos educar para a cultura da paz e da convivência respeitosa, contrários ao ódio. Na sua essência, o ódio nega o sentido educativo. Devemos encarar os conflitos de forma racional e não-violenta, porque no fundo, é a única forma de resolvê-los. Nesse sentido, as escolas e os educadores devem lutar contra as políticas neoliberais que tem sua base na competitividade, na excelência de mercado e no individualismo, portanto, contrários à verdadeira democracia, ao bem-estar e à Educação de todos.

A educação para a paz é uma educação para a ação, a fim de que com muita luta e esperança possamos construir uma sociedade mais justa e, que possa respeitar os direitos humanos.

Em função das grandes diferenças sócio-econômicas que existem atualmente, é preciso reformular o conceito de paz. Para Jares:

A concepção de paz repousa em suas idéias essenciais:

- _ Em primeiro lugar, a paz já não é contrário de guerra, mas sim de sua antítese, que é a violência, dado que a guerra é apenas um tipo de violência, mas não o único.
- _ Em segundo lugar, a violência não é unicamente a que se exerce mediante a agressão física direta ou por meio de diferentes artifícios bélicos que se podem usar, mas é preciso levar em conta também outras formas de violência menos visíveis, mais difíceis de reconhecer, mas também mais perversas no sentido de produzir sofrimento humano” (2002, p. 123-124)

Nesse sentido, é fundamental que tenhamos clara a diferença entre violência direta e violência estrutural ou indireta. Este último tipo de violência está relacionado ao fato de existir um poder desigual, de existirem oportunidades desiguais, de conviverem lado a lado a fome/miséria e a riqueza/mordomia, o analfabetismo e avanço da ciência e da tecnologia, enfim, de existirem ao mesmo tempo dois Brasis ou dois mundos; um rico e cheio de confortos e mordomias e, outro, miserável e carente de tudo.

O conceito de paz extrapola e muito apenas o fato de não existir guerra. A paz verdadeira supõe, além da superação total da guerra, a eliminação da pobreza, da repressão, da alienação, da exploração e de todas as formas de negação de qualquer um dos direitos

humanos. Portanto, paz supõe necessariamente desenvolvimento, isto é, supõe uma relação harmônica em sentido eficaz, supõe enfim que haja igualdade, reciprocidade e justiça.

... o conceito de paz é inseparável do conceito de justiça em todos os níveis, internacional, social e interpessoal. A paz situa-se não apenas com relação à guerra armada, porque há muitas formas de guerra: cultural, econômica, política, social, etc. Em última instância, a injustiça social produz uma situação que é a semente da guerra (DÍAZ, 1979 apud JARES, 2002, p. 126)

“Dessa ótica, atribui à paz cinco dimensões: não-violência, justiça econômica, igualdade social, liberdade política e fraternidade psicológica” (JARES, 2002, p. 126, apud NAIDU, 1986, p. 9-11).

Para Paulo Freire: “A paz se cria e se constrói com a superação das realidades sociais perversas. A paz se cria e se constrói com a edificação incessante da justiça social” (FREIRE, 1986, p. 46 apud JARES, 2002, p. 127)

Desenvolvimento no sentido amplo supõe a satisfação das necessidades básicas de todos os seres humanos, portanto, ele deve promover incessantemente a dignidade humana, o que faz com que o conceito de paz esteja diretamente relacionado ao conceito de direitos humanos. O desenvolvimento só será completo se não ficar restrito apenas ao fator econômico, mas se ele se estender também para o âmbito social, tendo sempre o ser humano como objetivo principal.

Não vamos conseguir promover o desenvolvimento social, priorizando o ser humano, sem abandonar o meio ambiente, é claro, enquanto os países investirem mais em armamentos do que em recursos que poderiam ser aplicados no desenvolvimento integral do ser humano.

Para a realização da paz exige a realização dos direitos humanos, assim, a teoria da paz, coincide com a teoria dos direitos humanos. Não pode haver paz enquanto existir dominação de um grupo sobre outro, de um país sobre outro, de um povo sobre outro. Não conseguiremos um Brasil pacífico, um mundo pacífico, enquanto não construirmos uma eficaz proteção dos direitos humanos.

Outro fator importante para a realização da paz é a Democracia, sobretudo, a real, aquela que favorece a participação e o controle dos assuntos públicos; aquela que possibilita o acesso ao conhecimento, à cultura e aos bens materiais socialmente produzidos. Um país para ser democrático precisa acabar com as perseguições, a marginalidade e a discriminação dos setores mais pobres da sociedade. É necessário construir relações solidárias, participação e cooperação ativa, estimulando a pluralidade de formas de viver e cultivando a originalidade das diferenças individuais como uma grande riqueza da comunidade humana.

A paz é um conceito dinâmico e não estático, por isso, exige a participação ativa e consciente de todos, em geral, e, dos educadores, em particular, para promover sua construção e sua efetivação. No entanto, a construção da paz, não exime totalmente os conflitos, pois estes fazem parte da vida. Os conflitos precisam ser encarados como algo natural, em função da adversidade de opiniões e idéias, o que precisa fazer é buscar alternativas pacíficas e criativas de resolução. Os educadores podem aproveitar os conflitos e mostrar aos educandos que quando eles são tratados com maturidade, sabedoria e tolerância todos aprendem e crescem juntos.

A paz, a não-violência, a compaixão, a tolerância, a solidariedade, o amor podem ser desenvolvidos como temas transversais pelas escolas. Já que os programas escolares geralmente estão sobrecarregados, apenas seria dado um novo enfoque dentro de cada disciplina do currículo, de forma a contemplar esses temas. Por exemplo, na área de Português, quando o professor for trabalhar leitura, ele pode sugerir textos que tratem dessa temática. Da mesma forma pode ocorrer com outras áreas que ao desenvolverem seus conteúdos possam incluir essa temática, inclusive com um trabalho interdisciplinar, com o objetivo de desenvolver a cultura do respeito aos direitos humanos e à plena dignidade humana.

Para tanto, é indispensável que as escolas tenham um planejamento para a execução e constante avaliação por parte de toda a equipe educativa. É importante que essa temática esteja presente cotidianamente no trabalho da escola e que todos se envolvam com ela de maneira profissional e afetiva.

O desenvolvimento da educação em valores humanos exige muita consciência e compromisso por parte de toda a equipe escolar. Exige ainda, especialmente por parte dos docentes o conhecimento dos temas, a relação entre eles e a vontade de educar de acordo com essa temática, para desenvolver a formação integral dos educandos, onde todos possam colaborar para a construção de uma sociedade livre e cidadã.

Refletir, pensar toda essa temática, significa pensar a realidade de maneira dialética e não de maneira fixa, pois esta é a função do currículo, pensar a realidade de maneira crítica, pensar que os conhecimentos e os fatos sociais são produtos históricos, que, portanto, poderiam ou podem ser diferentes. Desenvolver educação em valores humanos significa, acima de tudo, acreditar em um novo modelo de sociedade, um modelo de sociedade onde as pessoas sejam tratadas com dignidade, onde todos colaborem efetivamente com a humanização da humanidade.

A educação em valores humanos, diretamente relacionada à educação para o desenvolvimento tem como principal objetivo proporcionar uma mudança de atitudes e comportamentos nos educandos e educadores em relação à problemática sócio-econômico-cultural e suas graves conseqüências, ou seja, promover a conscientização dos indivíduos para o processo de transformação social.

Nesse sentido, os educadores são chamados a interagir com e no processo social. Numa sociedade como a nossa, com tantas contradições, os profissionais são convidados a se comprometerem. Diríamos que vale para os educadores aquilo que Martinelli disse sobre os Assistentes Sociais: “Profissionalmente, como assistentes sociais, somos colocados muito próximos daquilo que é essencial na nossa vida, que é a possibilidade da construção coletiva e da intervenção no próprio tecido social” (Martinelli, 2006, Revista Emancipação, p. 10).

Estamos vivendo um momento histórico de profundas contradições e mudanças que exige de todos nós um profundo conhecimento da realidade e um profundo compromisso com a transformação da mesma. Para Martinelli: “Estamos vivendo um momento histórico de maior importância em que temos que assumir realmente a coragem de transformar o nosso conhecimento silencioso em conhecimento partilhado” (2006, p. 15).

As escolas, através do seu Projeto Ético-Político-Pedagógico precisam ter claro que tipo de homem desejam formar.

Dessa forma, as escolas, precisam se comprometer a formar um ser humano livre, crítico, solidário e justo, a fim de que ele possa intervir na realidade de maneira consciente. Que a Educação não sirva apenas para concordar, para acomodar, mas que, acima de tudo, ela seja importante para libertar e responsabilizar os indivíduos com seu crescimento pessoal e, simultaneamente, com o desenvolvimento real de toda a sociedade.

No entanto, se a escola quer formar pessoas justas e democráticas, ela própria precisa estar organizada de acordo com esses pressupostos. A escola, muitas vezes apresenta contradições entre o que ela apresenta no âmbito legal, formal, e o que ela pratica na realidade. Outro aspecto a ser considerado também é que o fracasso escolar geralmente é apontado apenas do ponto de vista cognitivo, esquecendo-se de avaliar a aprendizagem também com relação aos valores e, sobretudo, da cidadania. Ora, nesse aspecto, o fracasso escolar pode ser ainda maior.

É muito importante que a escola proporcione ações cooperativas para que ela possa potencializar a autonomia e a co-responsabilidade entre todos aqueles que participam do processo educacional. Conforme Ciari:

A criança apenas apropria-se dos valores éticos e culturais do grupo ao qual pertence se este estiver estruturado como uma autêntica comunidade fundada sobre uma tradição comum, costumes consolidados, uma compreensão afetuosa e uma autoridade sábia. (JARES, 2002, p. 197 apud CIARI, 1997, p. 81).

Os esforços em Educação precisam se guiar no sentido de desconstruir a distância entre o governo e a sociedade civil, entre os alunos passivos e os professores que se acham detentores do conhecimento, para se pensar em construir formas de atuação que promovam a dignidade humana na prática. Quando se desenvolve Educação com consciência dessa dimensão é possível pensar concretamente na formação integral do estudante, no aprimoramento dele como pessoa humana, incluindo aí a preocupação com a formação ética e o pensamento crítico. Como disse Bittar:

Aí se vê como objetivo educacional aprimorar a consciência ética e a formação do estudante como pessoa humana, livre de paradigmas socializadores e capazes de provocar-lhe o adestramento mental. A educação libertadora, aquela que se deseja para o Brasil, é a educação capaz de provocar a libertação do povo de sua condição de, sob imperativos de baixa-estima e dominação, ser considerado apaziguado para servir às grandes potências econômicas. A educação, portanto, tem um papel fundamental na afirmação da cidadania brasileira, na medida em que se encontra submersa nesse compromisso ético-social com as condições históricas da brasilidade (2004, p. 106).

Educar assim é educar para a cidadania ativa, que, além de ser direito de todos, é uma conquista de uma sociedade que se quer emancipada de tudo aquilo que impede de tornar livre todos os seres humanos que pertencem a ela. Lutar por uma Educação competente, forte e de qualidade é lutar pela cidadania, pela democracia e pelos direitos humanos.

Cidadania neste sentido, não é apenas a garantia dos direitos legais, mas a cidadania efetiva, dinâmica, consciente e libertadora.

Educação e cidadania caminham juntas. Separá-las não significa provocar alienação do povo? Não significa criar uma ilusão de ótica ao ponto de considerar que o subversivo é quem está contra o governo e que o governo é o respeitador da ordem, quando o que se percebe na realidade é exatamente o contrário? Quando não há a junção da Educação com a cidadania, ocorre o adestramento do sistema educacional, que serve apenas aos interesses do sistema capitalista dominante.

Educar para a cidadania não significa meramente cultivar o senso do valor moral em cada indivíduo, nem tão pouco ensinar a prática das obrigações, dos deveres, para o respeito à ordem. Educar para a cidadania é antes de tudo preparar os seres humanos para terem consciência de que não estão sozinhos no mundo, pelo contrário, cada um é o outro dos outros

e, para que cada ser humano seja sujeito do processo histórico e colabore efetivamente na construção de uma sociedade onde todos tenham oportunidade de trabalho, estudos, moradia, alimentação, saúde, lazer e possam se desenvolver com espírito solidário, mantendo assim relações amistosas e saudáveis entre todos.

Quando se reduz a questão da cidadania à mera moralização para o bom convívio pacífico e respeitador da ordem, provoca-se, além de um desvio, um obstáculo mesmo à compreensão da verdadeira cidadania. Cidadania é uma questão de socialização do poder, de gestão representativa do Estado, de participação política na construção da democracia. Segundo Miguel Arroyo: “Não será brincando de democracia na escola que o cidadão aprenderá construir a democracia; não será desprezando o poder que se fortalecerá o povo para a conquista e o exercício do poder” (BUFFA; ARROYO; NOSELLA, 2003, p. 63).

É importante ter claro que, do ponto de vista do Estado, legítimo representante da elite, a participação política das massas deve ser controlada por ele próprio, o que significa restringir a movimentação dos grupos sociais, já que ela se torna uma ameaça à acumulação do capital e ao controle do poder exercido exclusivamente pela elite dominante.

A cidadania enquanto uma dádiva do Estado burguês não representa justiça social, pois não é fruto da consciência e da participação efetiva do povo. Cidadania real é a que se constrói como um processo, no qual as classes sociais vão gradativamente construindo suas práticas e participando efetivamente do poder de decisões sobre tudo que rege a vida da sociedade.

A construção da cidadania passa por uma intensa luta pela escola, pelo saber, pelos direitos de todos. Neste sentido, há uma relação direta entre cidadania e Educação, já que neste processo de lutas e organização ocorre a formação do cidadão crítico e ativo. Essa relação será tão mais eficaz e conseqüente na medida em que estiver iluminada pelo amor. Como a Educação tem sempre uma finalidade, se ela tiver calcada no amor, sua finalidade será a formação integral do ser humano, que o tornará livre para uma vida digna. O amor consegue vitalizar a atitude educativa. O professor quando ministra aulas com amor se transforma verdadeiramente em um educador. Educar de verdade, necessariamente inclui amor. O Estado moderno se preocupa muito em oferecer instrução e não Educação. Existe também o lado afetivo na Educação, que só se efetua na medida em que a relação entre educador e educando tenha como fundamento primeiro o amor.

Nesse sentido, a Educação está a serviço da humanidade, ou seja, ela não estaria educando a criança para que ela permaneça criança, nem, tampouco, para fazer dela um mero trabalhador, mas sim para dela fazer um homem, um ser humano, que seja capaz de

comunicar e de comungar com tudo quanto é humano. A Educação deve possibilitar que cada educando encontre consigo mesmo, encontre o seu estilo, que seja ele mesmo, assimilando e transmitindo aos outros, o que cada cultura oferece de verdadeiramente humano e reprovando todos os fatores que cada cultura oferece de desumano. O objetivo da Educação é permitir que cada indivíduo eduque-se permanentemente, que nunca cesse sua educação.

Todo esse processo não pode começar pela escola? Embora seja uma tarefa muito difícil, como diz Reboul (1984, p. 79-80):

Contra a escola libertadora elevam-se muitas forças esmagadoras, econômicas, políticas sociais, sem falar da mais esmagadora de todas, a força da inércia... Pois, cumpre, entretanto, saber o que queremos. E saber como o queremos: virá, a transformação da sociedade, de um punhado de violentos, ou de uma multidão de educadores suficientemente lúcidos e tenazes para formar, a despeito de tudo, o homem de uma humanidade melhor?

O desenvolvimento de qualidades ou virtudes como as do amor, da tolerância, da solidariedade, da justiça, da compaixão, é indispensável para tornar o ser humano de humanidade melhor. São sentimentos que formam uma base sólida para nosso relacionamento com os outros. Mormente no caso do educador, quando suas atividades não estiverem calcadas nestes valores, correm o risco de se tornarem vazias, ou, até mesmo destrutivas. Quando o educador ignora o impacto de suas ações sobre o bem-estar dos educandos, corre um sério risco de feri-lo. A valorização dessas qualidades possibilita aos educadores uma nova maneira de ver o educando e de lidar com ele. Se os educadores tomarem consciência do potencial que essas qualidades possuem para beneficiar os outros, verão que é possível recuperar a esperança e a confiança no ato de educar. Apesar das dificuldades impostas pelos poderes do capitalismo neoliberal, afinal, ele prega o individualismo, o egoísmo, o consumismo e um ensino alienado e alienante, o resultado do trabalho desenvolvido com esses princípios geralmente é muito gratificante. Como afirma Dalai-Lama:

[...] quanto mais desejamos verdadeiramente fazer o bem aos outros, maior a força e a confiança que adquirimos e maior a paz e a serenidade que experimentamos. Através do amor, da bondade e da compaixão, estabelecemos a compreensão entre os outros e nós. É assim que se constroem a unidade e a harmonia. No que se refere à ética, contudo, o mais importante é que onde o amor pelo próximo, a aflição, a bondade e a compaixão estão vivos, verificamos que a conduta ética é espontânea. A prática de ações eticamente íntegras é natural onde há compaixão (LAMA, 2006, p. 100-101).

Vemos, portanto, que há algo além do ensino técnico, além da lei, que pode ser desenvolvido através da Educação, é a formação ética de um cidadão. Ética como busca do

bem comum, como valor de convivência em sociedade. Ética como um código de conduta, mas não apenas para definir o que é correto e o que é errado em relação a determinado grupo, mas sim que visa o bem comum, o bem social, que contribua para o bem-estar coletivo.

O que está fazendo a escola, os educadores, diante da corrupção, da banalização de valores, da falta de escrúpulos com o semelhante? Quanto tempo e recursos estão utilizando para a construção de valores dignificantes?

Educar para a Ética é preparar o ser humano para o equilíbrio de aceitar as diferenças, de saber conviver na adversidade de vontades, interesses, formações diferentes, níveis escolares diferentes, valores antagônicos. Nas mais diversas atividades coletivas encontram-se pessoas com convicções, medos e opções diferentes. Daí a necessidade de formar o ser humano para entender a importância do bom senso, para que o bem seja buscado por todos, para que todos entendam que acima dos caprichos individuais está o ser humano que precisa ser respeitado na sua dignidade e na sua integridade.

O educador tem pela frente um grande desafio: convencer o educando a valorizar o bem comum, a convivência saudável, a respeitar todos os outros, a construir um mundo cada vez melhor para todos os seres humanos. Com isso ele estaria evitando a ganância, o egoísmo, o individualismo, a ignorância, que são os grandes obstáculos para o exercício da cidadania.

A essência da vida não está na quantidade de dinheiro ou de poder que se tem, mas na dignidade e na tranquilidade de poder olhar para as outras pessoas e ter a consciência em paz. Pois, educar para a Ética e para a cidadania é educar para uma convivência harmônica, feliz, pacífica, onde todos saibam respeitar e sejam respeitados. Essa responsabilidade é grande demais para ficar exclusivamente com a escola, ela precisa ser partilhada com a família e com toda a sociedade, a fim de formar pessoas responsáveis e comprometidas com o bem comum.

Boff (2005, p. 12), com sua experiência afirma: “Já há séculos temos inflacionado o campo da economia e da política e deixado anêmicas as esferas da ética e da espiritualidade. Esta dessimetria constitui uma das razões da crise civilizacional e da perda de sentido e do horizonte utópico da história humana”

Chegou o momento de desenvolver virtudes, elas constituem o mundo dos valores. Na medida em que as virtudes se transformarem em hábitos e se incorporarem na cultura, poderemos criar gradativamente as condições para uma convivência tolerante e hospitaleira, aquela capaz de aproximar as pessoas e os povos e de preservar o meio ambiente.

Em função da crise de valores ou da mudança de valores dos últimos tempos, que nos trouxe medos, incertezas, interrogações, afinal vale perguntar, qual a função de cada ser humano, de cada povo, de cada cultura? Os últimos tempos, em nome do progresso científico

e do avanço tecnológico de um lado e da destruição do meio ambiente e da diminuição do humanismo de outro, têm suscitado novas formas de convivência e experiências prazerosas e ao mesmo tempo dúvidas e desconfiança diante do diferente.

Por isso, torna-se urgente educar para a hospitalidade, a generosidade, a abertura sem pré-conceitos. Precisamos ainda da tolerância, como forma de não permitir a exclusão e da solidariedade para que possamos juntos celebrar a vida e os bens que generosamente a natureza nos oferece.

É fundamental construir uma consciência coletiva para que se possa criar uma base comum em busca da identidade da espécie humana. Essa consciência virá do amor e o amor será consistente na medida da aliança com o outro. É no outro que encontramos a presença de Deus, especialmente quando os outros são os famintos, os mais necessitados.

“O que fizestes a estes ou o deixaste de fazer, foi a mim que o fizestes ou deixastes de fazer” (MT 25, 31-46). “Tudo passa pelo outro, fora dele não há salvação. O inferno não é o outro, como afirmou Jean Paul Sartre, mas o caminho para o céu” (Boff, 2005, p. 149).

Não somos um ser isolado, estamos sempre com os outros, a relação com os outros suscita a responsabilidade, que significa dar uma resposta aos outros. O outro nos obriga a acolhê-lo ou rejeitá-lo, daí ele faz surgir a Ética em nós. Os grandes conflitos do mundo não serão resolvidos com acertos políticos, mas através de um acordo ético entre todos. Quando todos fizerem a defesa da vida, garantindo condições dignas para todos os seres humanos, o planeta terra e os seus ecossistemas terão paz e equilíbrio.

Perceber o outro como um ser que precisa ser respeitado e amado é o grande passo para superar o conflito entre o poder e a garantia dos direitos básicos. Devemos batalhar incansavelmente para que os interesses particulares não prevaleçam sobre a dignidade humana.

A cultura do respeito é a cultura da co-responsabilidade, é todo mundo cuidando de todo mundo, é a cultura da cooperação, da compaixão, da solidariedade, é o esforço conjunto para a preservação da vida em todos os sentidos.

Diante da Globalização, marcada profundamente pela competição, pelo controle do capital e pela lógica de mercado, qualquer iniciativa de cooperação humana deve ser apoiada e incentivada. Afinal, como afirma Boff (2005, p. 165):

Se não houver boa vontade da grande maioria da humanidade, não vamos encontrar uma saída para a desesperadora crise social que dilacera as sociedades periféricas, nem uma solução para o alarme ecológico que põe em risco o sistema-terra. Não haverá nada, nem governo, nem lideranças carismáticas de governantes que sejam

capazes de forjar uma alternativa esperançosa para o problema social e ecológico mundial.

A situação do mundo atual é preocupante. São muitas as contradições envolvendo a maioria das populações. Desde a fome, o desemprego, as favelas, o analfabetismo, até os conflitos armados, são formas de violência que afligem o homem excluído. Não existe magia nem um grande líder mundial que possa resolver essa problemática, depende de cada um de nós, da nossa boa vontade e da construção da consciência coletiva, solidária e democrática entre todos os grupos em nível nacional e entre todos os povos em nível internacional para resolvermos os problemas do Brasil e do mundo.

O Brasil vive hoje o acúmulo dos problemas sociais, produzido ao longo de sua história, especialmente pela elite do país que inescrupulosamente defendeu e defende apenas seus privilégios, sem se preocupar com os direitos das classes menos favorecidas, entretanto, o mundo todo vive hoje uma crise sem precedente, até porque ela não é apenas social, é também moral e ambiental. É momento de todos se unirem em busca de superação dos conflitos, para aceitar sem preconceito o outro com sua diferença, com sua cultura, com sua singularidade. A acolhida deve ser generosa e tolerante já que todos fazem parte da mesma caminhada, a caminhada do planeta terra.

Devemos nos preocupar com os outros e tratá-los cordialmente, procurando vê-los a partir da sua própria realidade, a partir do que eles são e, sem fazer diferença, assumir junto com todos, a construção de um mundo sem nenhum tipo de violência.

O ser humano nunca está sozinho, é um ser cuja existência é ao mesmo tempo uma coexistência, o que justifica a importância do diálogo entre as pessoas, as nações e as culturas. Para Boff (2005, p. 169):

A dignidade, o respeito, a solidariedade, o cuidado, a participação, a transparência, a boa governança, a não-violência e a reverência são valores presentes nas culturas locais e na cultura nova que está emergindo como expressão da globalização do fenômeno humano. Todos estes valores lentamente vão se firmando e constituindo a convergência coletiva da história globalizada da humanidade.

Nesse processo, é importante que as relações sejam francas, abertas, sinceras e humanas propriamente, só assim faremos da humanidade uma grande família unida com sua riqueza de valores. É importante ainda que todos aprendam a renunciar aos interesses individuais com o objetivo ao bem comum, ao que é importante para todos, para que a convivência humana ocorra em paz e seja sustentada pela harmonia e coesão.

Diante dos riscos ecológicos e políticos que corremos e em nome da continuidade da vida que é valor supremo, torna-se indispensável renunciar aos interesses individuais, por vezes individualistas mesmo, sem negar, é claro, a individualidade de cada pessoa e de cada povo, as diferenças próprias de cada um, para salvar o geral, o coletivo.

É preciso que os direitos humanos saiam do papel, que a cultura da paz deixe de ser apenas livresca, este é o momento de atitudes e de condutas que desenvolvam cidadania, de mudança de comportamento, mas fundamentalmente de empreender transformações estruturais.

É indispensável reduzir as desigualdades em todas as instâncias e áreas da vida. O sistema capitalista funciona bem para a minoria de pessoas e países, a maioria sofre com a miséria, a fome, a exclusão de alguma forma. Segundo Boff (2005, p. 175):

Desigualdades campeiam por todas as partes, especialmente aquelas de natureza econômica, embora haja outras tantas de fundo cultural e religioso. Segundo Samir Amim (1997: 4-5), mundialmente conhecido economista da Tanzânia, uma pequena fração da burguesia globalizada controla cinco oligopólios: o tecnológico, o dos mercados financeiros, o do acesso aos recursos naturais do planeta, o dos meios de comunicação de massa e o dos meios de destruição maciça. Estes grupos se apropriam de 83% do PIB mundial, o que agrava terrivelmente os níveis de desigualdade social no mundo. O fosso entre ricos e pobres aumentou entre 1960 e 1990 de 30 a 60 vezes, o que configura perversa injustiça social e verdadeira barbárie humana.

Essa escandalosa desigualdade social e internacional reflete a falta de solidariedade entre os seres humanos do planeta. Há um conflito exposto entre os fortes e os fracos, entre os imperialistas e os dependentes, há uma competição onde os grandes sufocam os pequenos. As injustiças estão por toda parte, exigindo de cada uma de nós a coragem e a firme posição de luta contra todas elas com o reto propósito de construir um mundo justo, responsável e democrático.

Diante da Globalização não basta garantir apenas a democracia liberal para que as empresas e o capital possam se infiltrar em qualquer lugar do mundo e lucrar vultosamente em todos os sentidos, sem nenhum escrúpulo. Diante das mudanças impostas pela Globalização é preciso repensar outras bases para a democracia. Para Boff (2005, p.183-184).

:

Antes de mais nada, precisamos garantir o fundamento ético da democracia que reside na valorização da pessoa humana como ser-de-relações, solidária, capaz de generosidade na construção do bem comum e de uma convivência cooperativa e pacífica, respeitosa das diferenças, compassiva face ao sofrimento dos outros e consciente de que é membro da família humana e um elo da comunidade de vida

planetária com a mesma origem e o mesmo destino que a Terra, a Casa Comum e Mãe de todos.

A Educação pode contribuir para a construção da democracia verdadeira, na medida em que for capaz de instituir um processo pedagógico contra o individualismo, o comodismo, a omissão de todos os que se instalaram na cultura do consumismo, com a intenção de possibilitar as condições para um novo ser humano, responsável, participativo e solidário.

O novo modo de produção capitalista com sua lógica do capital e a democracia liberal, mantendo total controle sobre a natureza e o trabalho, tornou-se muito perigoso e irracional. Tudo isso exige com urgência uma mudança de postura de todos nós, ou mudamos ou será o fim da espécie humana. Ou educamos para formar uma nova consciência onde todos façam aliança com todos e todos se comprometam a cuidar de todos e do meio ambiente por inteiro ou ocorrerá muito em breve a destruição da vida humana e de quase todo tipo de vida existente no planeta terra.

O mundo necessita urgente da mudança de paradigma, do que tem o lucro, o capital, o consumo como valores básicos, para aquele que tenha a vida na sua mais ampla dimensão como valor máximo. É importante que tenhamos a vida no centro de tudo, tanto na dimensão da Educação como da política, da economia, da ciência e da tecnologia, para que possamos através de um esforço conjunto impedir a catástrofe da humanidade e de todo tipo de vida. Assim, Boff (2005, p. 192-193) alerta:

A proposição da vida como eixo articulador de tudo poderá criar as condições para o surgimento de uma ética do cuidado, da prevenção, da proteção, da responsabilidade e da compaixão. Se todos os seres humanos e demais seres da natureza tiverem sua vida garantida poder-se-ão liberar energias escondidas nos cidadãos e na sociedade que antes, no afã da sobrevivência, ficavam oprimidas ou ocultadas. Livres da obsessão de ter sempre vantagem e de acumular, os seres humanos poderão dar vazão à sua criatividade e à sua capacidade de plasmação do mundo e de si mesmos.

Respeitar e valorizar a vida integralmente nas suas dimensões física, cultural e espiritual é indispensável para entendê-la como supremo dom de Deus e como o maior bem entre todos os outros. Para que a humanidade alcance estágios mais avançados de desenvolvimento é indispensável gestar valores como a paz, a não-violência, a solidariedade, a justiça, a compaixão e o amor. Que possamos com nossas vidas gerar mais vidas, afinal esse é com certeza o grande propósito de Deus e da natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já há séculos temos inflacionado o campo da economia e da política e deixado anêmicas as esferas da ética e da espiritualidade. Esta dessimetria constitui uma das razões da crise civilizacional e da perda de sentido e do horizonte utópico da história humana.

(Leonardo Boff)

Acreditamos que é possível agregar valores éticos à educação, a fim de formar cidadãos conscientes e comprometidos com qualidade de vida para todos.

O trabalho que apresentamos objetivou analisar as questões pontuadas, claro que sofreu as limitações postas a uma pesquisa que não obteve recursos financeiros para ser desenvolvida. Mesmo assim, acreditamos que o objetivo principal da pesquisa foi atingido, ou seja, estudar a Ética na educação como um componente de mudança de conduta. Durante a pesquisa priorizamos a realização de um trabalho que não se perdesse nas questões imediatas e empíricas, mas, que ao mesmo tempo as levasse em consideração no processo de investigação; por tais motivos estudamos as determinações universais do processo em análise e tivemos como suporte empírico a realidade educacional da escola Maria Amália Volpon de Figueiredo de Morro Agudo.

Após realizarmos a pesquisa e analisarmos as questões relacionadas ao campo da Ética e da educação à luz dos pensadores clássicos até os contemporâneos, inferimos parcialmente que ao iniciar o século XXI, o tema da Ética, em todos os seguimentos da vida moderna, é uma urgência, uma necessidade constante, uma reclamação imperiosa, uma nova forma de viver a vida dentro de circunstâncias sustentáveis e viáveis. Ninguém suporta mais tamanha desvalorização e desconsideração com o ser humano, com a desumanização. Estamos no limite do suportável, do aceitável. Recuperar o humano no homem não é mais apenas uma proposta humanista, mas uma nova proposta de vida, de uma vida digna e possível.

Ao analisarmos a Ética em cada período histórico, percebemos que em todos eles, embora cada um com suas especificidades, ela tem sua importância. Se por um lado ela tornou-se objeto de estudos dos pesquisadores, com a finalidade de aprofundar os conhecimentos ao redor dessa então ciência, por outro, a ausência dela, com prejuízos diretos na qualidade das relações humanas, preocupou e preocupa sobremaneira os homens justos que lutavam e lutam ainda hoje por uma sociedade livre e justa para todos.

A ética, sem dúvida nenhuma, foi muito importante em todos os períodos que analisamos em nosso trabalho, mas é, sobretudo, no período histórico em que vivemos que o tema da Ética vem sendo constantemente apresentado sob óticas diferentes demonstrando a sua importância. Constatamos que há estudos de Ética na política, nos negócios, na indústria, na empresa, no poder, nas profissões, nos meios de comunicação, na educação, enfim, o comportamento ético nas relações humanas tomou dimensões antes nunca observadas ou consideradas. Tudo isso porque os comportamentos não esperados ou desejados, aqueles que nos afrontam, nos inquietam e desafiam o viver social, comunitário, tornaram-se mais evidentes nos últimos tempos.

Ao analisarmos o comportamento do mundo atual percebemos a necessidade de uma educação voltada para o entendimento, a compreensão e a valorização do belo, do bom, do verdadeiro, da vida nas suas diversas dimensões. Uma educação conforme nossa abordagem envolve sentimentos, emoções, motivações, valores morais e sociais.

Diante da realidade constatada através da pesquisa e dos estudos da Ética e da educação, chegamos à conclusão de que não dá mais para ficar inculcando dogmas e mitos nos educandos na tentativa de doutriná-los para um tipo de comportamento aceito pela moral tradicional. Precisamos de comportamentos autênticos, coerentes e equilibrados para que tenhamos uma sociedade justa e solidária. Por isso, a Ética na educação necessita ser resgatada em todos os sentidos e de maneira crítica porque ela é efetivamente o meio de reflexão sobre o qual consideramos as normas e comportamentos válidos em nossa cultura, na verdade consideramos que a Ética é um campo de discussão e de entendimento sobre como viver melhor em sociedade. Acreditamos que o princípio da verdade deverá efetivamente nortear nossa existência de educadores. O compromisso com a educação supõe necessariamente a adoção de atitudes morais e éticas de viver e compreender a vida. Nesse sentido, ser educador é exercer o papel de formador, de adulto maduro e exemplo para os que desejam aprender, conhecer, saber e ser. Entendemos que Ética e educação envolvem necessariamente o respeito pela condição humana, existencial, do outro, com todas as diferenças. Viver em comunidade envolve o respeito, a admiração e o compromisso com o outro, isso é o que consideramos a essência do viver bem.

Portanto, acreditamos firmemente no propósito de Thums quando ele diz (2003, p. 347):

É preciso desenvolver o gosto pela vida, pelo viver a vida, pelo desejo de ser melhor, pela busca incessante e constante da alegria e do prazer submetendo tudo à temperança, ou, de outra forma, ser capaz de viver no termo médio (nem tanto ao

céu, nem tanto ao mar, mas sempre com um pouco de céu e um pouco de mar). Essa é a sabedoria do bem-viver; esse é o caminho do comportamento ético.

Para alcançarmos esse objetivo é importante que a educação faça madurar na alma dos educandos um sistema de valores, um conjunto de atitudes perante a vida, a si mesmo e aos outros. Uma educação que consista essencialmente na compreensão do verdadeiro significado da vida, que nos faça ampliar a visão das coisas, do mundo e dos outros para que possamos nos posicionar e reposicionar autenticamente. Para tanto, entendemos que seja importante o desenvolvimento cognitivo, a aprendizagem técnica e científica, porém a educação não pode esquecer a formação moral do indivíduo, afinal formar uma pessoa integralmente consiste, entre outras coisas, formar uma boa pessoa. Entendemos que educação é, antes de tudo, educação moral.

Todavia os contextos de extremas contradições e de comportamentos contraditórios dificultam a educação em valores humanos. Vivemos numa época confusa e complicada, conforme analisamos no primeiro capítulo de nosso trabalho. Há uma inversão de valores. Muitas vezes o justo paga pelo injusto, há o descaso de uma sociedade que se perdeu em seus princípios. Notamos em muitos casos ser difícil resistir às tentações de uma vida fácil, de uma vida sem responsabilidade, sem compromissos. Estamos vivendo um dos períodos mais difícil da vida pública, que experimenta a corrupção em toda a sua estrutura e vive uma grande irresponsabilidade social. Vivemos um momento onde poucos desejam falar de valores, de caráter, porém temos convicção de que é o caráter de uma pessoa que valorizamos, caráter que é formado pelos valores humanos como a solidariedade, a justiça, a verdade, a ação correta, o amor, a paz, a não-violência, a cidadania, a compaixão, valores que constituem o fundamento da consciência humana.

Para alcançarmos esse objetivo, ou seja, formar um ser humano autêntico e comprometido com a construção de um mundo melhor é importante promover a eticidade da educação para que ela seja uma condicionante no processo de criação e difusão de uma sociedade que seja hegemônica, que não seja excludente. Que a educação possa contribuir para gestar uma nova possibilidade de emancipação da maioria que hoje está à margem das conquistas da modernidade. Contra o sistema capitalista excludente é necessário reconstruir a educação incorporando os valores éticos de respeito aos direitos humanos e ao meio ambiente como um todo. Torna-se a educação um processo de conquistas que promove a humanização e a libertação do ser humano.

Entretanto, para que isso se torne realidade, a educação precisa estar imbuída de uma ética universal de valores gerais que possam organizar uma sociedade justa, solidária e fraterna, uma Ética que transcenda a moral, que seja capaz de produzir um profundo sentido humano que respeite e valorize as diferenças e garanta o pleno desenvolvimento da vida humana e de todo tipo de vida do planeta.

De acordo com Ahlert (2000, p. 171-172):

Uma educação com fins éticos constrói conhecimento preocupado com a humanização e a realidade da vida; elimina o individualismo e o egoísmo da moral liberal e estimula a cooperação e solidariedade das novas gerações; busca no passado os momentos de ruptura com as morais de dominação e se alimenta da força ética com que povos lutaram pela manutenção e o melhoramento da vida. Seu esforço é a coordenação dos vários órgãos que compõem as sociedades humanas dentro de uma perspectiva global.

Nesse momento torna-se urgente uma tomada de decisão político-pedagógica a favor de uma educação ética. Na essência podemos entender que a Ética e a educação são dois esteios de uma mesma realidade na construção de seres humanos responsáveis, solidários, fraternos, livres em suas relações com os outros e com a natureza. Embora esta realidade não esteja pronta e dada, ela se constrói concomitantemente na medida do desenvolvimento da humanidade no seu processo de busca de conhecimento. É preciso empreender uma luta constante a favor da construção de comportamentos éticos que possam colaborar incansavelmente para um mundo melhor.

Devemos lutar por uma Ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou adultos. Lutar pela Ética universal do ser humano, pela Ética que condena a exploração, que condena golpear o fraco e indefeso, que condena destruir os sonhos, que condena testemunhar mentirosamente, que condena a hipocrisia, que condena toda atitude mesquinha e ignorante.

Embora tenhamos uma realidade com muitos problemas sociais, políticos e humanos, é importante reconhecer que nada está pronto ou dado; como um ser de relações, o homem está sempre em construção, não há porque nos acomodarmos, pelo contrário, devemos buscar um processo contínuo de mutação, de valorização e revalorização, na tentativa de tornar a educação cada vez mais produtiva, na constante busca da construção da cidadania ativa.

Pensar estas questões é, assumidamente, algo desafiador, uma “oposição aos valores consentidos”, entretanto, é o que nos permite dizer que todos que participam efetivamente dessas discussões estão se tornando sujeitos de processo de construção de valores e não

simples objetos tomados pelas imposições do capital tal qual fazem os indivíduos consumidos pelos padrões sociais. Não devemos nos permitir ser coisificados pelas instituições humanas que querem nos tornar alienados e dominados por elas. É tempo de desafiar a lógica do capital que prevê apenas lucros e vantagens fáceis em detrimento do ser humano propriamente. Vamos pensar e organizar a educação como um meio de formação crítico-reflexivo para que os homens deixem de ser objetos, fruto da alienação e passem a ser sujeitos com conhecimento e esperança de construir uma sociedade justa e solidária.

Segundo Freire (2002, p. 62):

Ai é que a posição anterior de autodesvalia, de inferioridade, característica da alienação, que amortece o ânimo criador dessas sociedades e as impulsiona sempre às imitações, começa a ser substituída por outra, de autoconfiança. E os esquemas e as “receitas” antes simplesmente importados passam a ser substituído por projetos, planos, resultantes de estudos sérios e profundos da realidade. E a sociedade passa assim, aos poucos, a se conhecer a si mesma. Renuncia à velha postura de objeto e vai assumindo a de sujeito. Por isso, a desesperança e o pessimismo anteriores, em torno de seu presente e de seu futuro, como também aquele otimismo ingênuo, se substituem por otimismo crítico. Por esperança, repita-se.

Portanto, não temos alternativa a não ser promover a transitividade da consciência educacional, de ingênua a crítica, a fim de que se possa emergir a consciência de que a educação não é passivismo e muito menos um adestramento de seres humanos conforme interesses dos “usurpadores do poder”. Um pouco de rebeldia, de autoconsciência, de diálogo e de responsabilidade eticamente engajada não farão mal ao Brasil, que durante muito tempo foi apascentado para alimentar os desejos das cortes coloniais e das elites dominantes.

A educação não pode mais continuar sendo reprodutora do dogma da neutralidade ou dos saberes acumulados, importados e ideológicos como se fez durante longos tempos. Não devemos negar o caráter político da educação, fazer isso é negar a própria essência da educação que é servir ao povo e colaborar no seu próprio processo de libertação. Mais uma vez Paulo Freire (2002, p. 79) é muito claro:

Meu dever ético, enquanto um dos sujeitos de uma prática impossivelmente neutra – a educativa – é exprimir o meu respeito às diferenças de idéias e de posições. Meu respeito até mesmo às posições antagônicas às minhas, que combato com seriedade e paixão.

Nossos estudos nos ajudaram a perceber também uma forte relação de comprometimento entre a educação e a Ética. Ora, se a educação lida diretamente com a formação, então ela possui o direito de requerer a Ética como condição indispensável para o

seu exercício. Por isso, o educador não deve ser um doador de conhecimento, mas estar preparado a desafiar e a ter uma prática construtiva de conhecimentos e habilidades para descobri-los e desenvolvê-los. Dessa forma, a educação pode significar libertação, contudo, para isso, ela deve estimular a reflexão crítica nos educandos e educadores a fim de que ambos participem conscientemente da busca autônoma do saber, motivando o diálogo e assumindo eticamente suas responsabilidades sociais com a cidadania, na luta constante pela vida, negando veementemente a exclusão social, a exploração e todo tipo de violência contra o ser humano.

Se de um lado a educação tem a obrigação de preparar as pessoas para a vida em sociedade, ou seja, promover nelas o desenvolvimento de competências técnicas exigidas pelo sistema, de outro, ela deve formar cidadãos capazes de conviver em sociedade de forma respeitosa e solidária, sempre tratando o outro com muita dignidade e como um ser que não pode ser manipulado ou usado como objeto.

Se levarmos em consideração que o ser humano só é humano enquanto um ser social, os valores pessoais são ao mesmo tempo valores sociais. Portanto, compete à educação a tarefa de construção da cidadania, não aquela entendida como a sujeição da pessoa ao modelo social, mas como a formação de um ser humano capaz de contribuir para a construção de uma sociedade na qual todos possam realizar-se como seres humanos.

A educação que propomos não é aquela que fomenta a formação de indivíduos submissos e adaptados ao sistema político-econômico que comprovadamente não atende aos requisitos mínimos de equidade, democracia e justiça social, mas uma educação que seja capaz de formar cidadãos solidários e autênticos. Esperamos que a educação ético-moral contribua para ampliar a capacidade reflexiva dos indivíduos para que a autonomia e liberdade subjetivas ampliadas possam ser resgatadas do individualismo hedonista e ser capitalizadas em favor de um novo projeto de transformação social.

Não podemos perder de vista a evolução dialética e contraditória da história, assim, se de um lado assistimos a privatização do Estado, da família, da religião e a imposição do mercado, do capital e do individualismo, de outro, o social, os sentidos, os valores, as transcendências começam a reocupar, no horizonte do humano, sob novas formas e dinâmicas, os seus lugares. Em meio a esse cenário a educação precisa oferecer a reflexão dialética, a resistência às imposições, inaugurando uma nova positividade, capaz de oferecer ao ser humano novos sentidos e novas utopias. Há hoje uma série de acontecimentos como os recentes movimentos sociais, a defesa do meio ambiente, as organizações pela paz, as lutas pelos direitos das minorias, mas, substancialmente a elaboração de uma nova Ética, ainda que

mínima, que transcenda os limites do hedonismo materialista, indicativos de que se inicia uma resistência contra o consumismo, contra o individualismo, contra a violência e a banalização da vida, contra a despolitização e contra as falsas promessas de felicidade pelo consumo.

Segundo Pedro Goergen (2005, p. 85):

Talvez, essa nova consciência devolva ao ser humano a dimensão perdida do social e do político, ingrediente essencial à condição humana. Parece que todos os movimentos em defesa da paz, da proteção ao meio ambiente, das minorias desamparadas, dos direitos à educação e iniciativas que hoje buscam alternativas ao imediatismo consumista valorizam precisamente essa dimensão social.

Acreditamos que os movimentos e as lutas sociais pelo acesso aos recursos materiais e culturais, pela superação das desigualdades sociais, pela preservação do meio ambiente, pelo respeito aos direitos dos mais necessitados e o respeito à vida no sentido amplo, representem o germe de uma nova utopia social a contrapor-se à ditadura do imediatismo, individualismo, da opressão do poder-capital e de todo tipo de exploração.

À educação, cabe nesse contexto, ser efetivamente um investimento em busca das condições do trabalho, da sociabilidade e da cultura, ou seja, ser uma mediação para a construção da cidadania. À educação cumpre o papel de denunciar e desmascarar todos os fatores que impedem a realização da dignidade humana e, ao mesmo tempo, anunciar as formas solidárias de ação, buscando contribuir para a construção de uma humanidade renovada. Esperamos que a educação seja de fato um processo de humanização, uma força de transformação social, contribuindo para acabar com a alienação. Diante da lógica da maximização do lucro e da banalização da vida, cabe à educação, desenvolver o papel da formação integral e de caráter solidário da Paidéia grega, formando sujeitos autônomos, conscientes, emancipados e protagonistas de novas relações sociais.

Nesse sentido, os educadores têm uma imensa tarefa dentro e fora da escola para construir uma sociedade efetivamente democrática, dentro de uma Ética fundada na justiça, na igualdade e na solidariedade humana. É importante que todos tenham muito claro que a educação existe em função do homem e que sua finalidade é promover a realização total do ser humano, é levá-lo a construir sua existência, a planejar seu futuro, a solucionar suas dificuldades reais da vida, é formá-lo para a superação da fome, do analfabetismo, da miséria, de todo tipo de sofrimento humilhante e para a conquista de níveis de vida que possibilitem a realização total do homem.

Queremos rejeitar a pedagogia da neocolonização, pois ela é utilizada para subordinar e colonizar o ser humano. Reclamamos uma pedagogia, uma educação que promova a

libertação do homem, que o torne capaz de construir sua independência, seu desenvolvimento e o crescimento social de todos os setores do país.

É fundamental dar um novo valor à dimensão da educação, para que ela possa oferecer a cada ser humano, os meios para compreender o outro na sua individualidade e compreender o mundo na sua macrorealidade. O novo curso da história, que após 1989, tem provocado o triunfo de uma lógica do capital, baseada na lei do mais forte e subordinado a um neoliberalismo sem alma, requer um sobressalto de nossa consciência, um despertar ético diante do aumento das desigualdades sociais e culturais. É urgente o despertar da solidariedade e do espírito comunitário como princípio orgânico e organizador de vida, como alternativa à exclusão e à desvitalização do tecido social. Convocamos ainda a educação a assumir seu papel de formação de valores que servirão de alicerce duradouro da sociedade do futuro. Educar para a formação de personalidade madura para que ocorra tanto o fortalecimento da autonomia pessoal como da construção de uma alteridade solidária, ou seja, da valorização do outro como atitude moral. É a humanização concebida dentro do processo de liberdade e responsabilidade. A educação pode ser fonte de transição do *homo homini lupus* – homem lobo do homem – para o *homo homini amicus* – homem amigo do homem – sempre que tenha uma intencionalidade comunitária.

Temos uma tarefa gigantesca em nível educacional para que possamos construir uma nova ordem social e cultural no século XXI. Ela acontecerá na medida em que a educação for capaz de formar, sobretudo, para a justiça que se pode reconstituir o núcleo de uma educação moral das consciências que supõem uma cultura de inconformismo e de recusa perante todo tipo de injustiça ao mesmo tempo em que se criam atitudes político-psicológicas para se agir concretamente pela justiça social e pela paz.

Somos conclamados a fazer do século XXI, em essência, um horizonte de nova esperança. Uma esperança que tenha sua prioridade educativa eminentemente humana e humanizadora, como sua aliada na construção de uma nova ordem social onde todos possam ser capacitados para participar do processo de desenvolvimento e da recuperação da centralidade da pessoa na sua plena e inviolável dignidade. Necessitamos, para isso, de uma educação que seja realmente pluralista baseada numa filosofia humanista, isto é, numa Ética que encara positivamente a possibilidade de construção de uma nova realidade onde todos tenham oportunidades iguais e possam viver em harmonia.

Nossa pesquisa apontou que, se um lado, a Ética e outros valores humanos como a paz, a tolerância, a justiça, a não-violência, o amor, a solidariedade, a compaixão não são estudados como temas transversais, de outro lado, tanto as pesquisas bibliográficas quanto

nossos colaboradores demonstraram interesse e consciência sobre a importância em implementar a educação com esses temas, com o reto e claro objetivo de formar seres humanos capazes de comportamentos autênticos e altruístas.

Aproveitamos, no entanto, para reafirmar a importância de introduzir esses temas como uma forma de retomar a educação ético-moral-humanista e construir a cultura da solidariedade entre todos os seres humanos. Ou educamos para um movimento radical contra tudo que depõe contra a vida ou também não haverá futuro para a própria humanidade. Diante de tantas contradições produzidas especialmente pelo século XX, mormente com relação ao individualismo e ao egoísmo, acreditamos ser de extrema urgência e importância adotar como imperativo ético uma incansável luta contra a miséria e a ignorância, só assim teremos condições de um futuro seguro e de uma convivência respeitosa e equilibrada entre os seres humanos e o meio ambiente. Garantir a vida como proposição máxima é garantir o fundamento ético maior que reside na valorização da pessoa humana como um ser de relações solidárias, capaz de generosidade na construção do bem comum e de uma convivência cooperativa e pacífica.

Nossas considerações finais têm como suporte a utopia filosófica, pois acreditamos que teremos condições de apresentar valores e princípios que estimulam práticas alternativas à irracionalidade imposta pela atual forma de globalização e de condução técnico-política do mundo. Só assim é possível criar condições necessárias para uma hospitalidade viável entre todos. Unamos-nos todos com o propósito de educar para a liberdade, para a responsabilidade e para a felicidade de todos.

REFERÊNCIAS

ADEODATO, João Maurício. **Ética e retórica**: para uma teoria da dogmática jurídica. São Paulo: Saraiva, 2002.

AHLERT, Alvor. **A eticidade da educação**: o discurso de uma práxis solidária/universal. 2. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

ARDUINI, Juvenal. **Homem libertação**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1975.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **Entre o passado e o futuro**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores, v.2.)

BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. **O combate à pobreza no Brasil**: dilemas entre políticas de crescimento e políticas de redução de desigualdade. São Paulo, IPEA, 1999.

BARUCH, Espinosa. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho**: pais bons o bastante. 29. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **Ética e eco-espiritualidade**. Campinas: Verus, 2003.

_____. **Virtudes para um outro mundo possível**: consciência, respeito e tolerância. Rio de Janeiro, Vozes, 2005. v.2.

_____. **Virtudes para um outro mundo possível**: hospitalidade: direito e dever de todos. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. v.1.

_____. **Saber cuidar**: ética do humano: compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BITTAR, Eduardo C. B. **Ética, educação, cidadania e direitos humanos**. Barueri, SP: Manole, 2004.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. Conferência Nacional dos Bispos. **Educação, igreja e sociedade** 8 .ed. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documentos, v.50)

_____. **Ética**: pessoa e sociedade. e. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. (Documentos v.47)

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 outubro de 1988. Atualizada até a Emenda Constitucional n. 42, de 19-12-2003, acompanhada de novas notas remissivas e dos textos integrais das Emendas Constitucionais de revisão Adendo especial com os textos originais dos artigos alterados. 33.ed. atual. ampl.. São Paulo: Saraiva, 2004. (Saraiva e legislação)

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Estatísticas do século XX**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003

_____. Lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. São Paulo: Ed. do Brasil , 1998.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **PCN**: Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRZEZINSKI, Iria (Org.). **LDB interpretada**: diversos olhares se cruzam. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BUSCAGLIA, Léo. **Amando uns aos outros**: o desafio das relações humanas. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

BUFFA, Ester; ARROYO,Miguel; NOSELLA, Paolo. **Educação e cidadania**: quem educa o cidadão? 11. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. 10. ed. São Paulo: Ed. Gente, 2004.

CHANGEUX, Jean Pierre. **Uma ética para quantos?** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O fenômeno humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2004.

CHIAVENATO, Júlio José. **Ética globalizada & sociedade de consumo**. São Paulo: Moderna, 1998.

COMPARATO, Fábio Konder. **A afirmação histórica dos direitos humanos** religião no. São Paulo: Saraiva, 2001.

_____. **Ética**: direito , moral e mundo moderno. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

COTRIM, Gilberto . **Fundamentos da filosofia**. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006

CUNHA, Luiz Antonio. Os parâmetros curriculares para o ensino fundamental: convívio social e ética. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 99, p. 60-72, nov., 1996.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos humanos e cidadania**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. **Viver em sociedade**: Declaração Universal dos Direitos Humanos. São Paulo: Moderna, 1985.

DELORS, Jacques (Org). **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.).

DEMO, Pedro. **A educação pelo avesso**: assistência como direito e como problema. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Política social, educação e cidadania**. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005

_____. **Saber pensar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DEWEY, John. **Vida e educação**. 10. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1978.

DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

DUSSEL, Henrique. **Ética da libertação**: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.

EPICURO. **Lucrecio, Cícero, Sêneca**.. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores)

ESCALONA, Sara Lopes. **Humanização**: tarefa de todos. São Paulo: Paulinas, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

_____. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Nacional, 1998.
- FURTER, Pierre. **Educação e reflexão**. 10. ed. Petrópolis, Vozes,. 1978.
- GADOTTI, Moacir. **A educação contra a educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **História das idéias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GÉNÉREUX, Jacques. **O horror político: o horror não é econômico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade: ética e educação**. 2. ed. Campinas, SP, Autores Associados, 2005.
- HERMANN, Nadja. **Pluralidade e ética em educação**. Rio de Janeiro: DPZA, 2001.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores, v.1)
- INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Scipione, 1997.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores)
- _____. **Sobre a pedagogia**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1996.
- LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia da administração**. São Paulo: Atlas, 1997.
- LIMA VAZ, Henrique. Ética e razão moderna. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 22, n. 68, p.53-84,1995,
- LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN, Pedro (Org.). **Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- MACINTYRE, Alasdair. **Justiça de quem?: qual racionalidade?** São Paulo: Loyola, 1991.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1988.

MARÍAS, Julian. **História da filosofia**. 6 ed. Porto Portugal: Sousa & Almeida, 1982.

MATURANA, Humberto R. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

_____. **Emoções e linguagens na educação e na política**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

MONDIN, Batista. **O homem, quem é ele?** São Paulo: Paulinas, 1980.

MONTESSORI, Maria. **Educação e paz**. Campinas: Papirus, 2004

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MORRO AGUDO. Prefeitura Municipal. Escola Maria Amália Volpon de Figueiredo. **Projeto político-pedagógico**: 2006. Morro Agudo, 2006

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores)

NUNES, César Aparecido. **A aprendendo filosofia**. Campinas: Papirus, 1986.

PASSOS, Elizete. **Ética nas organizações**. São Paulo: Atlas: 2004.

PLATÃO. **Diálogos**. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores)

PERRENOUD, Philippe; THURLER, Mônica Gather (Orgs.). **As competências para ensinar no Século XXI**. Porto Alegre: Artimed, 2002.

PETRAGLIA, Izabel; PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R. S. (Org.). **Edgar Morin**: ética, cultura e educação. São Paulo: Cortez, 2003.

PORTER, Eleanor H. *Polyanna*. 36. ed. São Paulo: Nacional, 2001

PRADO JUNIOR, Caio. **O que é filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Primeiros Passos, 37)

REBOUL, Olivier. **Filosofia da educação**. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1984.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, São Paulo, v.15, n. 42, 2000.

REVISTA EMANCIPAÇÃO, Ponta Grossa, v.1, n.1, 2001.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

ROSSI, Wagner Gonçalves. **Capitalismo e educação**. São Paulo, Moraes, 1980.

ROUSSEAU, Jean Jaques. **Escritos sobre la paz e la guerra**. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1982.

_____. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

RUSS, Jaqueline. **Pensamento ético contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 1999.

RUSSEL, Bertrand. **Educação e vida perfeita**. São Paulo: Nacional, 1945.

SÁ, Antonio Lopes de. **Ética profissional**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo, 1998.

SEVERINO, Antônio J. Educação e ética no processo de construção da cidadania. In: LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN, Pedro. **Ética e educação**: reflexões filosóficas e históricas. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **Filosofia da educação**: construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994.

_____. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores)

SILVEIRA, Ubaldo. Educação : qualidade de vida! In: SEMANA DO SERVIÇO SOCIAL, 11., 1998, Franca. **Anais...** Franca, Unesp, 1998

SÓCRATES. **Platão: defesa de Sócrates**. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores)

SOUZA, Herbert de; RODRIGUES, Carla. **Ética e cidadania**. São Paulo: Moderna, 1994.

SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido da. **Conversando sobre ética e sociedade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo**. 4. ed. São Paulo: Gente, 1998.

THUMS, Jorge. **Ética na educação**: filosofia e valores na escola. Canoas, RS: Ed. da ULBRA, 2003.

TOBIAS, José Antonio. **Filosofia da educação**. 4. ed. Presidente Prudente, SP: Ed. da UNOESTE, 1986.

TOMAZI, Nelson Décio (Coord.). **Iniciação à sociologia**. São Paulo: Atual, 2000.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1992.

VALLS, A. **Ética:** o que é. São Paulo: Brasiliense, 2004.

VASQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VIDAL, Marciano. **Moral de atitudes:** ética da pessoa. 3. ed. Aparecida, SP: Santuário, 1981.

VITA, Álvaro de. **Sociologia da sociedade brasileira.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.